



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

LUCAS BERTOLUCCI BARBOSA DE LIMA

**A DESORIENTAÇÃO NO SISTEMA DE ALAIN BADIOU:
ENTRE OS PLANOS DO SER, DO APARECER E DA VERDADE**

Londrina

2026

LUCAS BERTOLUCCI BARBOSA DE LIMA

**A DESORIENTAÇÃO NO SISTEMA DE ALAIN BADIOU:
ENTRE OS PLANOS DO SER, DO APARECER E DA VERDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Linha de Pesquisa: Conhecimento e Subjetividade) – PPGFil, à Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito para obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alexandre Gomes Nalli.

Londrina

2026

Lima, Lucas Bertolucci Barbosa de

A desorientação no sistema de Alain Badiou: entre os planos do ser, do aparecer e da verdade / Lucas Bertolucci Barbosa de Lima; orientador Marcos Alexandre Gomes Nalli - Londrina, 2026.

171 p.

Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2025.

1. Fenômeno-lógica. 2. Transcendental. 3. Inexistente verdadeiro. 4. Orientação. 5. Ética. I. Nalli, Marcos Alexandre Gomes, orient. II. Título.

CDD: _____

LUCAS BERTOLUCCI BARBOSA DE LIMA

**A DESORIENTAÇÃO NO SISTEMA DE ALAIN BADIOU:
ENTRE OS PLANOS DO SER, DO APARECER E DA VERDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Linha de Pesquisa: Conhecimento e Subjetividade) – PPGFil, à Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito para obtenção do título de Doutor em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alexandre Gomes Nalli
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. José Mauro Garboza Junior
Universidade Estadual do Norte do Paraná

Prof. Dr. Norman Roland Madarasz
Monarch Business School Switzerland

Prof. Dr. Rafael Saldanha
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Lorena Balbino
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 17 de abril de 2026.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, que possibilitou a realização desta pesquisa ao longo do doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina (PPGFil-UEL), representado por seu coordenador, Prof. Dr. Charles Feldhaus, e por sua vice-coordenadora, Profa. Dra. Andréa Luisa Bucchile Faggion, deixo minha gratidão pela oportunidade de formação acadêmica e pelo acolhimento institucional.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Alexandre Gomes Nalli, manifesto especial reconhecimento por sua paciência, pela escuta sempre atenta e pelo raro gesto de conceder liberdade intelectual para que esta pesquisa seguisse seus próprios caminhos.

Aos meus queridos amigos José Mauro Garboza Junior e Luiz Guilherme Nunes Cicotte, agradeço pelas leituras compartilhadas e pelas conversas inspiradoras em torno da obra de Alain Badiou.

À minha família, em especial meus pais e minha irmã, agradeço pela cumplicidade e pelo apoio constante em cada etapa do percurso.

À minha namorada, Maria Julia Mettifogo Serodio, sou profundamente grato por acreditar em mim e por me apoiar em todas as minhas escolhas.

Um agradecimento especial à minha prima e madrinha, Maria Paula, que me presenteou com uma edição original de *Logiques des mondes* (fundamental para o desenvolvimento deste trabalho).

Ao Grupo Desleitura, aos meus familiares e a tantos amigos que, de diferentes formas, me acompanharam nesta jornada, registro também minha sincera gratidão.

E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas

lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,

a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.

[...]

Mas, como eu relutasse em responder
a tal apelo assim maravilhoso,
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,

a esperança mais mínima — esse anelo
de ver desvanecida a treva espessa
que entre os raios do sol inda se filtra;

como defuntas crenças convocadas
presto e fremente não se produzissem
a de novo tingir a neutra face

que vou pelos caminhos demonstrando,
e como se outro ser, não mais aquele
habitante de mim há tantos anos,

passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes

em si mesmas abertas e fechadas;
como se um dom tardio já não fora
apetecível, antes despiciendo,

baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.

[...]

(Carlos Drummond de Andrade –
A Máquina do Mundo)

Aos meus pais e à minha irmã.

LIMA, Lucas Bertolucci Barbosa de. **A desorientação no sistema de Alain Badiou:** entre os planos do ser, do aparecer e da verdade. 2026. 171 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Filosofia) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2026.

RESUMO

Inserida no cruzamento entre ontologia, fenomenologia e verdade, a desorientação é um assunto que atravessa as abordagens filosóficas mais recentes de Alain Badiou. Com base nisso, esta tese investiga de que modo a categoria da desorientação pode ser devidamente definida dentro da filosofia badiouana e quais são seus reflexos na fenômeno-lógica. Para resolver este problema, o percurso metodológico consistiu na leitura dos livros *L'être et l'événement* (1988), *Logiques des mondes* (2006), *L'éthique* (1994) e *Remarques sur la désorientation du monde* (2022), todos de Badiou, bem como na análise de outros de seus escritos. Por meio desse trajeto, mostrou-se que a desorientação deriva das verdades, operando no plano do sujeito como oposição à orientação. Na fenômeno-lógica, em específico, a desorientação é responsável pela produção de mundos átonos, que vedam todo tipo de mudança real. Diante disso, conclui-se que a desorientação, dentro do sistema de Alain Badiou, não é uma característica mundana, mas uma propriedade do plano do sujeito que implica uma neutralização do inexistente em prol da conservação daquilo que existe.

Palavras-chave: Fenômeno-lógica. Transcendental. Inexistente verdadeiro. Orientação. Ética.

LIMA, Lucas Bertolucci Barbosa de. **A desorientação no sistema de Alain Badiou: entre os planos do ser, do aparecer e da verdade [Disorientation in Alain Badiou's System: Between the Planes of Being, Appearance, and Truth]**. 2026. 171 f. Doctoral Dissertation (PhD in Philosophy) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2026.

ABSTRACT

Situated at the intersection of ontology, phenomenology, and truth, disorientation is a theme that runs through Alain Badiou's most recent philosophical approaches. On this basis, this thesis investigates how the category of disorientation can be properly defined within Badiou's philosophy and its implications for the phenomeno-logic. To address this problem, the methodological path consisted of a close reading of *L'être et l'événement* (1988), *Logiques des mondes* (2006), *L'éthique* (1994), and *Remarques sur la désorientation du monde* (2022), all by Badiou, as well as an analysis of other writings by the author. Through this trajectory, it is shown that disorientation derives from truths, operating at the level of the subject as an opposition to orientation. In the phenomeno-logic in particular, disorientation is responsible for the production of atonic worlds, which preclude any kind of real change. Accordingly, we conclude that disorientation, within Alain Badiou's system, is not a worldly characteristic but a property of the plane of the subject that entails a neutralization of the inexistent in favor of the preservation of what exists.

Keywords: Pheno-logic. Transcendental. True Inexistent. Orientation. Ethics.

LIMA, Lucas Bertolucci Barbosa de. **A desorientação no sistema de Alain Badiou: entre os planos do ser, do aparecer e da verdade [La désorientation dans le système d'Alain Badiou : entre les plans de l'être, de l'apparaître et de la vérité]**. 2026. 171 f. Thèse de Doctorat (Doctorat en Philosophie) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2026.

RÉSUMÉ

Inscrite au croisement de l'ontologie, de la phénoménologie et de la vérité, la désorientation constitue un thème qui traverse les approches philosophiques les plus récentes d'Alain Badiou. Sur cette base, cette thèse examine de quelle manière la catégorie de la désorientation peut être rigoureusement définie au sein de la philosophie badiouienne et quelles en sont les implications pour la phénoménologie. Afin de résoudre ce problème, la démarche méthodologique a consisté en la lecture de *L'Être et l'Événement* (1988), *Logiques des mondes* (2006), *L'Éthique* (1994) et *Remarques sur la désorientation du monde* (2022), tous de Badiou, ainsi que dans l'analyse d'autres écrits de l'auteur. À travers ce parcours, il est montré que la désorientation dérive des vérités, opérant au niveau du sujet comme une opposition à l'orientation. Dans la phénoméno-logique en particulier, la désorientation est responsable de la production de mondes atones, qui interdisent toute forme de changement réel. Dès lors, on conclut que la désorientation, au sein du système d'Alain Badiou, n'est pas une caractéristique mondaine, mais une propriété du plan du sujet qui implique une neutralisation de l'inexistant au profit de la conservation de ce qui existe.

Mots-clés: Phénoméno-logique. Transcendantal. Inexistant véritable. Orientation. Éthique.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O TRANSCENDENTAL COMO ORGANIZAÇÃO MUNDANA DO SER.....	18
2.1 A filosofia como espaço para a compossibilidade das verdades.....	20
2.2 A estruturação ontológica do ser	30
2.3 O aparecer de um ente é indexado ao transcendental de um mundo	41
2.4 O grau mínimo de aparição e a conjunção.....	47
2.5 O envelope, a distribuição e o avesso.....	50
2.6 O grau máximo de aparição e a dependência.....	53
2.7 Considerações conclusivas: ontologia como mundo	56
3 A OBJETIVAÇÃO DAS RELAÇÕES INTRAMUNDANAS	59
3.1 Sobre o fenômeno e a existência	62
3.2 O objeto como conjunção da componente fenomenal e do átomo real.....	65
3.3 Localizando os aparentes.....	71
3.4 A síntese real e o functor transcendental	74
3.5 Abertura imanente, fechamento ontológico	80
3.6 A relação entre objetos e a completude lógica de um mundo	83
3.7 Considerações conclusivas: <i>nada</i> além do mundo	93
4 ORIENTAÇÃO SUBJETIVA EM UMA FENÔMENO-LÓGICA.....	97
4.1 O devir mundano: entre a modificação e a mudança	102
4.2 A decisão de se localizar um inexistente verdadeiro	109
4.3 Verdade e sujeito: trajeto e incorporação	114
4.4 Dos usos da palavra “orientação”	123
4.5 Desorientação de mundo	134
4.6 Sobre a relação entre desorientação e orientação.....	149
4.7 Considerações conclusivas: desorientação e atonia	159
5 CONCLUSÃO.....	163
REFERÊNCIAS.....	167

1 INTRODUÇÃO

Alain Badiou é um filósofo francês (discípulo de Louis Althusser, com quem já trabalhou) que se notabilizou por propor uma reconfiguração sistemática da filosofia, ancorando a ontologia na matemática e reivindicando para o pensamento um papel explicativo renovado. Nascido em Marrocos, no ano de 1937, Badiou se formou na *École Normale Supérieure* e consolidou uma longa carreira acadêmica em instituições como *Paris 8* (para a qual foi indicado por Michel Foucault), *Paris 7* e novamente na *École*, onde fundou e dirigiu um centro voltado ao estudo da filosofia francesa contemporânea. Contudo, paralelamente à sua trajetória profissional, Badiou também desenvolveu intensa militância política, da luta anticolonial nos anos 1950 à liderança maoísta após 1968, estendendo depois seu engajamento à defesa dos trabalhadores sem documentos e às lutas por novos modos de ação política. Em razão disso, sua filosofia está diretamente ligada à prática política e aos seus pensamentos¹.

No contexto histórico-filosófico, a filosofia de Alain Badiou se insere em um entrecruzamento singular de pensamentos que marcam a cena intelectual da filosofia francesa do século XX: a filosofia, a psicanálise, as matemáticas e o marxismo. Da filosofia, Badiou retém a atenção a alguns problemas caros, especialmente, à fenomenologia e ao estruturalismo. Da psicanálise, Badiou se apropria da noção de um real irreduzível a qualquer simbolização. Das matemáticas, sobretudo da teoria dos conjuntos e da teoria das categorias, o filósofo francês extrai o aparato formal para se pensar a indeterminação do ser. Já do marxismo, Badiou incorpora a perspectiva materialista, que privilegia as práticas concretas de transformação do social.

Nesse contexto, o estruturalismo constitui o primeiro horizonte decisivo com o qual Badiou dialoga criticamente. Tal movimento buscou afastar-se tanto da especulação hegeliana quanto do primado fenomenológico da consciência, introduzindo nas ciências humanas e na filosofia um ideal de rigor inspirado em linguagens formais, sobretudo na lógica e na matemática. A centralidade das

¹ MADARASZ, Norman. *O múltiplo sem um: uma apresentação do sistema de Alain Badiou*. 1. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2011, p. 13-14.

estruturas simbólicas implicava conceber o sentido como efeito de sistemas regulados por regras imanentes, organizados a partir de um vazio ou de uma ausência de sentido fundamental. Nesse quadro, a subjetividade deixava de ser fundamento para aparecer como efeito das estruturas, o que levou a uma forte tendência à formalização e à matematização do pensamento, particularmente nos trabalhos ligados a Lacan, Althusser e ao *Ciclo de Epistemologia de Ulm*, ambiente intelectual no qual o próprio Badiou se formou².

A partir de 1968, contudo, esse projeto estrutural entrou em crise, abrindo espaço para o que se convencionou chamar de pós-estruturalismo. A reação dirigiu-se sobretudo contra o que passou a ser percebido como um reducionismo logicista: a pretensão de submeter a totalidade da prática filosófica a esquemas formais transparentes. Inspirados, entre outros, por Nietzsche, pensadores como Foucault, Derrida, Deleuze e Lyotard deslocaram a filosofia para análises locais, históricas e genealógicas, marcadas pela recusa de fundamentos universais e pela suspeita em relação à ontologia e à matemática como discursos privilegiados da verdade. O sentido passa a ser pensado como instável, fragmentário e dependente de jogos de linguagem, práticas discursivas e relações de poder, enquanto a subjetividade se dissolve em processos de descentralização e dispersão conceitual³.

É nesse duplo pano de fundo que se pode compreender a posição singular de Badiou. Ele herda do estruturalismo a exigência de rigor formal e a centralidade da matemática, mas rejeita seu determinismo estrutural e a redução do sujeito a mero efeito. Ao mesmo tempo, distancia-se do pós-estruturalismo ao recusar a abdicação do projeto ontológico e a dispersão relativista do sentido. Sua filosofia emerge, assim, como uma tentativa de manter a ambição sistemática e a formalização conceitual sem abrir mão da noção de ruptura e de categorias como verdade e sujeito, concebidas não como fundamentos dados, mas como efeitos raros e excepcionais no interior das situações históricas.

Assim, no interior da filosofia francesa, sua obra dialoga com os grandes

² MADARASZ, Norman. *O múltiplo sem um: uma apresentação do sistema de Alain Badiou*. 1. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2011, p. 14-17; DOSSE, François. *História do estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966*. v. 1. Tradução de Álvaro Cabral. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018, p. 408-414.

³ MADARASZ, Norman. *O múltiplo sem um: uma apresentação do sistema de Alain Badiou*. 1. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2011, p. 17-20; DOSSE, François. *História do estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. v. 2. Tradução de Álvaro Cabral. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018, p. 251-263.

movimentos de sua época, ao mesmo tempo em que deles se distancia. Em *O conceito de modelo* (1969), o filósofo francês propõe, contra o estruturalismo dominante e outras vertentes do saber, uma concepção mais flexível de modelo, fundada em recursos matemáticos. Em *Teoria do sujeito* (1982) e *O ser e o acontecimento* (1988), Badiou retoma a categoria de sujeito, contrapondo-se tanto à sua fundação estruturalista quanto à sua dissolução pós-estruturalista, para concebê-lo como ruptura, e não como simples efeito da estrutura. Por fim, em *Lógicas dos mundos* (2006), Badiou se reaproxima do horizonte fenomenológico, elaborando uma fenômeno-lógica, ou seja, uma fenomenologia do aparecer axiomatizada por meio de uma lógica intuicionista do campo das matemáticas⁴.

Esse percurso filosófico, entretanto, só pode ser devidamente compreendido quando se nota que a arquitetura conceitual de Badiou, seja no registro ontológico, seja no fenomenológico, repousa sobre um pressuposto subtrativo, qual seja, o sujeito. A ontologia do ser-múltiplo, formulada em linguagem conjuntista, não pode dispensar a hipótese de um sujeito, isto é, de uma instância filosófica que corresponde à possibilidade de se conectar uma verdade ao ser-múltiplo, extraindo consequências do traço de um acontecimento. Da mesma forma, a fenômeno-lógica, embora exclua o sujeito do aparecer como regra, requer que exista, para além da lógica mundana, uma instância capaz de produzir efeitos não dedutíveis do próprio mundo. Em Badiou, portanto, tanto o ser quanto o aparecer são inteligíveis apenas porque há, em último caso, um plano subjetivo que opera a conexão entre um inexistente e sua possível vinda à existência.

A presença desse pressuposto é particularmente relevante porque indica que, embora cada parte do sistema badiouano possa ser estudada isoladamente, a ontologia, a fenomenologia, a teoria do sujeito, nenhuma delas funciona sem as demais. Ou seja, a ontologia fornece as operações formais do ser; a fenomenologia determina a lógica do aparecimento; mas apenas o sujeito é capaz de articular um ponto de exceção real que transforme a relação entre ser e aparecer. Todo o edifício conceitual de Badiou depende dessa instância que, embora finita, possibilita que algo além do mundo venha a se inscrever nele. Assim, qualquer categoria que pretenda

⁴ Por se tratar de uma fenomenologia própria, pautada pela lógica, o termo “fenômeno-lógica” (hifenizado) será usado para se referir à construção fenomenológica empreendida por Badiou em *Lógicas dos mundos*.

descrever um certo conjunto de fenômenos na ordem da existência, como é o caso da desorientação, deve ser examinada à luz dessa estrutura tripartida.

É nesse contexto que emerge a problemática da desorientação. Se a orientação, como veremos, corresponde à capacidade de um sujeito situar-se em relação a uma verdade, então a desorientação parece indicar ou uma rejeição ou, ao menos, uma indiferença em relação a essa capacidade. E aqui surge uma dificuldade conceitual fundamental: a desorientação designa uma falha nos mundos, um fenômeno no nível da distribuição transcendental dos graus de existência, ou trata-se de uma perturbação específica do plano subjetivo? Em outros termos: estaríamos diante de algo que se inscreve no registro ontológico/fenomenológico, ou de uma categoria que perturba, antes, a relação entre sujeito e verdade?

A presente tese parte, portanto, da hipótese preliminar de que a desorientação não pode ser descrita adequadamente sem que se explicita a sistemática geral do pensamento badiouano, na qual o sujeito desempenha um papel central. Somente compreendendo esse pano de fundo é possível determinar se a desorientação é uma categoria de ordem mundana, relativa à lógica da aparição, ou se diz respeito à economia interna das verdades e das orientações subjetivas. Essa dificuldade, longe de ser apenas terminológica, toca o núcleo do sistema filosófico de Badiou e revela a necessidade de uma investigação que percorra seus eixos conceituais.

Levando em conta esta breve exposição, esta tese toma como problema central a relação entre a fenômeno-lógica e a categoria da desorientação, buscando responder de que modo o conceito de desorientação se insere na fenômeno-lógica. Se se trata de uma desorientação no interior do mundo, isto é, que se manifesta de diversos modos no mundo contemporâneo, essa categoria deve se inserir no plano do ser-múltiplo. Consequentemente, ela poderia ser interpretada como a mera indiferença mundana em relação à orientação. Porém, se se trata de uma desorientação que afeta o mundo a partir de um outro registro, essa categoria deve se inserir no plano do sujeito. Por consequência, ela poderia ser interpretada não como mera indiferença mundana, mas como oposição direta, no plano subjetivo, à orientação. Desse modo, o que se busca é discriminar em qual plano a categoria da desorientação se insere na fenômeno-lógica.

Para enfrentar essa questão, adotou-se como metodologia a leitura de *O ser e o acontecimento* (*L'être et l'événement*), de 1988, obra em que Badiou formaliza sua

ontologia; a leitura de *Lógicas dos mundos* (*Logiques des mondes*), de 2006, obra em que Badiou formaliza sua lógica do aparecer; a leitura de *A ética* (*L'éthique*), de 1994, obra em que Badiou formaliza sua ética; a leitura e a tradução de *Notas sobre a desorientação do mundo* (*Remarques sur la désorientation du monde*), de 2022, texto em que o filósofo mobiliza de forma explícita a noção de desorientação; a consulta a outros escritos de Badiou, de diferentes períodos de sua produção, a fim de mapear continuidades e deslocamentos conceituais; e, finalmente, a confrontação com textos de comentadores. Esse percurso literário foi formalizado textualmente em três capítulos, resumidos nos parágrafos seguintes.

O primeiro capítulo reconstrói a base ontológica da filosofia de Alain Badiou, mostrando como o filósofo francês articula a matemática e o materialismo dialético para pensar o ser como pura multiplicidade. Contra toda concepção que pretenda encerrar o ser em fundamentos últimos ou totalidades fechadas, Badiou, em *O ser e o acontecimento*, recorre à teoria dos conjuntos de Zermelo-Fraenkel, tomando-a como linguagem capaz de tematizar a contingência e a plasticidade do ser, por meio de categorias como vazio, situação, estado da situação, conjunto potência, ordinalidade e cardinalidade. Esses operadores, longe de constituírem um formalismo abstrato, permitem compreender a primazia do múltiplo sobre o uno, a estruturação da normalidade e da exceção, bem como a tensão entre regularidade e acontecimento. No entanto, a ontologia conjuntista mostra-se insuficiente para explicar a maneira como os múltiplos se manifestam em mundos determinados. Por isso, em *Lógicas dos mundos*, Badiou amplia sua proposta em direção a uma fenômeno-lógica, sustentada pela categoria do transcendental, que é a estrutura imanente que organiza os graus de identidade e torna possível a inteligibilidade do aparecer. Desse modo, o ser, enquanto pura multiplicidade, só adquire consistência concreta em mundos específicos, cada um deles regido por sua própria legislação transcendental.

O segundo capítulo aprofunda essa fenômeno-lógica, examinando como os entes se identificam, se localizam e se relacionam em mundos particulares. O transcendental organiza as regras gerais de identidade, mas é a lógica atômica que mostra como o múltiplo se apresenta em seu nível elementar, a partir dos chamados átomos de aparecimento. Nessa perspectiva, o objeto é definido como a unidade mínima do aparecer, formada pela identidade transcendental de suas partes múltiplas

e pelos graus de existência que essas identidades adquirem em um mundo. Um objeto não se reduz, portanto, a uma essência isolada, mas emerge de escolhas transcendentais que determinam o que conta como elementar em sua composição. Além disso, os objetos se inserem em uma rede de relações que só existem quando visíveis, isto é, quando expostas a um terceiro objeto que as apreende. Essa visibilidade pode alcançar um grau universal, quando outro objeto observa a própria apreensão da relação por um terceiro, assegurando sua consistência objetiva. Assim, a lógica do aparecer conecta aspectos topológicos e algébricos, assegurando que cada ente preserve sua unidade enquanto participa de uma rede relacional que garante a consistência universal do mundo.

Por fim, o terceiro capítulo investiga a articulação entre a lógica mundana do aparecer e a irrupção de acontecimentos, mostrando como Badiou pensa a possibilidade de transformações reais. Todo mundo admite variações internas, previstas em sua consistência transcendental, mas também rupturas radicais que emergem sob a forma de acontecimentos. Esses acontecimentos fazem aparecer o inexistente, isto é, aquilo que não tinha lugar na lógica mundana, instaurando um processo de verdade. Tal processo depende da ação de um sujeito que, participando da verdade, conecta o traço do acontecimento a um corpo, atribuindo consistência à novidade. O sujeito, por sua vez, se relaciona com a questão do orientar-se na existência, dando abertura ao problema da desorientação, investigado a partir de uma análise descritiva dos *Notas sobre a desorientação do mundo*. Ao final, as categorias da orientação e da desorientação são confrontadas, de modo a dar uma resposta ao problema de pesquisa.

É preciso, porém, fazer uma nota explicativa a respeito de algumas escolhas do autor. Em primeiro lugar, em razão da importância e da precedência da categoria da verdade para a filosofia badiouana, optou-se por apresentar esta categoria já no início do primeiro capítulo. Contudo, um aprofundamento maior da verdade e a apresentação da categoria do sujeito só se dão do último capítulo. Isso ocorre porque essas categorias são melhores expostas com o auxílio do ferramental proporcionado pela ontologia e pela fenômeno-lógica.

Em segundo lugar, optou-se por reproduzir as demonstrações matemáticas feitas pelo próprio Badiou. O objetivo não é tornar a leitura enfadonha ou cansativa, mas mostrar como o próprio filósofo expõe, por meio de suas ferramentas, aquilo que

propõe. Desse modo, os trechos que contêm tais demonstrações foram grafados em tom cinza, para que o leitor possa encontrá-los com maior facilidade.

Assim, por meio do percurso metodológico acima mencionado, esta tese buscou delimitar o conceito de desorientação no horizonte da filosofia badiouana, em especial em sua fenômeno-lógica. A partir disso, os capítulos subsequentes desenvolvem uma investigação sistemática das categorias que sustentam a teoria das verdades, a teoria dos sujeitos, a ontologia e, principalmente, a fenômeno-lógica, preparando o terreno para que o conceito de desorientação possa ser devidamente examinado. Ressalte-se que as hipóteses adiante aventadas não devem ser consideradas postulados nem buscam exaurir a temática. Trata-se, em verdade, de um modo (entre outros) de arranjar o quadro conceitual de Alain Badiou, de modo a esclarecer a questão da desorientação no sistema badiouano.

2 O TRANSCENDENTAL COMO ORGANIZAÇÃO MUNDANA DO SER

Como será exposto neste capítulo, Alain Badiou parte da ideia de que a filosofia não cria verdades, mas reflete sobre as condições de sua emergência nos diferentes campos do saber, oferecendo um espaço de compossibilidade entre eles. Para fundamentar essa proposta, Badiou recorre à teoria dos conjuntos, tomando-a como uma linguagem que é capaz de tematizar o ser em sua multiplicidade, desenvolvendo uma ontologia que não se encerra em fundamentos últimos, mas que se abre ao devir. Nesse horizonte, sua reflexão avança da pura multiplicidade para a lógica do aparecer, investigando como os entes se manifestam em mundos determinados e quais são as condições transcendentais que tornam inteligível tal manifestação.

Conforme trazido na primeira seção, para Badiou, a filosofia é um pensamento que se dedica a pensar suas próprias condições, quais sejam, as rupturas dos distintos campos do conhecimento, que ele denomina como “verdades”⁵. A filosofia, portanto, não cria verdades, mas propicia um espaço para pensá-las em sua compossibilidade, sem reduzir o pensamento à lógica de um campo específico⁶. Para construir seu espaço filosófico, Badiou recorre à matemática como meio para articular o ser, propondo o uso de modelos matemáticos para a criação de categorias filosóficas⁷. Com base nessa perspectiva, Badiou escolhe a teoria dos conjuntos como meio mais adequado para se apresentar filosoficamente o “ser”, à medida que ela permite pensar as formas de estruturação do ser, mantendo-se aberta às novidades⁸.

Na segunda seção, será trazido que, em *O Ser e o acontecimento*, essa teoria é mobilizada não como mero formalismo, mas como um sistema capaz de sustentar uma filosofia que tematiza o ser em sua multiplicidade pura⁹. Os axiomas da teoria dos conjuntos permitem a Badiou elaborar categorias próprias, singulares à sua filosofia, como situação, estado da situação, conjunto potência, vazio, ordinalidade e cardinalidade, entre outras, que funcionam como operadores filosóficos¹⁰. Esses

⁵ BADIOU, Alain. *Conditions*. 1. ed. Éditions du Seuil : Paris, 1992, p. 65.

⁶ BADIOU, Alain. *Manifeste pour la philosophie*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1989, p. 18-19.

⁷ BADIOU, Alain. *Le concept de modèle*. 1. ed. Paris: François Maspero, 1969, p. 46-47.

⁸ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 14, 21-22, 49-59.

⁹ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 31-47.

¹⁰ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 7-63.

conceitos possibilitam uma análise ontológica da estrutura e da exceção, da regularidade e da singularidade, permitindo que o ser seja pensado como multiplicidade inconsistente, anterior a qualquer unificação. Por meio desse procedimento, Badiou afirma a primazia do múltiplo sobre o uno e propõe uma ontologia marcada por uma tensão constante entre normalidade e acontecimento, entre o que é contado como pertencente e o que se inscreve como exceção¹¹.

Como exposto na terceira seção, partir da distinção entre o ser e o ente, Badiou propõe, em *Lógicas dos mundos*, uma ampliação de sua ontologia conjuntista, ao investigar as condições do aparecer do múltiplo em um mundo determinado. Apresentando o ser como pura multiplicidade deduzida do vazio segundo os axiomas da teoria dos conjuntos, sua ontologia não contempla o modo como essa multiplicidade aparece em um mundo¹². Essa questão é resolvida, em *Lógicas dos mundos*, por meio de uma lógica que mede os graus de identidade entre as unidades de ser, determinando sua intensidade de aparição em relação aos demais seres aparecentes¹³. Assim, através de uma lógica do aparecer, Badiou distingue o ser-enquanto-ser, que não pode ser totalizado em um múltiplo de todos os múltiplos, do ser-aí, ou ente, que se localiza e se identifica em relação a outros entes num espaço operatório chamado mundo¹⁴. Cada mundo, por sua vez, institui uma legislação própria do aparecer, tornando possível pensar um ente determinado como algo que se diferencia em relação ao puro ser-múltiplo e em relação aos demais entes¹⁵.

As seções seguintes trarão que a concepção de mundo de Alain Badiou tem no transcendental seu primeiro pilar. Conforme Badiou, todo e qualquer mundo “contém uma *organização transcendental*”¹⁶. O transcendental, segundo sua filosofia, é um dado imanente das situações quaisquer, sendo anterior a toda constituição subjetiva¹⁷. O pensamento do ser está no fato de que a própria inteligibilidade de sua

¹¹ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 65-92.

¹² BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 119-121, 165-167.

¹³ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 121-123, 167-169.

¹⁴ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 123-128, 167-169.

¹⁵ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 128-132, 169-171.

¹⁶ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 111, tradução nossa.

¹⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006,

manifestação é possibilitada pelas próprias operações imanentes de sua organização transcendental como ser-aí. O ser-aí do ser é a constituição localizada da multiplicidade como mundo, de modo que não há apenas um mundo, mas uma multiplicidade de mundos, isto é, de organizações transcendentais da pura multiplicidade¹⁸. A consistência de um mundo depende de três operações fenomenológicas: (1) o estabelecimento de um grau mínimo de aparecimento de múltiplos; (2) a conjunção finita dos valores dos múltiplos desse mundo, o que os múltiplos finitos têm ou não em comum; (3) a síntese global infinita desses valores¹⁹.

Desse modo, a partir do conceito de mundo, a última seção expõe que é possível mensurar o grau de aparição do ser, ou seja, de como a ontologia se efetiva em sua dimensão fenomênica. A partir da fenomeno-lógica, a ontologia é vista como um mundo clássico, isto é, um regime de aparecer no qual todos os múltiplos existem sob grau máximo de intensidade²⁰. O transcendental, por sua vez, garante a consistência a esse regime dos aparentes, funcionando como uma estrutura imanente que torna inteligível o aparecer do ser em cada mundo e que, ao mesmo tempo, evidencia a impossibilidade de reduzir as intensidades do aparecer a uma única ordem absoluta.

2.1 A FILOSOFIA COMO ESPAÇO PARA A COMPOSSIBILIDADE DAS VERDADES

Tanto a ontologia quanto o conceito de mundo de Alain Badiou fazem parte de sua filosofia. Para Badiou, a filosofia é um pensamento condicionado pelas irrupções do saber e que tem como função pensar suas próprias condições. As condições da filosofia são os procedimentos que, por meio da prática, rompem os diversos campos do saber, de modo que a filosofia tem como função pensar os momentos de crise do pensamento, isto é, os momentos em que surge algo novo para

p. 128.

¹⁸ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 127.

¹⁹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 132-149.

²⁰ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 187-194.

o pensamento. Em outras palavras, a filosofia é condicionada por procedimentos genéricos que o filósofo francês denomina como “verdades”. Uma verdade é um conjunto composto pelas rupturas do pensamento ao longo do tempo, isto é, pelos momentos em que surge uma novidade estranha ao conhecimento enciclopédico de um dado campo do saber²¹.

*Antes da filosofia (um “antes” que não é temporal), existem verdades. Essas verdades são heterogêneas e procedem no real independentemente da filosofia. [...] Mas essa declaração central supõe uma categoria propriamente filosófica, que é a de Verdade. Por meio dessa categoria, afirma-se não só que as verdades “existem”, mas também a *compossibilidade* de sua pluralidade, acolhida e abrigada pela filosofia. A Verdade designa, simultaneamente, um estado plural das coisas (existem verdades heterogêneas) e a unidade do pensamento.*²²

Badiou define a Verdade como uma categoria filosófica vazia intervalar, à medida que opera, ao mesmo tempo, como o *anverso de uma sucessão regradada* do campo do saber e como um *ponto limite* dessa sucessão. Essa categoria possibilita à filosofia “pinçar” aquilo que há de verdadeiro, isto é, apreender os procedimentos genéricos (as verdades) que irrompem o campo do saber. Não se trata, porém, de uma simples questão de interpretação: a filosofia rompe com a narrativa, posto que suscita um vazio verdadeiro que emerge como anverso de uma sucessão e como ponto limite dessa sucessão. Em outros termos, a filosofia afirma a unidade do pensamento, construindo um meio de apreensão das verdades que enuncia aquilo que existe e que se deixa apreender por esse suposto existente²³.

Cada procedimento de verdade pensa a si próprio de forma autônoma, de modo que a filosofia nada mais é que um pensamento que se propõe a construir um espaço para se pensar, em conjunto, as discontinuidades que irrompem desses pensamentos (e que forçam os saberes enciclopédicos a se rearranjarem). E a filosofia busca construir um modo de se pensar a compossibilidade dos procedimentos que reúnem as novidades do pensamento. Em síntese, sendo condicionada pelos diversos procedimentos de verdade, a filosofia é um exercício de se pensar esses

²¹ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 365-366; HEWLETT, Nick. Engagement and transcendence: the militant philosophy of Alain Badiou. *Modern & Contemporary France*, v. 12, n. 3, p. 335-352, 2004, p. 338-344; BACKMAN, Jussi. Politics of the Idea: (Anti-) Platonic Politics in Arendt and Badiou. *Comparative and Continental Philosophy*, dez. 2020, p. 7-11.

²² BADIOU, Alain. *Conditions*. 1. ed. Éditions du Seuil : Paris, 1992, p. 65.

²³ BADIOU, Alain. *Conditions*. 1. ed. Éditions du Seuil : Paris, 1992, p. 66-69.

procedimentos, que nada mais são que os conjuntos das rupturas que a condicionam. E ela o faz tramando “um espaço geral no qual o pensamento acesse o tempo, o *seu* tempo, desde que os procedimentos de verdade desse tempo encontrem nela o abrigo de sua compossibilidade”²⁴.

Assim, para Badiou, o papel da filosofia se restringe a agrupar e sistematizar os processos de produção das descontinuidades, sintetizando-os por meio de categorias filosóficas que consigam apresentar a ideia de novidade da forma mais genérica possível, isto é, sem reduzir a novidade a nenhum predicado. É por essa razão que o filósofo francês se opõe às filosofias que delegam suas funções a um procedimento de verdade específico, posto que tais filosofias tendem a reduzir todo o pensamento a uma dada verdade. Badiou dá o nome de sutura²⁵ a essa operação que atribui o domínio unilateral do pensamento a um determinado campo, suturando o ato de se pensar o pensamento a um certo procedimento genérico.

Por meio da sutura, alguns campos específicos do pensamento passam a dominá-lo, reduzindo todas as outras esferas à sua lógica particular. O problema não é o pensar autônomo de cada pensamento sobre si próprio, já que este pensar é o que condiciona a filosofia, aprofundando cada campo e contribuindo para a produção de verdades situadas. O que Badiou critica é o uso exclusivo dessa perspectiva parcial para a construção de um modo de pensar mais abrangente, como a filosofia, pois isso resulta em um pensamento limitado e desviante. Sua proposta é superar a sutura por meio de uma abordagem filosófica que reconheça e afirme as verdades das situações sem reduzi-las a uma única condição dominante, dando lugar aos pensamentos. Em outras palavras, para Badiou, a filosofia traz aquilo que os diversos campos do saber apresentam como suas respectivas verdades através de seus procedimentos de verificação.

Mas para que uma filosofia seja capaz de apresentar os procedimentos de verdade sem se suturar a algum deles, ela deve ser suficientemente consistente. Caso contrário, tal filosofia deverá se suturar a alguma verdade para suprir suas próprias inconsistências, reduzindo suas categorias a um dado procedimento de verdade. Badiou defende, por exemplo, que em alguns pontos a filosofia de Heidegger é

²⁴ BADIOU, Alain. *Manifeste pour la philosophie*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1989, p. 18-19, tradução nossa.

²⁵ BADIOU, Alain. *Manifeste pour la philosophie*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1989, p. 41-42.

suturada ao poema, na medida em que sua concepção de natureza se apresenta como a poética fluida e dinâmica do ser em aparecer. Como Heidegger usa a ideia grega de natureza (*physis*) para defender que o ser coincide com o seu advir, toda novidade se dá internamente à natureza, que põe a si mesma em seu desabrochar. Assim, a metafísica (*meta-physika*) consistiria na investigação dessa natureza (*physis*) que brota e permanece. Com isso, Badiou argumenta que o filósofo alemão reduz o pensamento filosófico a uma visão específica que busca transcender a imanência da natureza por meio de uma poética do ser enquanto contínuo devir²⁶.

O problema da sutura, portanto, é que, ao remendar o pensamento a um procedimento de verdade, ela impossibilita pensar esse mesmo procedimento, inscrevendo toda mudança do saber dentro do próprio saber. Em outras palavras, as verdades não são tomadas como procedimentos relativos a situações específicas, mas como um saber absoluto que, produzindo suas próprias mudanças, reduz o ser ao saber. Contra essa perspectiva, Badiou buscou sistematizar sua filosofia por meio de axiomas da matemática, utilizando a linguagem desse campo do saber para construir sua ideia de ser, mas sem reduzir o ser ao saber matemático.

Uma das primeiras tentativas dessa guinada à matemática está presente em *O conceito de modelo*, de 1969. Nesse livro, Badiou discerne três diferentes usos da palavra “modelo”: um uso ideológico (ou a *noção* de modelo); um uso científico (ou o *conceito* de modelo); e um uso filosófico (ou a *categoria* de modelo). O filósofo francês inicia seu texto realizando sua crítica ao que considera como um uso ideológico da palavra “modelo” por parte de outros teóricos. É o caso, por exemplo, do uso feito por Claude Lévi-Strauss dessa palavra para definir aquilo que entende como “estrutura”²⁷.

Separando a atividade empirista do etnógrafo e a atividade propriamente modelar do etnólogo, o antropólogo francês afirma, de uma maneira um tanto quanto vaga, que os modelos são feitos a partir da realidade empírica e que sua construção deve dar conta dos fatos observados. Sobre como avaliar os diferentes modelos de uma situação empírica, Lévi-Strauss entende que o melhor modelo é aquele que

²⁶ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 141-147 ; HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987, p. 43-48, 123-141.

²⁷ LÉVI-STRAUSS, Claude. A noção de estrutura em etnologia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2017. p. 281-324.

consegue dar conta de todos os fatos observados da forma mais simplificada possível. Além disso, o antropólogo francês também recorre à analogia exterior, afirmando que os modelos devem ser semelhantes à realidade que lhes subjaz. No entanto, se a realidade empírica é opaca e deve ser apreendida no ato de sua modelação, não há qualquer critério objetivo para se determinar o grau dessa similitude.

Por essa razão, Badiou afirma que esse uso ideológico da palavra “modelo” tende a reduzi-la a um empirismo vulgar que se assenta, de um lado, na dualidade de uma realidade opaca e de um modelo construído e, de outro, na unidade da realidade e do modelo por meio do recurso à analogia externa ao modelo. E na medida em que o empirismo domina o modelo, a ideia de que há um real externo e preexistente às operações modelares apaga “a realidade da ciência como processo de produção dos conhecimentos [...] *no interior* de um materialismo histórico específico, das demonstrações e das provas”²⁸. Assim, de modo a propor um uso mais rigoroso da palavra “modelo”, Badiou apresenta aquilo que entende como conceito de modelo.

Diferentemente de sua noção ideológica, o conceito científico de modelo é formado pelo par de seu sistema formal (ou sintaxe) e de sua estrutura (ou semântica). A sintaxe consiste num conjunto de regras não ambíguas formadas pelos enunciados gerais de um sistema e os meios para se deduzir outros enunciados a partir deles. Já a semântica consiste em uma estrutura interpretativa do sistema formal, isto é, em um domínio científico de uma prática teórica que corresponda a esse sistema. Havendo uma correspondência semântica em relação ao sistema sintático, a todo enunciado derivável do sistema formal deve ser ligado um enunciado verdadeiro no domínio da interpretação. A partir dessa perspectiva, é a estrutura semântica que funciona como modelo do sistema formal ao qual corresponde, de modo que não se trata de criar um modelo para uma realidade empírica opaca e externa: é a própria estrutura semântica, enquanto elemento empírico de prática teórica experimental, que funciona como modelo de seu sistema formal.

Para ilustrar seu conceito de modelo, Badiou recorre à lógica e à matemática, já que esses campos do saber possibilitam a construção de estruturas plásticas e abrangentes o suficiente para abarcar os demais domínios empíricos. A sintaxe utilizada nessa conceituação é a da lógica formal, com todos os seus axiomas,

²⁸ BADIOU, Alain. *Le concept de modèle*. 1. ed. Paris: François Maspero, 1969, p. 22, tradução nossa.

enquanto a semântica utilizada é a da teoria matemática dos conjuntos, cuja estrutura serve de modelo para a lógica, à medida que todos os axiomas lógicos são válidos para essa estrutura matemática. Para Badiou, aquilo que é tomado como puramente “formal” na lógica não deve ser entendido como algo atemporal, mas como uma série de regras experimentais. Isso porque existe uma “viva dialética entre a demonstração (semântica) e a experimentação (sintática)”²⁹, de modo que “o conceito de lógica é construído pelo par que ele forma com o de matemática”³⁰. Em outras palavras, funcionando como estrutura semântica para a lógica formal, as demonstrações da teoria dos conjuntos põem em prática a sintaxe lógica.

Classificando as diferentes regiões matemáticas, as operações experimentais da semântica conjuntista dão concretude ao uso dessa ciência, produzindo os meios instrumentais de prova do sistema lógico-matemático. Não se trata apenas do fato de que as demonstrações obtidas na estrutura semântica conjuntista são continuamente verificadas pelo sistema lógico-matemático que lhe corresponde, mas sim que esse mesmo sistema é apenas uma parte do processo de produção matemática. Mesmo se isolarmos apenas a sintaxe lógica como objeto de análise, percebe-se que seu estudo requer fragmentos de outras áreas da matemática, como a teoria dos números inteiros, o que é um indício de que o próprio sistema lógico é composto por produções matemáticas que foram a ele incorporadas. Conforme Badiou, o “estado das ‘forças produtivas’ matemáticas [...] é o que condiciona sua cientificidade, assegurando a unidade onde a sintaxe formal e os ‘domínios’ intuitivos podem se relacionar”³¹. Assim, o conceito de modelo badiouano pode ser definido como o poder que um sistema lógico-matemático tem de se diferenciar de si mesmo, ao longo da história, em suas diversas estruturas interpretativas³².

Quando o conceito de modelo serve de suporte para a apreensão da noção ideológica de modelo, havendo um recobrimento ideológico da ciência, forma-se o que Badiou denomina como uma categoria filosófica de modelo. Caso esse recobrimento

²⁹ BADIOU, Alain. *Le concept de modèle*. 1. ed. Paris: François Maspero, 1969, p. 46-47, tradução nossa.

³⁰ BADIOU, Alain. *Le concept de modèle*. 1. ed. Paris: François Maspero, 1969, p. 47, tradução nossa.

³¹ BADIOU, Alain. *Le concept de modèle*. 1. ed. Paris: François Maspero, 1969, p. 52-53, tradução nossa.

³² Vale ressaltar que, em *O conceito de modelo*, a teoria dos conjuntos é utilizada em um sentido diverso daquele presente em *O ser e o acontecimento*. Enquanto o primeiro livro usa a teoria dos conjuntos com um objetivo epistemológico, o segundo, como será visto nas próximas seções, tem uma pretensão ontológica (matemática = ontologia).

ignore a história da produção científica em questão, isto é, sua prática teórica, a categoria de modelo formada acaba não levando em conta os elementos ideológicos da luta de classes e os elementos científicos do materialismo histórico, permanecendo no terreno do idealismo especulativo e sendo uma categoria positivista, que só se preocupa com a relação estática entre a sintaxe e sua interpretação do real empírico. No entanto, caso esse recobrimento leve em conta a historicidade inerente a essa produção científica, a categoria de modelo formada incorpora para si a luta de classes e o materialismo histórico, encontrando-se no terreno do materialismo dialético³³, o que faz dela uma categoria da epistemologia materialista. E este segundo tipo de

³³ Em um texto de 1967, ano próximo da publicação de *O conceito de modelo*, Badiou explica o que ele busca dizer com “materialismo dialético”, conceito que o filósofo francês trabalha a partir de Louis Althusser. Segundo Badiou, essa expressão está diretamente ligada ao materialismo histórico, que consiste em uma ciência que transforma uma generalidade ideológica atinente à formação histórica da sociedade (a luta de classes) em um sistema científico que abrange seus próprios conceitos e leis de combinação. Porém, a apresentação desse sistema não pode se dar por meio do próprio sistema, pois os efeitos do sistema (aquilo que se produz a partir dele) não são capazes de explicar o sistema enquanto totalidade científica. Em outras palavras, um sistema não pode existir por si só: sua existência só pode ser atestada por uma teoria que organize o desenvolvimento probante desse sistema, isto é, que verifique seus termos. E essa teoria é o que Badiou denomina como materialismo dialético, a qual distingue as duas formas de materialismo (histórico e dialético) em seu próprio interior. Ao passo que o materialismo histórico se preocupa com as distintas práticas de um todo social, o materialismo dialético se preocupa em organizar o materialismo histórico enquanto unidade complexa das práticas de uma sociedade. Quando uma prática de uma dada sociedade é articulada sobre todas as outras práticas dessa sociedade, ela passa a funcionar como uma instância do social. Uma instância política, por exemplo, vê todas as práticas sociais a partir do olhar da prática política, enquanto uma instância econômica faz o mesmo a partir do olhar da prática econômica. Quando a eficácia das instâncias sociais parece depender de uma instância específica, é preciso pensar uma conjuntura das instâncias que tome como ponto de partida uma instância dominante específica. Assim, uma determinada conjuntura do social é um sistema específico de instâncias hierarquicamente ordenadas, ou seja, um sistema que ordena as diversas instâncias do social a partir de uma instância dominante (seja econômica, política, científica etc.), que se sobrepõe às demais. Porém, independentemente da instância dominante escolhida e das variações conjunturais, há uma invariante que perpassa todas elas: a produção de um efeito-de-conjuntura, isto é, de um efeito de existência do todo. O efeito de existência de um todo, portanto, independe da instância dominante elencada: ele depende apenas da determinação de uma dominante conjuntural. Nenhuma instância pode figurar como determinante necessária de um todo social, o que quer dizer que uma sociedade não pode ser reduzida a uma de suas possíveis conjunturas. No entanto, o materialismo dialético, observando não as instâncias, mas as práticas que são por elas articuladas, toma uma prática social como determinante: a prática da transformação da natureza em produtos de uso. Em outras palavras, o materialismo dialético vê que certas práticas que são articuladas pela instância econômica (i. e., as relações de produção capitalistas) devem ser tomadas como determinantes para se pensar uma estrutura unificada do materialismo histórico. Isso porque, em primeiro lugar, essa prática determina (objetivamente) todas as demais práticas que são sistematizadas pelo materialismo histórico. Além disso, essa prática determina (subjetivamente) a prática teórica do materialismo histórico enquanto ciência, ou seja, determina o fazer científico do materialismo histórico. Em outras palavras, a própria produção do materialismo histórico enquanto ciência é condicionada pelas relações de produção que envolvem seus teóricos. BADIOU, Alain. Louis Althusser: o (re)começo do materialismo histórico. In: BADIOU, Alain. *A aventura da filosofia francesa no século XX*. Tradução de Antonio Teixeira e Gilson Iannini. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 97-115.

categoria de modelo é a que Badiou utiliza em sua produção filosófica, levando em conta a história de sua formalização, bem como a rede das retroações e antecipações que constituem essa história³⁴.

Em um momento de transição de sua epistemologia para uma ontologia, Badiou publica sua *Teoria do sujeito* em 1982, livro que contém textos formulados a partir de seminários realizados pelo autor entre 1975 e 1979. Nesse livro, o filósofo busca criar uma sistemática filosófica para analisar não apenas a historicidade da produção científica, que marcou sua epistemologia materialista, mas a historicidade de todos os processos que acarretam o devir existente de um inexistente, isto é, dos processos de verdade. E essa sistemática está centrada na categoria do sujeito, que representa os intervalos particulares em que uma verdade emerge para o ser.

Em linhas gerais, o processo de subjetivação busca fazer irromper, no espaço da existência, algo que dele estava excluído. E esse processo é visto, por Badiou, como uma dialética materialista entre o elemento excluído (sem lugar) e o espaço em que busca se inserir³⁵. Essa irrupção se operaria por meio de uma mitigação da contradição forte entre esse elemento e esse espaço. Ao forçar tal mitigação, o sujeito tornaria possível a inscrição de uma falta no plano da existência, falta esta que seria preenchível pelo inexistente que o processo subjetivo busca conectar ao que existe³⁶.

Anos mais tarde, em *O ser e o acontecimento*, de 1988, Badiou reformula sua teoria do sujeito, mas agora a partir da construção de uma ontologia matemática. Apesar de as verdades e, conseqüentemente, a teoria do sujeito, serem anteriores ao ser dentro de sua sistemática, o filósofo francês opta por tratar dessas duas categorias apenas após a demonstração completa de sua ontologia. Isso porque, tomando essa teoria sobre o ser como ponto de partida para se falar sobre a consistência, ele consegue pontuar quais são seus limites, isto é, a partir de quais categorias do ser se pode pensar a inconsistência e o devir subjetivo das verdades³⁷.

Neste livro, portanto, Badiou retoma a teoria dos conjuntos, utilizando-a com um escopo propriamente ontológico. O ponto de partida de *O ser e o acontecimento*

³⁴ BADIOU, Alain. *Le concept de modèle*. 1. ed. Paris: François Maspero, 1969, p. 13-53; BRASSIER, Ray. Badiou's Materialist Epistemology of Mathematics. *Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities*, v. 10, n. 2, p. 135-150, 2005.

³⁵ BADIOU, Alain. *Théorie du sujet*. 1. ed. Paris : Éditions du Seuil, 1982, p. 23-30.

³⁶ BADIOU, Alain. *Théorie du sujet*. 1. ed. Paris : Éditions du Seuil, 1982, p. 87-90.

³⁷ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 10-11.

consiste no uso da teoria dos conjuntos, levando em conta a historicidade de sua produção, para a apreensão da noção de ser. O filósofo francês toma a teoria dos conjuntos como uma ciência singular que diz respeito àquilo que se deixa pronunciar matematicamente sobre o ser³⁸. Isso porque a construção conjuntista de multiplicidades a partir do vazio representa a nomeação daquilo que é (isto é, do ser-enquanto-ser) a partir da pura inconsistência. No entanto, ele não abandona a importância de se levar em conta a historicidade das categorias filosóficas: é justamente a partir da prática científica que a teoria dos conjuntos pôde estabelecer suas descontinuidades ao longo da história³⁹. Em outras palavras, mesmo a teoria mais apta a descrever o ser-enquanto-ser está aberta a orientações do pensamento⁴⁰ que promovem suas rupturas. Desse modo, à medida que é continuamente produzida por um procedimento de verdade, mantendo-se aberta às possíveis novidades de seu campo do saber, a teoria dos conjuntos (ou ciência do ser-enquanto-ser) possibilita a nomeação dos resultados de uma novidade a partir de sua axiomática⁴¹.

Assim, tomando a teoria dos conjuntos como modelo matemático para nomear filosoficamente aquilo que é, Badiou concebe sua ontologia como a ciência que estuda o ser-enquanto-ser, ou seja, a forma como o ser se manifesta, abrangendo as diversas operações que permitem sua apresentação. O ser, para Badiou, é uma multiplicidade desorganizada e inapresentável, que só pode ser devidamente apreendida quando organizada através de uma operação denominada "conta-por-um". A conta-por-um transforma o que é originalmente uma multiplicidade inconsistente em algo que pode ser estruturado e entendido, apresentando o ser de forma ordenada.

Badiou afirma que o ser-enquanto-ser é algo essencialmente inapresentável, já que, anteriormente a qualquer modo de apreensão do ser, o ser nada mais é que

³⁸ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 12.

³⁹ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 14, 21-22, 49-59.

⁴⁰ O tema da orientação será mais explorado no último capítulo. Mas vale a indicação prévia de que Badiou faz uso da expressão "orientações do pensamento" na meditação 27 de *O ser e o acontecimento* para falar de diferentes modos de se pensar a própria teoria dos conjuntos (consequentemente, o próprio ser-enquanto-ser). BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 311-315.

⁴¹ BADIOU, Alain. *Le concept de modèle*. 1. ed. Paris: François Maspero, 1969, p. 37; BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 11-13; LIVINGSTON, Paulo M. *Badiou, Mathematics, and Model Theory*, University of New Mexico, 2011. Disponível em: <https://philpapers.org/go.pl?id=LIVBMA&proxyId=&u=http%3A%2F%2Fwww.unm.edu%2F~pmliving%2FBadiou%2C%2520Mathematics%2C%2520and%2520Model%2520Theory.pdf>. Acesso em 09 fev. 2025.

uma multiplicidade inconsistente. Esse aspecto do ser é aquilo que ele chama de "vazio", um conceito que marca a impossibilidade de apresentar o ser em sua totalidade. O vazio está presente em todas as situações, pois ele indica a parte do ser que não pode ser estruturada ou contada. A multiplicidade inconsistente é, pois, o fundamento de todas as apresentações do ser, embora ela própria seja reconhecida como algo que não pode ser diretamente organizado. Assim, a ontologia desempenha o papel de organizar a pura multiplicidade do ser, convertendo-a em elementos organizados que possam ser devidamente compreendidos. Isso significa que, embora o ser em si seja múltiplo e desestruturado, ele só pode ser devidamente apreendido se puder ser contado como uma multiplicidade ordenada e coerente de unidades, de modo que o papel da ontologia é manter sempre aberta essa possibilidade.

Enquanto multiplicidade inconsistente, o ser pode ser apresentado de infinitas formas, havendo, pois, infinitas maneiras de se dividir e reagrupar o ser. Mesmo que, em uma certa abordagem, o ser seja apresentado como uma multiplicidade composta por n unidades, cada uma dessas unidades pode ser novamente dividida em multiplicidades e, assim, infinitamente. A questão colocada pela ontologia de Badiou não é apenas que o ser não é uno, mas sim que toda unidade é uma multiplicidade de multiplicidades que é contada como unidade. Desse modo, ao apresentar o ser como multiplicidade consistente, a ontologia permite infinitos fracionamentos e contagens coerentes dessa multiplicidade⁴².

Quando uma multiplicidade é devidamente localizada, Badiou se refere a ela como uma situação, de modo que situação é toda e qualquer multiplicidade ontologicamente apresentada. Uma situação é, pois, o resultado da operação da conta-por-um, que transforma o que era inapresentável em algo apreensível e compreensível. Essa operação é essencial para o pensamento do ser-enquanto-ser, pois, sem ela, o ser continuaria sendo uma multiplicidade inconsistente, impossível de ser descrita ou entendida. Em outras palavras, para que o ser possa ser pensado, ele deve ser reduzido a termos pensáveis. Contudo, a operação de conta-por-um deve

⁴² Um texto-chave para a formulação de Badiou sobre a multiplicidade e a unidade é o diálogo platônico Parmênides, em que o filósofo grego conclui que o nada é, o que leva Badiou a aproximar o ser da pura inconsistência múltipla e a afirmar que as unidades nada mais são que os modos pelos quais o ser pode se apresentar. Sobre isso, conferir BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 31-39; PLATÃO. *Parmênides*. Tradução de Maura Iglesias e Fernando Rodrigues. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2003; BRANDER, Sandy. Being, Appearing, and the Platonic Idea in Badiou and Plato. *Open Philosophy*, n. 2, p. 599-613, 2019, p. 607-612.

seguir certas leis, posto que o ato de se pensar o ser como multiplicidade consistente depende de regras que orientam e delimitam como a conta-por-um organiza o ser. Portanto, a formalização de uma situação depende de leis que permitam a criação de uma estrutura organizada e unificada a partir da inconsistência.

Funcionando como uma ciência que apresenta as formas possíveis de organização do ser-enquanto-ser, a ontologia é uma ferramenta para se pensar a organização de situações a partir da pura multiplicidade⁴³. É importante ressaltar, porém, que Badiou não declara que o ser-enquanto-ser seja matemática⁴⁴. Segundo o próprio filósofo francês, a escolha de se estabelecer a igualdade entre matemática e ontologia parte de uma escolha metaontológica, ou filosófica, sobre a ferramenta usada para se apresentar o ser⁴⁵. Como será visto adiante, toda formulação formal parte de uma escolha, de modo que a ontologia inexiste fora de sua materialidade subjetiva⁴⁶.

Dessa forma, a ontologia de Badiou abrange as possíveis situações do ser-enquanto-ser, isto é, os modos possíveis de se arranjar o ser-múltiplo em unidades ordenadas de diferentes extensões. E essas situações são governadas por aquilo que Badiou elenca como as leis do múltiplo de sua ontologia. Funcionando como uma ciência que apresenta as formas possíveis de organização do ser-enquanto-ser, a ontologia é uma ferramenta para se pensar a organização de situações a partir da pura multiplicidade⁴⁷.

2.2 A ESTRUTURAÇÃO ONTOLÓGICA DO SER

Preocupando-se em estabelecer uma linguagem suficientemente abrangente para o ser, Badiou recorre à matemática para encontrar as ferramentas para essa linguagem. Mas sendo a matemática uma ciência muito vasta, Badiou encontra em uma de suas subdivisões, a teoria dos conjuntos, o modelo para a sua ontologia.

⁴³ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 31-47.

⁴⁴ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 14.

⁴⁵ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 22.

⁴⁶ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 223-234, 311-316.

⁴⁷ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 31-47.

Assim, no livro *O ser e o acontecimento*, de 1988, Badiou constrói aquilo que entende como ontologia a partir de um ramo específico da matemática: a teoria axiomática dos conjuntos de Ernst Zermelo e Abraham Fraenkel. Por meio de uma série de axiomas, essa teoria desenvolve o que seria um conjunto e como esse conjunto se relaciona com outros conjuntos.

A teoria dos conjuntos, formulada originalmente por Georg Cantor, encontrou diversas dificuldades em seus primeiros estágios, especialmente com a emergência de paradoxos como o paradoxo de Russell⁴⁸. Para superar esses problemas, os matemáticos Ernst Zermelo e Abraham Fraenkel desenvolveram uma versão axiomática mais rigorosa da teoria dos conjuntos, conhecida como ZFC (Zermelo-Fraenkel com o Axioma da Escolha). Esta teoria estabelece um conjunto de axiomas que garantem a consistência e evitam os paradoxos anteriores⁴⁹.

Entre as principais características da teoria ZFC, estão a multiplicidade, a relação de pertença e a divisão em subconjuntos. A primeira tem como premissa o fato de que todos os elementos apresentados por essa teoria são considerados múltiplos, ou conjuntos. A segunda diz que a única relação fundamental entre os elementos é a de pertencimento, denotada pelo símbolo $\in$; se x pertence a um conjunto A , isso quer dizer que x é apresentado pelo conjunto A . A terceira característica é a de que a divisão de um conjunto em subconjuntos é livre, desde que obedeça a critérios bem definidos.

Para a construção de seus axiomas, a teoria dos conjuntos faz uso de letras do alfabeto latino ou grego para a simbolização dos conjuntos. Normalmente, Badiou utiliza as letras gregas (A , α , B , β , Γ , γ etc.) para definir suas constantes, isto é, conjuntos supostamente existentes e que possuem uma extensão determinada, ao passo que as letras latinas minúsculas (x , y , z etc.) costumam ser usadas para se referir às variáveis, ou seja, a conjuntos cuja extensão é incerta. Os conjuntos se relacionam entre si pelas relações de pertença ($\in$) e inclusão ($\subseteq$), que são mediadas

⁴⁸ Esse paradoxo, descoberto por Bertrand Russell a respeito de uma formulação de Gottlob Frege, consiste na constatação de que não existe o conjunto de todos os conjuntos. Partindo de um conjunto A que possui todos os conjuntos que não possuem a si mesmo, Russel percebe que, esse conjunto A não pode fazer parte de si mesmo, pois o conjunto A conteria um conjunto (ele próprio) que pertence a si mesmo. No entanto, o conjunto A também não pode não fazer parte de si mesmo, pois ele, sendo um conjunto de não pertence a si mesmo, ao excluir a si próprio, deixaria de conter todos os conjuntos que não pertencem a si mesmos. Essa formulação pode ser encontrada em BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 51-53.

⁴⁹ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 54-63.

pelos demais operadores lógicos. Um conjunto α que pertence a β ($\alpha \in \beta$) é elemento de β ; um conjunto γ que está incluído em β ($\gamma \subseteq \beta$) faz parte de β . Toda pertença implica uma inclusão, mas nem toda inclusão implica uma pertença (existem partes de um conjunto que não são elementos desse conjunto).

Além disso, essa teoria faz uso de operadores da lógica formal, ou lógica clássica, para formalizar as relações entre conjuntos em linguagem matemática. Essa lógica funciona por meio de proposições, que são apresentadas como fórmulas. Essas fórmulas são verdadeiras ou falsas, e o respectivo valor de verdade ou falsidade de uma fórmula depende de sua construção. As proposições são construídas por meio das constantes e variáveis em combinação com os operadores lógicos.

O símbolo $\forall$ é o quantificador universal que, acompanhado de uma variável qualquer α ($\forall\alpha$), pode ser lido “para todo α ”. O símbolo $\exists$ é o quantificador existencial que, acompanhado de uma variável qualquer β ($\exists\beta$), é lido como “existe um β ”. O símbolo $\neg$ indica o conector lógico da negação (“não α é verdadeiro”), enquanto o símbolo $\rightarrow$ indica uma implicação (“se α for verdadeiro, então β também é”) e o símbolo $\leftrightarrow$ indica uma equivalência (“ β é verdadeiro se, e somente se, α também for”). Ademais, o operador $\&$ indica que as duas proposições conectadas devem ser verdadeiras para que a fórmula seja verdadeira, ao passo que o operador lógico *ou* indica que basta que uma das proposições conectadas seja verdadeira para que a fórmula seja verdadeira. Por fim, o símbolo $\cup$ indica a união dos elementos de um ou mais conjuntos, isto é, a soma desses elementos, enquanto o símbolo $\cap$ indica a intersecção entre dois ou mais conjuntos, isto é, quais são seus elementos em comum.

Os axiomas de Zermelo-Fraenkel são cruciais para a teoria dos conjuntos e servem como base para a ontologia de Badiou. A seguir, serão apresentados os axiomas da separação, da extensão, dos subconjuntos e do vazio, mostrando-se como eles influenciam a construção ontológica do filósofo francês. O axioma da separação afirma que, dado um conjunto α , existe um subconjunto β que contém os elementos de α , de modo que a apresentação do ser-múltiplo β é condicionada pela suposição de que haja um ser-múltiplo α , ou: $(\forall\alpha) (\exists\beta) x \in \alpha \rightarrow (x \in \beta) \& (\beta \in \alpha)$.

Em termos de ontologia, este axioma é importante para Badiou porque implica que a apresentação de um ser-múltiplo depende que haja uma multiplicidade maior que o contenha. Ou seja, a consistência de um conjunto é sempre relativa à sua apresentação por outro conjunto. A separação, nesse contexto, não é apenas uma

operação matemática, mas também uma ferramenta filosófica para distinguir entre o que é apresentado e o que é inapresentável, ou seja, para preservar a consistência da composição na passagem do formal até o material. A linguagem matemática codifica essa distinção, reforçando a ideia de que todo ser deve ser apresentado por meio de uma multiplicidade maior.

O axioma da extensão estabelece que dois conjuntos são idênticos se, e somente se, ambos contêm os mesmos elementos. Em outras palavras, a identidade de um conjunto é determinada exclusivamente pelos seus elementos. Para Badiou, esse axioma reforça a noção de que a apresentação de um ser-múltiplo depende exclusivamente da relação de pertencimento que ele estabelece com outros múltiplos. Não há características intrínsecas que definam um conjunto além dos seus elementos. Esse axioma é central na ontologia de Badiou, pois sustenta a ideia de que a identidade de um ser é uma questão de relação e apresentação, não de essência fixa, subvertendo a noção de que uma ontologia busca por identidades estáveis e inerentes.

O axioma da disseminação afirma que, para qualquer conjunto A , os elementos dos elementos de A também pertencem a A . Assim, por exemplo, se os elementos α e β pertencem a A , a soma dos elementos de α e β , representada pela união $\alpha \cup \beta$, também pertence a A . Simetricamente ao axioma da disseminação, o axioma dos subconjuntos afirma que, para qualquer conjunto α , é possível formar subconjuntos contendo partes de α . Filosoficamente, este axioma é significativo para Badiou, pois indica a possibilidade de divisão infinita das multiplicidades, uma característica central em sua ontologia. Para ele, o ser-enquanto-ser é sempre múltiplo, e essa multiplicidade pode ser decomposta e reconfigurada sem perder sua coerência ontológica. Essa flexibilidade reflete a ideia de que o ser nunca é uma totalidade fechada, mas uma multiplicidade aberta a novas formas de apresentação e divisão. O ser é infinitamente desdobrável em suas partes, e cada subconjunto mantém uma relação de pertença com o conjunto maior⁵⁰.

Os axiomas supracitados são considerados condicionais, na medida em que eles dependem da suposição dos conjuntos envolvidos. Diferentemente deles, o

⁵⁰ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 7-63; WATKIN, William. *Badiou and indifferent being: a critical introduction to Being and event*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2017, p. 45-56, 61-65.

axioma do conjunto vazio é um axioma existencial, que afirma a existência incondicionada de um determinado conjunto. Ele postula a existência do conjunto vazio, simbolizado por $\emptyset$, que, diferentemente de qualquer outro conjunto, é um conjunto que não contém nenhum elemento. Para Badiou, o vazio desempenha um papel fundamental em sua ontologia, pois representa o caráter inapresentável do ser. O conjunto vazio é a marca do "nada", ou seja, aquilo que, apesar de não ser apresentado, deve ser considerado como parte de toda situação ontológica. Em outras palavras, nenhum elemento pertence ao conjunto vazio (posto que é vazio), mas esse conjunto faz parte (é um subconjunto) de todos os conjuntos, na medida em que todo conjunto possui um excesso de ser inapresentável. Pode-se deduzir o vazio a partir da fórmula segundo a qual existe um β tal que não existe nenhum α que a ele pertence, o que se escreve: $(\exists \beta) [\neg (\exists \alpha) (\alpha \in \beta)]$.

O vazio é o nome do ser enquanto inapresentável, o que significa que ele não pode ser apreendido ou apresentado diretamente, apesar de sua existência ser necessária para qualquer apresentação. Ele marca positivamente (isto é, dentro da teoria dos conjuntos) a inexistência, indicando o inapresentável de toda situação (se um β , pertencente a γ , não possui nenhum elemento, $\beta = \emptyset$). Representando o puro ser inapresentável, o conjunto vazio é a base da ontologia de Badiou, já que ele dá conta da impossibilidade de se totalizar a multiplicidade do ser (o ser pode ser apresentado de infinitas formas, de modo que algumas delas são deixadas de fora e contadas como $\emptyset$). Não sendo o puro vazio apresentado pela ontologia, sua marca $\emptyset$ indica que, apesar disso, ele está contido em todas as situações, fazendo parte de toda situação.

Ao adotar a teoria dos conjuntos como ciência do ser-enquanto-ser, Badiou consegue conceber uma ontologia desprovida de subjetividade ou essência fixa, não possuindo o ser nenhuma qualidade além de sua multiplicidade tal como é apresentada. Com isso, Badiou oferece uma visão do ser que evita inconsistências, podendo contornar os paradoxos por meio das ferramentas fornecidas pelo formalismo matemático⁵¹.

⁵¹ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 65-92; WATKIN, William. *Badiou and indifferent being: a critical introduction to Being and event*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2017, p. 56-70; PLOTNITSKY, Arkady. Experimenting with ontologies: sets, spaces, and topoi with Badiou and Grothendieck. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 30, p. 351-368, 2012, p. 353-355.

A ontologia de Badiou busca estruturar o ser-múltiplo em situações, denominando como metaestrutura a instância ontológica que apresenta aquilo que excede toda situação estruturada. Uma das ferramentas centrais que Badiou utiliza para formalizar o conceito de metaestrutura é o axioma do conjunto potência. Na teoria axiomática dos conjuntos, o axioma do conjunto potência, também chamado de conjunto das partes, estabelece que, para todo conjunto α , há um conjunto $\mathbf{P}(\alpha)$ que contém todos os subconjuntos possíveis de α . Em termos mais simples, o conjunto potência $\mathbf{P}(\alpha)$ não apenas apresenta os elementos de α , como também todas as combinações possíveis desses elementos.

Matematicamente, isso pode ser exemplificado da seguinte maneira: se um conjunto α possui n elementos, o conjunto potência $\mathbf{P}(\alpha)$ conterá 2^n subconjuntos. Por exemplo, se $\alpha = \{\beta, \gamma, \delta\}$, então $\mathbf{P}(\alpha)$ conterá os seguintes subconjuntos: $\{\beta, \gamma, \delta\}$, $\{\beta, \gamma\}$, $\{\beta, \delta\}$, $\{\gamma, \delta\}$, $\{\beta\}$, $\{\gamma\}$, $\{\delta\}$ e $\emptyset$. Isso indica que o conjunto potência de $\mathbf{P}(\alpha)$ apresenta um "excesso" em relação ao conjunto original, pois ele inclui todas as suas partes. Esse axioma tem implicações profundas tanto para a matemática quanto para a ontologia de Badiou, pois introduz a ideia de que há sempre um múltiplo maior (o conjunto potência) que contém todos os agrupamentos possíveis dos elementos do conjunto original, incluindo-se aí o vazio, a marca daquelas partes que não são apresentadas por determinado conjunto.

Para o filósofo francês, a metaestrutura é a conta-por-um das partes de uma situação estruturada. Em termos ontológicos, uma situação é um múltiplo estruturado que apresenta múltiplos de acordo com regras determinadas, isto é, ela "conta" os múltiplos que a compõem. No entanto, essa contagem inicial não esgota todas as combinações possíveis contidas na situação. A metaestrutura entra em cena como uma recontagem que excede a apresentação original, contabilizando as partes da situação, o que corresponde filosoficamente ao conceito matemático do conjunto potência. Assim como o axioma do conjunto potência, a metaestrutura possibilita a apresentação dos subconjuntos não apresentados diretamente pela estrutura da situação original, sendo responsável por organizar e tornar visíveis as partes da situação que, inicialmente, não foram apresentadas.

Um dos princípios fundamentais da teoria dos conjuntos é a vedação da autopertença: nenhum conjunto pode pertencer a si mesmo, pois isso resultaria no paradoxo de um conjunto que apresenta a si mesmo. Conforme o paradoxo de

Russell, se a autopertença fosse possível, também seria possível a existência de um conjunto que contivesse todos os conjuntos que pertencem a si mesmos e de um conjunto que contivesse todos os conjuntos que não pertencem a si mesmos. Neste último caso (um conjunto que apresentasse todos os conjuntos que não pertencem a si mesmos), se este conjunto pertencesse a si mesmo, ele não pertenceria a si mesmo, pois faria parte do conjunto que contém todos os conjuntos que não pertencem a si mesmos. No entanto, caso este conjunto não pertencesse a si mesmo, ele também faria parte do conjunto que contém todos os conjuntos que não pertencem a si mesmos. Logo, a autopertença é impossível.

Consequentemente, nenhuma situação pode contar a si mesma como elemento de sua própria constituição. A metaestrutura, enquanto conta-por-um do conjunto potência de uma situação, está em uma posição de excesso em relação à situação cujas partes apresenta. Isso significa que, embora o conjunto potência contenha todos os subconjuntos de uma situação, ele nunca é idêntico à própria situação, posto que apresenta subconjuntos que não são apresentados pela situação.

Mas apesar de nenhum conjunto poder pertencer a si mesmo, todo conjunto está incluído em si mesmo, já que todo conjunto é a parte total de si próprio. Na medida em que o conjunto vazio não possui nenhum elemento, a aplicação do axioma do conjunto potência a $\emptyset$ resultaria no conjunto $\{\emptyset\}$, pois a única parte, ou subconjunto, do vazio é o próprio vazio. Embora o vazio seja inapresentável, ele é rearranjado pelo conjunto potência de uma situação, que o situa e o nomeia. Não é o vazio como tal que é apresentado por $\{\emptyset\}$, mas o nome do vazio, aquilo que resulta do fracasso de sua apreensão. O vazio, assim, é recontado pela metaestrutura, o que permite que o nada, ou o ser-múltiplo inconsistente, seja nomeado, mesmo que se mantenha inapresentável, razão pela qual Badiou concebe essa operação como uma nomeação do ser-múltiplo por meio da apresentação do vazio como nome próprio do ser.

A pura inconsistência múltipla é o ponto de partida da ontologia badiouiana, de modo que, para que algo seja pensado no lugar do nada, ou seja, para que haja uma consistência, é preciso, inicialmente, nomear o vazio. O múltiplo $\{\emptyset\}$, também chamado de singleto de $\emptyset$, é o que Badiou denomina como arranjo-em-um do vazio, que adquire extensão ao ser nomeado. Como o conjunto das partes de qualquer múltiplo é sempre maior que o próprio múltiplo, o conjunto potência de $\{\emptyset\}$, denotado como $\mathbf{P}(\{\emptyset\})$, excede $\{\emptyset\}$, uma vez que o vazio, que é parte de $\{\emptyset\}$, é apresentado

como singleto em $\mathbf{P}(\{\emptyset\}) = \{\emptyset, \{\emptyset\}\}$. Dessa forma, partindo-se do vazio, é possível gerar uma sequência infinita de conjuntos com diferentes tamanhos por meio do rearranjo das partes dos múltiplos, tomando-se o vazio como o nome próprio do ser.

Para se compreender a aplicação do axioma do conjunto potência na ontologia de Badiou, é necessário distinguir entre situação e estado da situação. Ao passo que uma situação consiste na apresentação de uma multiplicidade em um dado contexto, um estado dessa situação consiste em uma recontagem arbitrária de suas partes. Em outras palavras, o estado de uma situação é qualquer múltiplo cuja extensão esteja compreendida entre sua própria extensão e a extensão de seu conjunto potência, ou, em termos ontológicos, entre uma situação estruturada e sua metaestrutura. O estado da situação pode ser visto como uma instância que visa controlar ou regular o excesso de múltiplos que poderiam surgir a partir da estrutura original da situação. Ele realiza uma recontagem das partes para dar visibilidade a certos subconjuntos e para suprimir outros⁵².

Como um múltiplo apresentado é um conjunto que pertence a uma situação, um múltiplo representado é um conjunto que faz parte de uma situação, isto é, pertencente ao estado dessa situação. Badiou dá o nome de normal a um múltiplo que é, ao mesmo tempo, apresentado e representado por uma situação. Um múltiplo que apenas faz parte de uma situação, mas não é apresentado, Badiou denomina como excrescência. Um múltiplo que pertence a uma situação, mas não é representado, Badiou nomeia como singularidade. E são vazios os termos que não são nem apresentados nem representados, isto é, que não pertencem nem à situação nem ao seu estado. O estado de uma situação é, pois, uma operação organizacional que busca regular os excessos, forçando determinadas excrescências e anulando certas singularidades⁵³.

Ao incorporar conceitos como natureza, infinitude e ordinalidade à sua ontologia, Badiou busca formalizar as relações do ser-múltiplo em situação. Recorrendo à teoria dos conjuntos, Badiou define um múltiplo natural como uma multiplicidade que possui consistência interna. Um múltiplo é considerado natural se

⁵² Vale ressaltar que o estado da situação corresponde à metaestrutura, e não ao axioma da potência, por mais que este seja usado para explicar a diferença entre estrutura e metaestrutura.

⁵³ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 95-128; WATKIN, William. *Badiou and indifferent being: a critical introduction to Being and event*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2017, p. 71-101.

ele for normal, ou seja, se ele for apresentado por uma situação e representado pelo estado dessa situação. A normalidade de um múltiplo exige que todos os múltiplos nele contidos também sejam por ele apresentados, de modo que os múltiplos normais são aqueles que mantêm uma relação de pertencimento e de inclusão uns com os outros.

Além disso, um múltiplo é natural quando repete a normalidade em todos os seus níveis, sendo normais os múltiplos que ele apresenta, bem como os múltiplos apresentados pelos seus múltiplos, e assim sucessivamente. Matematicamente, essa característica é denominada transitividade, sendo uma propriedade que garante a consistência e a coesão interna de um múltiplo. Assim, um conjunto é transitivo se, para todo elemento que ele contém, esse elemento também for um subconjunto do conjunto original. Em termos ontológicos, um conjunto transitivo reflete uma situação em que todos os múltiplos apresentados pertencem e fazem parte de uma estrutura maior, representada pelo estado da situação.

Na medida em que um múltiplo natural obedece a uma transitividade interna, a própria ideia de natureza remete à ideia de um conjunto cujos elementos são bem ordenados. Por essa razão, na ontologia badiouiana esses múltiplos também são chamados de ordinais. O conceito de ordinalidade na ontologia de Badiou está relacionado à organização dos múltiplos em uma cadeia hierárquica. Um múltiplo ordinal é aquele que segue uma estrutura transitiva sucessiva, onde múltiplos menores pertencem a múltiplos maiores. Possuindo alguma extensão, um conjunto ordinal organiza os conjuntos em uma ordem bem definida, o que permite identificar o ponto mínimo de pertencimento dentro dessa cadeia de múltiplos, isto é, o menor conjunto, que pertence a todos os demais.

Badiou dá o nome de pertença minimal (ou $\in$ -minimal) ao ponto mínimo de toda situação ordinal. Esse ponto mínimo é o múltiplo que, ao nomear o vazio, estabelece a base da cadeia de múltiplos ordinais. Trata-se, pois, do conjunto $\{\emptyset\}$, pois ele nomeia e dá extensão ao vazio, sendo o menor ponto de pertencimento dentro de toda situação. Possuindo uma pertença minimal, um conjunto ordinal é uma coleção de múltiplos organizados de acordo com a relação de sucessão, onde cada múltiplo está incluído e pertence a um múltiplo maior. Mas além da pertença minimal, que limita um conjunto ordinal para baixo, há também o múltiplo ordinal que funciona como limite máximo desse múltiplo. Todo conjunto ordinal finito é limitado por seu

maior múltiplo, de modo que, na sucessão dos subconjuntos que seguem o vazio, o múltiplo limite de um conjunto ordinal finito é o último da série sucessiva⁵⁴.

Um conjunto ordinal infinito, por sua vez, é aquele que contém uma quantidade infinita de múltiplos, como o conjunto dos números naturais. Ao contrário do ordinal finito, limitado pelo maior múltiplo de sua série sucessiva, este tipo de conjunto não tem um limite finito. Na teoria dos conjuntos, a sucessão é representada pela fórmula $S(\alpha)$, que indica que a sucessão de um conjunto ordinal α é outro conjunto que inclui α . Essa sucessão pode continuar indefinidamente, especialmente no caso de ordinais infinitos. O conjunto dos números naturais, por exemplo, é descrito como uma sucessão infinita de números, sem um limite finito que interrompa essa sequência.

Diferentemente dos ordinais sucessores, um ordinal-limite é um conjunto que marca a fronteira entre os múltiplos finitos e os infinitos. O símbolo ω_0 é usado para representar aquele que seria o primeiro ordinal-limite regular, isto é, o menor ordinal infinito. O conjunto dos números naturais é um ordinal-limite, pois ele contém uma infinidade de múltiplos finitos e não pode ser sucedido por nenhum múltiplo finito. Portanto, o conceito matemático do primeiro infinito, ou ordinal-limite, possui uma qualidade distinta dos ordinais sucessores finitos, pois ele não pertence à sequência sucessiva de números finitos, mas atua como um limite transcendental.

Na ordenação dos ordinais finitos, a cada um dos conjuntos é atribuída uma classe de grandeza, denominada cardinalidade, correspondente à sua ordem. Isso quer dizer que se um ordinal é ϵ -minimal, por exemplo, para a propriedade “ter a classe de grandeza de quinta ordem”, ele tem uma extensão tal que, quando comparada aos demais conjuntos de sua ordem, é maior que apenas outros quatro conjuntos, o que faz com que ele corresponda ao cardinal finito representado pelo número 5. Assim, em uma certa ordem, o menor conjunto corresponde ao cardinal finito representado pelo número 1, seu sucessor corresponde ao cardinal finito representado pelo número 2 e o vigésimo-terceiro ordinal corresponde o cardinal finito representado pelo número 23.

Analogamente ao que acontece com os números finitos, é possível discriminar

⁵⁴ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 141-160; WATKIN, William. *Badiou and indifferent being: a critical introduction to Being and event*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2017, p. 101-109.

diferentes números infinitos de acordo com uma certa intuição a respeito de seu tamanho. Convencionalmente, os números infinitos são notados pela letra hebraica $\aleph$ (*aleph*) e pelo número que corresponde à sua cardinalidade entre os infinitos. Por exemplo, o primeiro cardinal infinito (isto é, o primeiro infinito que enumera todos os números finitos) é notado como $\aleph_0$, sendo seguido por $\aleph_1$, $\aleph_2$, etc. Assim, o cardinal $\aleph_0$ funciona como o múltiplo infinito que limita a série sucessiva dos números naturais, enumerando-os. No entanto, dentro da matemática dos cardinais infinitos, o cardinal $\aleph_0$ faz parte de sua própria ordem sucessiva de cardinais infinitos, ordem esta que só pode ser limitada por um infinito de grau muito mais inacessível que todos os sucessores de $\aleph_0$ (o cardinal $\aleph(\aleph_0)$, por exemplo).

No caso dos números infinitos, portanto, pode-se intuir que um infinito é maior que outro se ele for “mais incomensurável” que o segundo. É o que ocorre, por exemplo, quando se tenta pensar o conjunto das partes do ordinal-limite ω_0 : se o conjunto-potência de uma situação finita é sempre maior que a situação, pois consiste em todos os possíveis arranjos de seus elementos, o conjunto-potência de uma situação infinita também é maior que a situação infinita que lhe subjaz. Assim, se o ordinal-limite ω_0 corresponde à cardinalidade $\aleph_0$, o ordinal $\mathbf{P}(\omega_0)$, o conjunto das partes de ω_0 , terá uma cardinalidade certamente maior que $\aleph_0$, sendo, pois, mais incomensurável que o primeiro. Em outras palavras, o conjunto das partes de uma situação infinita é sempre maior que a própria situação.

Na teoria dos conjuntos, o axioma do infinito afirma a existência de um conjunto infinito, ou seja, um conjunto que contém uma quantidade incomensurável de elementos. Badiou utiliza esse axioma para pensar o infinito não apenas como uma ideia abstrata, mas como um múltiplo concreto com uma estrutura e uma existência bem definidas. Para o filósofo francês, o ponto de partida para se pensar o infinito é o vazio, que ele considera o nome próprio do ser. A partir desse ponto inicial, novos múltiplos podem ser gerados por meio da sucessão, utilizando-se o axioma do conjunto potência e o axioma da substituição (segundo o qual os múltiplos extensionais podem ser livremente substituídos uns pelos outros) para passar de um múltiplo ao seu sucessor. Esse processo cria uma cadeia infinita de ordinais, cada um sucedendo o anterior, como na sequência $\emptyset$, $S(\emptyset)$, $S(S(\emptyset))$ etc. Desse modo, o conceito de ordinal-limite indica o fracasso de se tentar mensurar a infinidade da sucessão dos números naturais, de modo que a noção ontológica de infinito busca

simbolizar a incomensurabilidade ordenada da natureza⁵⁵.

Diferentemente da perspectiva ontológica, a perspectiva do transcendental de um mundo possibilita não apenas a conta-por-um da multiplicidade inconsistente, mas também o estabelecimento dos diferentes graus de aparição dos múltiplos que fazem parte de um mundo. Olhando para uma situação ontológica a partir do ponto de vista da lógica do transcendental de um mundo, todos os elementos dessa situação só pertencem a ela na medida em que aparecem nessa situação. E tudo aquilo que a ontologia diz não pertencer à situação é algo que nela não aparece. É por essa razão que, como veremos adiante, Badiou considera a ontologia como um tipo específico de mundo: um mundo cujo transcendental é binário, posto que só “conta” seus múltiplos com um único grau de aparição (o grau máximo), e atribui a tudo aquilo que não “conta” um grau mínimo de aparição. Desse modo, sendo mais amplo que a ontologia, o transcendental é o não-lugar que define os graus de aparição de um mundo.

2.3 O APARECER DE UM ENTE É INDEXADO AO TRANSCENDENTAL DE UM MUNDO

Com sua proposta ontológica, que deduz o ser a partir do vazio por meio de uma linguagem matemática simples, Badiou consegue dar uma forma geral e estática ao problema do ser-enquanto-ser, ou seja, a tudo aquilo que é. Resta, porém, dar forma ao problema do ente, isto é, à existência do ser, ou à sua aparição como ser-aí em um mundo. Assim, enquanto em *O ser e o acontecimento* Badiou se preocupa em construir uma ciência que seja capaz de marcar a apresentação ordenada do ser-enquanto-ser, em *Lógicas dos mundos*, de 2006, o filósofo francês busca estabelecer em que medida o ser-múltiplo aparece dentro de um mundo. Para tanto, Badiou passa a utilizar uma lógica mais abrangente que a lógica clássica (razão pela qual ele se refere a ela como uma Grande Lógica), de modo que seu conceito de mundo possa abarcar, entre outros mundos possíveis, também o mundo da ontologia. Trata-se da

⁵⁵ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 161-179; WATKIN, William. *Badiou and indifferent being: a critical introduction to Being and event*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2017, p. 109-127; NIRENBERG, Ricardo L.; NIRENBERG, David. Badiou's Number: A Critique of Mathematics as Ontology. *Critical Inquiry*, n. 37, p. 583-614, 2011, p. 583-597; PHELPS, Hollis. Badiou, Keyser, and the Theo-mathematics of the Infinite. *Theology and Science*, v. 12, n. 1, p. 49-63, 2014, p. 50-55, 56-58.

lógica intuicionista, que é combinada com a álgebra de Heyting (base do conceito de transcendental), a topologia (base da ideia de localização dos objetos) e a teoria das categorias (base da ideia de relação entre objetos).

De maneira geral, a lógica intuicionista faz uso dos mesmos operadores que a lógica proposicional, deixando de lado, porém, algumas de suas regras, como a do terceiro excluído (que diz que não há meio-termo entre o verdadeiro e o falso) e da dupla negação (que diz que a negação da negação equivale à afirmação). A álgebra de Heyting é a formalização da lógica intuicionista feita pelo matemático Arend Heyting na década de 1930, sendo mais ampla que a álgebra Booleana, que corresponde à lógica clássica. Assim, pode-se dizer que a álgebra Booleana nada mais é que uma álgebra de Heyting com regra específicas (as regras do terceiro excluído e da dupla negação). A topologia, por sua vez, é o ramo da matemática responsável pelo estudo da interioridade dos conjuntos estruturados, ramo este que, conjuntamente à álgebra de Heyting, permite a conexão filosófica do aparecer dos seres e de sua localização. Por fim, a teoria das categorias é um ramo da matemática preocupado com o estudo do objeto e de suas relações, determinando, por meio de diagramas com símbolos e setas, como as relações entre objetos podem se comutar⁵⁶. Desse modo, esse novo sistema intuicionista é mais amplo que a teoria dos conjuntos, o que implica que, como se verá adiante, pode-se inscrever a ontologia dentro da construção de *Lógicas dos mundos*, não sendo possível, porém, inscrever o conceito de mundo dentro da ontologia conjuntista, posto que esse conceito abrange muitos outros mundos além do mundo da ontologia.

Ontologicamente, o todo não existe enquanto multiplicidade consistente, já que a existência de um múltiplo de todos os múltiplos seria inconsistente. Nos termos da teoria axiomática dos conjuntos, essa inconsistência é marcada por um paradoxo. Se houvesse um conjunto total (um conjunto de todos os conjuntos), esse mesmo conjunto conteria, como subconjunto, um conjunto de todos os conjuntos que não pertencem a si mesmos. Os conjuntos que pertencem a si mesmos são chamados de reflexivos, ao passo que os conjuntos que não pertencem a si mesmos são não

⁵⁶ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 180, 185-194, 311-312, 411, 556-557, 562-566, 570-572, 584; BADIOU, Alain. *Mathematics of the transcendental*. Editado e traduzido por A. J. Bartlett e Alex Ling. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Publishing, 2014, p. 13-16.

reflexivos. Assim, a suposição de que o todo existe implicaria a suposição da existência do conjunto de todos os conjuntos não reflexivos, isto é, de um conjunto que contém todos os conjuntos que não apresentam a si mesmos em sua própria composição).

Se P_p é o predicado “não pertencer a si mesmo”, a suposição de um todo implicaria a suposição de um subconjunto M_p que realiza esse predicado: um conjunto de todos os conjuntos que não pertencem a si mesmos. Se esse conjunto M_p existe, ele é reflexivo ou não reflexivo? Se M_p pertence a M_p , fazendo parte do conjunto de todos os conjuntos que têm a propriedade de não pertencerem a si mesmos, M_p não pertence a si mesmo. Em outros termos, caso esse múltiplo apresente a si mesmo, sendo reflexivo, M_p conterá um múltiplo reflexivo, deixando de ser o conjunto de todos os múltiplos não reflexivos. Inversamente, porém, caso M_p seja não reflexivo, não pertencendo a si mesmo, ele terá a propriedade P_p , o que faz com que ele pertença a si mesmo. E na medida em que esse paradoxo decorre da suposição da existência de um múltiplo de todos os múltiplos, o todo é ontologicamente inconsistente⁵⁷, o que pode ser escrito da seguinte forma: $(M_p \in M_p) \leftrightarrow P_p(M_p) \leftrightarrow \neg (M_p \in M_p)$.

Constatando-se que não há uma totalidade ontologicamente consistente, pode-se inferir que o pensamento de um múltiplo qualquer é sempre local, na medida em que esse pensamento “deriva de múltiplos singulares, não se inscrevendo em nenhum múltiplo cujo valor referencial seja absolutamente geral”⁵⁸. As identificações e relações dos múltiplos são locais, não havendo um grande múltiplo geral total que englobe todos os múltiplos existentes, mas uma infinidade de múltiplos que se inscrevem uns nos outros.

Para a ontologia, um múltiplo não difere “mais ou menos” de um outro, posto que a menor diferença local entre dois múltiplos acarreta uma diferença global absoluta. Segundo o axioma da extensão, dois múltiplos são iguais se, e somente se, eles têm os mesmos elementos. A existência de um único elemento que pertence a um conjunto e não a outro indica que ambos os múltiplos são absolutamente distintos. Toda diferença pontual entre múltiplos implica uma diferença global na ordem do ser-

⁵⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 119-121, 165-167; SOTIRIS, Panagiotis. Beyond Simple Fidelity to the Event: The Limits of Alain Badiou's Ontology. *Historical Materialism*, v. 19, n. 2, p. 35-59, 2011, p. 37-43.

⁵⁸ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 122, tradução nossa.

enquanto-ser, não importando o *quão* diferentes eles sejam. A ontologia se preocupa tão somente com a diferenciação quantitativa (extensiva) dos múltiplos, não trazendo qualquer diferenciação puramente qualitativa (intensiva).

Se, da perspectiva ontológica, um múltiplo é um ser ao mesmo tempo local e global, de modo que toda mudança local desfaz o global de uma situação, do ponto de vista mundano um múltiplo é um ser localizado cujas mudanças não afetam a consistência global. Por essa razão, Badiou diferencia o ser ontológico de seu ser-aí em um mundo, referindo-se ao ser mundano como “ente”. Assim, do ponto de vista lógico-mundano, um múltiplo é um ente que localmente se identifica e se relaciona com outros múltiplos dentro de um lugar de identificação chamado *mundo*, de modo que mundo é o lugar-múltiplo onde se dão as operações do pensamento pelas quais garante-se a identidade de um múltiplo a partir de suas relações com outros múltiplos. Dessa perspectiva, múltiplo identificado não é apenas um ser-múltiplo extensional, como na ontologia, mas um ente do mundo (“*étant du monde*”)⁵⁹.

A pensabilidade de um ente resulta (1) de um outro ente cuja existência esteja assegurada, (2) de uma operação que legitime a passagem desse outro ente ao ente que o pensamento busque identificar e (3) do espaço de exercício da operação, isto é, do múltiplo no interior do qual ocorre a passagem operatória. Isso quer dizer que a identidade de um ente, sempre determinada localmente, depende da identidade de um outro ente, que nomeia um outro ponto local dentro do espaço de exercício operatório. Esse espaço de exercício no qual ocorre a operação da passagem de um ente a outro é o que Badiou denomina como mundo, espaço que localiza o ente por meio da nomeação de um novo ponto local.

Do ponto de vista de uma organização transcendental mundana, quando um ser é localizado em uma situação, isto é, quando ele é situado, isso quer dizer que ele está em uma “situação de ser”, sendo apreendido como ente. Situação de ser é um mundo, entre outros possíveis, que inscreve no ente um procedimento local de acesso à sua identidade a partir de outros entes. Não há um liame intrínseco entre um múltiplo e um mundo: um ser pode copertencer a mundos distintos, podendo ser situado localmente de diversas formas. O modo como um ser se entifica, ou se mundaniza, depende da situação de ser que lhe apresenta, isto é, do espaço operatório em que

⁵⁹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 121-123, 167-169.

se realiza a passagem de um outro ente a ele, identificando-o.

Um ser situado, ou ente, é um ser-aí, na medida em que se diferencia não apenas de sua pura existência, isto é, de seu ser-múltiplo (ou ser-enquanto-ser), mas também dos demais entes que fazem parte de seu mundo. Em outras palavras, assim como a identidade diferenciada de um ente em relação ao puro ser não basta para explicar seu aparecer mundano, a identidade dos entes de um mundo não é suficiente para explicar a diferenciação do ente que aparece em relação ao ser-enquanto-ser ontológico. O aparecer é uma lógica que codifica, mundo a mundo, essas diferenças.

É certo, portanto, que a identidade de um ente apreendido na efetividade de seu aparecer inclui algo além da construção ontológica, ou matemática, de seu ser-múltiplo. Mas o que? A resposta é: uma lógica pela qual todo ente se vê constrangido e disposto, à medida que aparece localmente e, assim, se afirma como ser-aí. [...] A chave para se pensar o aparecer consiste em poder determinar, de uma vez por todas, no que diz respeito a um ente singular, a diferença-de-si que faz com que o ser-aí não seja o ser-enquanto-ser e a diferença em relação aos outros que faz com que o ser-aí, ou a lei do mundo, compartilhada por esses outros, não suprima o ser-enquanto-ser.⁶⁰

Tomando como base a lógica intuicionista mencionada acima, Badiou nomeia como lógica as leis que asseguram o aparecer de um ser-múltiplo em um determinado mundo. Cada mundo possui sua própria lógica, isto é, sua própria legislação do aparecer. Todo mundo possui uma *função de aparecimento* que mede os graus de identidade dos elementos intramundanos. Dados os elementos α e β , a função de aparecimento indexa ambos os elementos ao transcendental de um mundo, estabelecendo que entre α e β há algum grau de identidade. A fórmula dessa função, aplicada a α e β , se escreve **Id** (α , β)⁶¹.

Como mencionado anteriormente, e como será visto no último capítulo, as concepções de Badiou atinentes ao plano do ser dependem do que ocorre no plano subjetivo, isto é, da relação que se estabelece entre ser e verdade. No entanto, por mais que, *no interior do sistema badiouano*, as construções do ser-múltiplo decorram, em última instância, do que se dá no plano do sujeito, Badiou entende que, *no interior de um mundo*, não é preciso que haja uma consciência transcendental, ou um ponto

⁶⁰ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 127, tradução nossa.

⁶¹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 123-128, 167-169; O'KEEFFE. Being in the World According to Badiou. *The Comparatist*, v. 44, p. 25-45, out. 2020, p. 39-39.

subjetivo empírico-idealista, apartado dos objetos, que testemunhe os entes desse mundo. Isso porque há uma organização transcendental na própria lógica desse mundo, isto é, naquilo que regra a necessidade que o ente possui de impor seu aparecer para que consiga garantir seu ser.

O aparecer de um ser-múltiplo se dá em uma rede relacional situada (um mundo), fazendo com que esse ser adquira o estatuto de ser-no-mundo. E é a partir do *transcendental imanente* desse mundo que é possível medir os graus de aparecimento, determinando-se os níveis maior ou menor das identidades e das diferenças entre os entes⁶². Portanto, o transcendental é um conjunto operatório imanente que dá “sentido ao ‘mais ou menos’ das identidades e das diferenças em um determinado mundo”⁶³. Isso quer dizer que a lógica desse mundo define os graus de identidade e de diferença dos entes desse mundo uns em relação aos outros, independentemente de uma consciência-testemunha subjetiva.

O transcendental de uma situação é, pois, a escala dos graus de identidade e de diferença de cada ente em relação aos demais em um determinado mundo, de modo que cada ente só faz parte de um mundo na medida em que está indexado ao seu transcendental. Analogamente ao estado de uma situação, o transcendental de um mundo conta alguns elementos da metaestrutura do ser-múltiplo, isto é, algumas de suas partes, arranjando os múltiplos de uma certa maneira. Mas ele não arranja essas partes apenas de forma extensional, mas de acordo com a intensidade de seus respectivos graus de identidade, de modo que algumas partes podem aparecer com uma intensidade maior ou menor que outras.

Assim, o transcendental aproxima certos múltiplos e distancia outros, indexando diferentes graus de identidade entre os múltiplos conforme sua aparição como entes desse mundo. Essa indexação diz respeito, em primeiro lugar, ao grau de identidade de um ente em relação a outro ente do mesmo mundo e, em segundo lugar, à identidade de um ente em relação ao seu próprio ser. São essas duas identidades que vão indicar em que medida tal ou tal ente aparece no mundo. Não sendo dedutível ontologicamente, o aparecer, localizado a partir das relações entre os entes, depende

⁶² Sobre os distanciamentos entre o sujeito transcendental kantiano e o transcendental materialista de Badiou, conferir JOHNSTON, Adrian. Phantom of consistency: Alain Badiou and Kantian transcendental idealism. *Continental Philosophy Review*, n. 41, p. 345-366, 2008, p. 356-365.

⁶³ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 128, tradução nossa.

de uma lógica especial que permita pensar sua coesão intramundana.

Possuindo uma estrutura que permite fixar os graus de identidade dos elementos que pertencem a uma situação, o transcendental é um múltiplo que faz parte desse mundo no qual ele funciona como transcendental ($T \subseteq \mathbf{m}$). Ele possibilita o estabelecimento do valor de identidade de cada par de elementos. Tomando-se dois entes, α e β , supostamente pertencentes a um mundo, pode-se estabelecer, por exemplo, que no que concerne ao aparecer desses entes nesse mundo, a identidade de um em relação ao outro é de grau p , o que se escreve $\mathbf{Id}(\alpha, \beta) = p$. A partir disso, se se quer dizer que α é mais idêntico a β que a γ , pode-se escrever isso da seguinte forma: se $\mathbf{Id}(\alpha, \beta) = p$ e $\mathbf{Id}(\alpha, \gamma) = q$, e se $p > q$, então o grau de identidade p estabelecido entre α e β é maior que o grau de identidade q estabelecido entre α e γ .

Assim, é possível estabelecer entre os graus de aparição de um determinado mundo uma relação de ordem, posto que o transcendental de um mundo se estrutura ontologicamente como um conjunto parcialmente ordenado, mantendo uma relação de ordem total entre os elementos comparáveis desse conjunto. Seus elementos comparáveis obedecem a três disposições axiomáticas fundamentais: a reflexividade, a transitividade e a antissimetria. Em primeiro lugar, um ente α possui um grau de aparição que é idêntico a si mesmo, mantendo uma relação de ordem consigo mesmo ($\alpha \leq \alpha$). Em segundo lugar, os entes α , β e γ são transitivos, na medida em que é possível ordenar seus graus de aparição ($[(\alpha \leq \beta) \text{ e } (\beta \leq \gamma)] \rightarrow (\alpha \leq \gamma)$). Por fim, só é possível inferir uma equivalência entre o grau de aparição de dois entes se não é possível diferenciá-los ($[(\alpha \leq \beta) \text{ e } (\beta \leq \alpha)] \rightarrow (\alpha = \beta)$)⁶⁴.

2.4 O GRAU MÍNIMO DE APARIÇÃO E A CONJUNÇÃO

Para que o aparecer seja consistente, é preciso que a não-aparição seja pensada dentro de um mundo, isto é, que haja uma marca lógica intramundana que

⁶⁴ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 128-132, 169-171; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 82-85, 103-106; SHAW, Ian G. R. Sites, truths and the logics of worlds: Alain Badiou and human geography. *Transactions of the Institute of British Geographers*, n. 35, p. 431-442, 2010, p. 436-437.

indique a não-aparição. A identidade entre dois entes pode ser maior ou menor a partir da perspectiva do transcendental de determinado mundo. Caso não haja qualquer identidade entre um ente A e um ente B, isso quer dizer que há entre eles uma diferença absoluta, de modo que pelo menos um desses dois entes possui um grau de aparição nulo dentro daquele mundo. Há, portanto, em todo mundo, uma medida transcendental daquilo que não aparece nesse mundo, ou seja, de um *mínimo* na ordem dos valores de aparecimento.

Esse mínimo não deriva, porém, da avaliação dos graus de intensidade do aparecer tomados em si mesmos, mas da avaliação do grau de intensidade da diferença de aparição entre dois entes pela organização transcendental de um mundo. Para a ontologia, o grau nulo de existência é marcado pelo $\emptyset$, o nome próprio do ser, que deve ser nomeado para que o ser-enquanto-ser seja apresentado, já que sua apresentação depende dessa nomeação. Para a lógica mundana, porém, a simples existência do ser-enquanto-ser não implica seu aparecer como ente no mundo, já que a aparição tem a ver com a maior ou menor identidade dos graus de intensidade dos entes de um mundo. A identidade entre um ente apenas ontologicamente determinado e um ente que realmente aparece em um mundo é mínima, de modo que esse primeiro ente não aparece nesse mundo, marcando o mínimo de aparição desse mundo. Consequentemente, o não-aparecente não decorre do puro e simples não-ser ontológico, mas de um grau nulo da relação de identidade (da absoluta diferença de aparição) entre tal e tal ente de acordo com o transcendental de um mundo.

Supondo-se a existência do conjunto transcendental T que obedece às regras da reflexividade, da transitividade e da antissimetria, há, nesse conjunto, uma intensidade nula, ou mínima, que será equivalente a zero para os habitantes desse mundo. Badiou simboliza esse mínimo pela letra grega μ , de modo que, para todo e qualquer elemento p de T, $\mu \leq p$, isto é, há uma intensidade mínima μ que é menor que a de qualquer outro elemento de T. Essa propriedade de μ faz com que a intensidade nula de um mundo seja única, posto que, se houvesse uma outra medida μ' que também fosse mínima, μ' também seria um grau de intensidade de aparição menor que o de todo e qualquer elemento p de T ($\mu' \leq p$). Como tanto μ quanto μ' são elementos de T, $\mu \leq \mu'$ e $\mu' \leq \mu$, do que decorre, pela regra da antissimetria, que $\mu =$

μ' , havendo apenas um único grau de não aparição de um ente em um mundo⁶⁵.

A consistência de um mundo se assenta na legibilidade da intensidade de aparição da parte comum entre dois entes desse mundo, ou seja, deve ser possível avaliar o grau de aparição daquilo que há em comum entre tais entes. Essa parte em comum entre dois entes consiste na *conjunção* de ambos, o que pode ser expressa pelo operador da intersecção ($\cap$), que indica o que dois conjuntos têm em comum⁶⁶. Dado um conjunto transcendental T , bem como os elementos p e q que pertencem a T , a conjunção de p com q será o maior elemento entre todos aqueles que são inferiores tanto em relação a p quanto em relação a q . Se r é todo outro conjunto, além da conjunção de p com q , que é menor que p e que q , temos que $p \cap q \leq p$, $p \cap q \leq q$ e, por fim, $p \cap q \geq r$. O fenômeno da conjunção dos entes pode se dar de três formas: como inclusão, como intercalação e como disjunção.

Quando a aparição de um ente p , em sua totalidade, traz consigo a aparição de parte de um ente q , o ente p revela aquilo que há em comum entre p e q , de modo que p está incluso em q . Assim, $p \leq q$, posto que idêntico a si mesmo, mas também $p \leq q$, já que p faz parte de q , de modo que a aparição de p também faz aparecer a parte de q que está em conjunção com p . Como não há nenhum outro maior que p que seja menor ou igual a p , a conjunção de p com q é a mesma do grau de intensidade de aparição de p ($p \cap q = p$).

Quando a aparição daquilo que há em comum entre p e q não depende da totalidade de nenhum desses entes, mas de um terceiro ente t que representa essa parte em comum que intersecta p e q , a conjunção de ambos é intercalada pelo terceiro ente t . Como a intersecção t corresponde a uma parte não total tanto de p quanto de q , infere-se que $t \leq p$ e $t \leq q$. E como t é o maior conjunto que é parte comum de p e de q , a conjunção de p com q é t ($p \cap q = t$).

Quando não há nenhuma parte em comum entre p e q , isto é, quando o valor de aparição dessa parte em comum é nulo, p e q são disjuntos. Como visto acima, a

⁶⁵ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 132-135, 171-173; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 85-87, 107-108; ZABATIERO, Júlio Paulo T. M. A fenomenologia materialista de Alain Badiou: um programa de pesquisa para as Ciências da Religião. *Reflexão*, Campinas, n. 45, 2020, p. 10-12.

⁶⁶ Portanto, a conjunção de dois entes representa, dentro da lógica do transcendental de um mundo, aquilo que a lógica formal traz tanto como intersecção quanto como o conector & que liga duas proposições lógicas como verdadeiras.

intensidade de grau zero de um mundo é o grau mínimo de aparecimento desse mundo, representado por μ . A conjunção entre um ente α qualquer de um mundo, com grau de aparição não nulo, e um ente com grau nulo é sempre nulo ($\alpha \cap \mu = \mu$). Não havendo nada em comum entre p e q , a conjunção de ambos tem intensidade de grau mínimo ($p \cap q = \mu$)⁶⁷.

2.5 O ENVELOPE, A DISTRIBUIÇÃO E O AVESSO

A partir da palavra francesa *envelopper*, que significa abarcar, unir ou circunscrever, Badiou cria o conceito de *enveloppe*, que traduzimos como *envelope*. O envelope de uma parte de um mundo é “o ente que tem como valor diferencial de aparição o valor sintético apropriado a esta parte”⁶⁸, apresentando a diferença de aparição entre os entes dessa parte. Circunscrevendo todos os aparentes de um pedaço do mundo, o envelope abarca até mesmo o ente mais disjunto em relação aos demais, mantendo a unidade do mundo por meio da subsunção de todos graus de aparição dos entes que fazem parte desse fragmento de mundo. Isso significa que a ordem transcendental possui um grau de aparição superior ou igual aos seus entes, subsumindo todos os graus do mínimo ao máximo. O envelope se refere ao menor valor de aparição possível entre os elementos que englobam um determinado fragmento de mundo, valor este capaz de dominar todos os entes dessa parte do mundo, mantendo a consistência e a estabilidade regional.

Suponha-se que dentro de um conjunto transcendental T haja um subconjunto B que contenha todos os graus de intensidade de aparecimento dos elementos de uma parte de T . Se existe um conjunto $t \in T$ que seja maior que todos os elementos b de B ($b \in B$), t é uma majorante de B , o que significa que a medida transcendental do aparecer de t é maior que a de todos os elementos de B ($b \leq t$). Supondo-se, porém,

⁶⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 135-139, 173-175, 188-189; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 93-94, 108-110; ZABATIERO, Júlio Paulo T. M. A fenomenologia materialista de Alain Badiou: um programa de pesquisa para as Ciências da Religião. *Reflexão*, Campinas, n. 45, 2020, p. 12-13.

⁶⁸ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 141, tradução nossa.

que exista um conjunto u de T que seja a menor majorante de B , temos que $B \leq u \leq t$. Sendo o menor elemento com um grau de intensidade que domina todos os elementos de B , u é o envelope de B , simbolizado pela letra grega Σ ⁶⁹.

Seguindo o axioma da antissimetria, o envelope u de uma parte B de T é único, posto que existe apenas um menor elemento entre aqueles que possuem um grau de aparecimento maior que o de B ($u = \Sigma B$). Na medida em que u domina todos os elementos de B , pode-se dizer que B é um território para u exercer sua dominação. Se B é composto de apenas dois graus de aparição (digamos, p e q), seu envelope será basicamente a união de p com q ($p \cup q$). De todo modo, se B é o conjunto dos elementos q de T que possuem a propriedade P ($B = \{q \in T / P(q)\}$), infere-se que u é o envelope dos elementos q que possuem a propriedade P : $u = \Sigma \{q / P(q)\}$.

Na medida em que o envelope de uma parte não nula do mundo possui um valor de aparição maior que o dos graus de aparição das conjunções que essa parte contém, então o valor desse envelope é sempre superior ao mínimo, já que ele abarca entes com grau de aparição não nulo. Como um envelope não nulo contém entes que aparecem, a conjunção desse envelope com outro aparecente qualquer desse mundo é igual à conjunção desse aparecente com os entes do envelope, operação à qual Badiou dá o nome de *distribuição*. Assim, o valor de aparição da conjunção de um ente p qualquer (não nulo) e o envelope de um subconjunto (não nulo) B de T é o valor de aparição do envelope da conjunção desse mesmo ente com todos os entes desse envelope: $p \cap \Sigma B = \Sigma \{(p \cap x) / x \in B\}$. E como tanto p quanto ΣB são diferentes de μ , esse valor de aparição é superior ao mínimo, já que o grau de intensidade de aparição do envelope resultante das conjunções de p com os elementos de B domina todos os graus inferiores, inclusive o dos entes disjuntos (com mínima aparição), mantendo-se a unidade do mundo⁷⁰.

Por outro lado, um grau de aparição considerado exterior a um grau de aparição dado é aquele cuja conjunção com o grau dado é nula (mínima). Assim, a região do mundo exterior a um aparecente dado é aquela que reúne todos os

⁶⁹ O envelope representa, dentro da lógica do transcendental de um mundo, tanto o operador lógico da união ($\cup$) quanto o conector lógico proposicional *ou*.

⁷⁰ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 139-144, 175-178, 188-189; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 90-94, 110-112; ZABATIERO, Júlio Paulo T. M. A fenomenologia materialista de Alain Badiou: um programa de pesquisa para as Ciências da Religião. *Reflexão*, Campinas, n. 45, 2020, p. 13-15.

aparecentes disjuntos do grau de aparição do ente inicial. E o envelope desse conjunto exterior é um ente que possui um grau de aparição igual ou superior a todos os entes fenomenologicamente exteriores ao ente inicial. A esse envelope, composto pelos aparecentes disjuntos do ente inicial (e que, portanto, não aparecem), Badiou dá o nome de *avesso* (*envers*) do grau de aparição de um ente mundano⁷¹. Tomando-se um grau de intensidade p de um transcendental T , p e q serão disjuntos se $p \cap q = \mu$. O conjunto dos elementos q disjuntos de p se escreve $\{q / p \cap q = \mu\}$, e o envelope desse conjunto tem a fórmula $\Sigma \{q / p \cap q = \mu\}$. Se o avesso de p é notado como $\neg p$, então a fórmula do avesso de p se escreve: $\neg p = \Sigma \{q / p \cap q = \mu\}$.

Se o avesso de p é a circunscrição de todos os elementos cuja conjunção com p tenha um grau mínimo de aparição, a conjunção de p com seu avesso ($p \cap \neg p$) será a conjunção de p com a soma de todos os elementos disjuntos de p ($\Sigma \{q / p \cap q = \mu\}$), que resulta no envelope da conjunção nula $p \cap q$. Mas como o envelope de termos nulos (iguais a μ) também é nulo, a conjunção $p \cap \neg p = \mu$. Uma característica interessante da lógica dos mundos, porém, é que diferentemente da lógica clássica, para a qual a negação da negação de um termo resulta nesse termo, um termo e o avesso do avesso desse termo não são necessariamente idênticos para a lógica mundana. Acrescentando-se uma inversão na definição do avesso, temos a seguinte fórmula, que expressa o avesso do avesso: $\neg \neg p = \Sigma \{q / \neg p \cap q = \mu\}$. Combinando-se essa fórmula com a que diz que a conjunção de p com seu avesso é nula ($p \cap \neg p = \mu$), pode-se substituir, na primeira fórmula, q por p (pois a disjunção decorre daquilo que há em comum entre o avesso de p e o próprio p). Além disso, à medida que o envelope é maior ou igual aos elementos que reúne, $\neg \neg p$ é maior ou igual a p , ou, invertendo-se os termos, p é menor ou igual ao avesso do avesso de p ($p \leq \neg \neg p$).

O avesso, portanto, é um envelope que marca “positivamente” a negação no interior de um mundo. Não se trata de um dado pressuposto, mas do resultado da diferenciação dos graus de aparição dos entes de um mundo determinado. Conforme a intensidade de aparição dos múltiplos é diferenciada no interior de uma organização transcendental, as regiões mais ou menos aparecentes desse mundo são discriminadas. Consequentemente, esse processo de diferenciação dos graus de

⁷¹ O filósofo francês utiliza o mesmo símbolo da negação matemática para marcar o avesso dentro da lógica do transcendental de um mundo, posto que o avesso consiste na interpretação lógico-mundana da negação formal.

aparição acarreta a formação de uma região mundana com grau de aparição mínimo, que passa a consistir no avesso dos aparecentes desse mundo⁷².

2.6 O GRAU MÁXIMO DE APARIÇÃO E A DEPENDÊNCIA

Assim como há um avesso do que aparece em um mundo, e que consiste no grau mínimo de aparição, há, também, um avesso desse mínimo, que consiste no grau *máximo* de aparição. O grau máximo de aparição do transcendental de um mundo, ou o avesso do que não aparece nesse mundo, consiste no aparecente enquanto tal, na gradação absoluta de aparição de uma organização transcendental mundana. Cada mundo possui uma potência de localização determinada, de modo que a aparição entificada dos múltiplos se subsume à absolutez interna dos graus de aparição desse mundo.

Para todo $p \in T$, temos que $\mu \leq p$, razão pela qual também pode-se inferir que $p \leq \neg \mu$. Aplicando-se a fórmula do avesso a $\neg \mu$, tem-se que $\neg \mu = \sum \{q / q \cap \mu = \mu\}$, ou seja, o avesso do mínimo consiste na circunscrição de todos os elementos q de T cuja conjunção com μ seja nula. Porém, a conjunção de qualquer elemento com μ é igual a μ , valendo essa definição para todo o conjunto T , de modo que $\neg \mu$ é o envelope do próprio transcendental T ($\neg \mu = \sum T$). Como o envelope de um conjunto é maior ou igual a todos os elementos desse conjunto, $\sum T$ é maior ou igual a todos os elementos do transcendental T de um mundo. Além disso, todo envelope é único, posto que há somente um menor conjunto entre os conjuntos que dominam os elementos de um dado conjunto (pelo axioma da antissimetria, caso haja mais de um “menor maior”, não é possível diferenciá-los). Desse modo, $\neg \mu$, ou $\sum T$, é o conjunto com grau máximo de aparição em um transcendental T , grau este que passará a ser grafado como M .

A conjunção do grau máximo de aparição com um grau intermediário qualquer de um mundo resulta neste último grau, na medida em que a conjunção intersecta

⁷² BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 146-149, 180-182, 188-189; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 95-96; VARTABEDIAN, Becky. Negation, Structure, Transformation: Alain Badiou And The New Metaphysics. *Open Philosophy*, n. 1, p. 213-222, 2018, p. 215-218.

apenas aquilo que há em comum entre os entes em operação. O que há em comum entre o grau máximo de aparição e um grau intermediário de aparição é, pois, este grau intermediário. À medida que o avesso é a positivação da negação, o avesso do grau máximo é aquilo que não tem nada em comum com o aparente enquanto tal: aquilo que não aparece. Não havendo nada em comum entre a máxima aparição e o mínimo de aparição, que é seu avesso, a conjunção de ambos consiste na absoluta disjunção.

Diferentemente do que ocorre com um elemento p de T qualquer, no caso dos graus mínimos (μ) e máximo (M), o avesso do avesso obedece à regra da lógica clássica segundo a qual o avesso do avesso de um termo é esse mesmo termo. Primeiramente, se $\neg \mu = M$, então $\neg \neg \mu = \neg M$. Em segundo lugar, como todo elemento de T é menor que M , nós temos que um elemento p de T qualquer é sempre menor ou igual a M ($p \leq M$). Em terceiro lugar, levando em conta que, para todo $p \leq q$, $p \cap q = p$, temos sempre que $p \cap M = p$. Por fim, aplicando-se a fórmula do avesso a M , temos que $\neg M = \sum \{q / q \cap M = \mu\}$, ou seja, o avesso do grau máximo é o envelope de todos os elementos cuja conjunção com M seja nula. O único elemento cuja conjunção com M é nula é μ , o que implica que $q = \mu$, isto é, que o avesso do grau máximo é o envelope de μ , que é igual a μ . Se $\neg M = \mu$, então $\neg \neg M = \neg \mu$; mas como $\neg \mu = M$, conclui-se que $\neg \neg M = M$ ⁷³.

Por fim, conjunção de dois entes pode ser medida por meio de uma operação transcendental derivada denominada *dependência*. A dependência de um ente q em relação a um ente p consiste no aparente de maior intensidade que, possuindo uma intensidade igual ou inferior à de q , pode ser juntado ao ente p . Em outras palavras, a dependência é o envelope dos entes cuja conjunção com p mantém uma intensidade de aparecer menor ou igual a de q . Tomemos um subconjunto $B \in T$ que contenha os elementos t do transcendental T . A propriedade desse subconjunto é a de que a conjunção de seus elementos com o conjunto p é menor ou igual a q . Isso se escreve da seguinte forma: $B = \{t / t \cap p \leq q\}$.

A dependência de q em relação a p , que se escreve $p \Rightarrow q$, é o envelope de todos os graus t cuja conjunção com p seja menor ou igual a q . Assim, a definição da

⁷³ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 149-152, 182-183; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 96-101.

dependência tem a seguinte forma: $p \Rightarrow q = \Sigma \{t / t \cap p \leq q\}$. Esse envelope consiste no maior grau de intensidade de aparição t que, em conjunto com p , mantenha-se em grau inferior ou igual a q . Se não houver nada em comum entre t e p ($t \cap p = \mu$), isso quer dizer que esse envelope tem grau mínimo de aparição e que, portanto, a dependência de q em relação a p é mínima. Se o que houver em comum entre t e p for de grau inferior a q ($t \cap p < q$), isso indica que esse envelope é menor que q e que, portanto, q depende de p em grau inferior ao seu.

Se o que houver em comum entre t e p for de grau equivalente a q ($t \cap p = q$), isso indica, primeiramente, que $q \leq p$ e que, portanto, q depende de p em grau idêntico ao seu (na medida de sua própria aparição). Se, por sua vez, o que há de comum entre t e p for de grau equivalente a p ($t \cap p = p$), isso indica que $p \leq q$, o que implica que q depende de p em sua totalidade, isto é, que há uma máxima dependência de q em relação a p . A máxima dependência é aquela que ocorre com todo ente q em relação a qualquer p que esteja totalmente incluso nele ($q \geq p$). Isso porque, à medida que $p \leq q$, toda conjunção de p com um t qualquer será menor ou igual a p e, conseqüentemente, estará contida em q , de modo que o conjunto B corresponde ao transcendental T , posto que essa propriedade tem vigência em todas as partes de T . Isso implica que, quando $p \leq q$, a dependência de q em relação a p é máxima, o que pode ser notado como $p \Rightarrow q = M^{74}$.

Se a dependência do ente q em relação ao ente p for muito grande (tendente ao máximo), isso quer dizer que o grau de intensidade de aparecimento de q é muito próximo do de p . Se, porém, a dependência de q em relação a p for muito pequena (tendente ao mínimo), o grau de intensidade de aparecimento de q é muito distante do de p . Se q depende de p , a situação predicativa de p vale para q na medida dessa dependência: quanto maior for a dependência, mais a predicação de p vale para q . Em outras palavras, a dependência de q em relação a p pode ser escrita nos seguintes

⁷⁴ A relação de dependência busca representar semanticamente a relação formal de implicação dentro da lógica da organização transcendental de um mundo. Matematicamente, quando se diz que $p \rightarrow q$, nós temos que p implica q , e que, portanto, a afirmação de q está condicionada pela afirmação de p . Tomemos p como $P(a)$ (a proposição P sobre a) e q como $Q(b)$ (a proposição Q sobre b), de modo que $P(a) \Rightarrow Q(b)$. Caso $P(a)$ seja verdadeiro ($P(a) = M$), $Q(b)$ também o será ($Q(b) = M$), posto que, como $P(a) \Rightarrow Q(b)$, então $P(a) \leq Q(b)$, o que quer dizer que a aparição de $Q(b)$ depende da aparição total de $P(a)$. No entanto, caso a proposição P sobre a seja falsa ($P(a) = \mu$), a dependência $P(a) \Rightarrow Q(b)$ se mantém verdadeira, posto que, segundo a lógica formal, caso a condição suficiente (nesse caso, $P(a)$) seja falsa (tenha intensidade $= \mu$), isso quer dizer que a implicação será verdadeira para qualquer grau de aparição de $Q(b)$.

termos: quanto de p deve aparecer para que q apareça? Se a aparição de q depende da totalidade da aparição de p , então a dependência é máxima. Se a aparição de q não depende da aparição de p , então a dependência é mínima. Entre os dois extremos, a dependência de q em relação a p ($p \Rightarrow q$) se assenta fundamentalmente em quanto da aparição de p faz parte da aparição de q ⁷⁵.

2.7 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS: ONTOLOGIA COMO MUNDO

Com o intuito de comparar a ontologia com a lógica do transcendental de um mundo, é possível descrever aquela com os termos desta e mostrar o que seria o mundo da ontologia para a perspectiva de *Lógicas dos mundos*. Entre os mundos possíveis, Badiou dá o nome de “mundos clássicos” aos mundos que possuem uma estrutura booleana, isto é, mundos cujo transcendental exclui quaisquer termos além dos graus máximo (M) e mínimo (μ) de aparição, o que acarreta a necessidade de se obedecer à lei da dupla negação, posto que só existem esses dois graus. Na medida em que a ontologia tem como base a lógica clássica, que só aceita como valores de proposições o “verdadeiro” e o “falso”, excluindo todo valor intermediário, ela é um tipo de mundo clássico, de acordo com a lógica mundana. Em decorrência disso, o transcendental do mundo da ontologia tem apenas dois valores, α e β , que, possuindo extensões diferentes, perfazem os graus mínimo e máximo do transcendental de um mundo. Assim, para o mundo da ontologia, seu transcendental T é formado pelo conjunto $\{\alpha, \beta\}$. Se $\alpha \in \beta$, logo $\alpha \leq \beta$, o que implica que $\alpha = \mu$ e $\beta = M$.

Semanticamente, os graus mínimo (μ) e máximo (M) de aparição representam aquilo que, na lógica formal, é, respectivamente, falso e verdadeiro. Dentro da lógica do transcendental de um mundo, uma proposição determinada Q a respeito de um ente b , $Q(b)$, pode ser falsa ou verdadeira. Caso seja falsa, essa proposição terá intensidade μ , o que quer dizer que a proposição Q a respeito de b não aparece nesse mundo. Caso seja verdadeira, essa proposição terá intensidade M , o que quer dizer

⁷⁵ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 144-146, 183-184, 188-189; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 94-95.

que a proposição Q a respeito de b aparece em todos os casos nesse mundo. Se, porém, $Q(b)$ puder ser tanto falsa quanto verdadeira, o que vai depender de outras relações entre aparecentes desse mundo, essa proposição terá uma intensidade intermediária p , o que quer dizer que a proposição Q a respeito de p pode aparecer em alguns casos, mas não em outros.

Uma das consequências do mundo da ontologia é a necessidade da dupla negação. Como o transcendental desse mundo é composto de apenas dois termos, que são, conseqüentemente, o grau mínimo (falso) e o grau máximo (verdadeiro) de aparecimento nesse mundo, o avesso de α (mínimo) é, necessariamente, β (máximo), e o avesso de β é, necessariamente, α . Segundo a regra da inversão da lógica do transcendental de um mundo, o avesso do grau mínimo (μ) de aparição é o grau máximo de aparição (M). No entanto, μ não é apenas o avesso de M , mas o avesso de qualquer grau de aparição, inclusive dos graus intermediários. Em razão disso, em mundos cujo transcendental possui mais de dois elementos, o avesso do avesso de um termo qualquer p não coincide, necessariamente, com p , pois se o avesso de um termo qualquer equivale ao grau mínimo de aparição ($\neg p = \mu$) e o avesso de μ corresponde a M , então o avesso do avesso de p não é p , mas M ($\neg \neg p = M$). Mas no caso do mundo ontológico, em que o transcendental possui apenas dois elementos, o avesso do avesso de α é sempre α e o avesso do avesso de β é sempre β .

O envelope do transcendental T do mundo da ontologia corresponde à união de seus dois elementos ($\alpha \cup \beta$). Como $\alpha \leq \beta$ e $\alpha = \mu$, $\alpha = \neg \beta$. Logo, a união $\alpha \cup \beta$ pode ser escrita como $\mu \cup \neg \mu$, ou $\mu \cup M$. E a união do grau máximo com qualquer outro grau, mesmo o mínimo, tem sempre o grau máximo de aparição, de modo que $\Sigma T = M$. Inversamente, a conjunção dos dois termos do transcendental desse mundo é nula, posto que $\alpha \cap \beta$ pode ser escrita $\mu \cap M$, e a conjunção de μ com qualquer outro elemento de um transcendental é sempre μ , pois não há nada em comum entre um aparecente qualquer e o grau zero de aparição. Assim, $\alpha \cap \beta = \mu$.

Do ponto de vista da fenômeno-lógica, portanto, a ontologia é concebida como um mundo, entre outros possíveis. Em decorrência da binariedade de seus elementos, esse mundo recorre em algumas regras que não se estendem a outros mundos, como a exclusão de uma terceira opção além de “verdadeiro” e “falso” e a necessidade da igualdade entre um termo e o avesso do avesso desse termo. O mundo da ontologia, ao organizar certas coisas, tem como preocupação única a apresentação daquilo que

existe nas situações, razão pela qual basta um único grau para atestar a existência (o grau máximo). A partir dessas considerações, infere-se que tudo aquilo que existe, aparece em grau máximo para o mundo da ontologia. No entanto, como será exposto no capítulo seguinte, Badiou demonstra ser possível organizar os existentes a partir de outros transcendentais, isto é, indexando àquilo que existe outros graus de aparição que não μ e M ⁷⁶.

⁷⁶ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 187-194; PEQUEÑO, Mikel V. Los fundamentos onto-lógicos de la metafísica de Alain Badiou: la relación entre ser y ser-ahí. *Logos: Anales del Seminario de Metafísica*, n. 52, p. 139-159, 2019, p. 144-147.

3 A OBJETIVAÇÃO DAS RELAÇÕES INTRAMUNDANAS

Dentro da lógica mundana, o transcendental explica como funcionam as regras gerais de identificação do ser-múltiplo. A lógica atômica, por sua vez, é uma vertente da grande lógica que se preocupa com o modo como o ser-múltiplo se apresenta em um mundo, isto é, como as partes reais do ser-múltiplo se identificam e se relacionam a partir da lei do transcendental. Longe de pensar os entes apenas em sua existência isolada, Badiou propõe uma fenomenologia objetiva que investiga os graus de identidade, a constituição dos objetos e a visibilidade das relações como elementos fundamentais para a consistência de um mundo. Na medida em que essa fenomenologia é operada por meio da lógica do transcendental, trata-se de uma fenômeno-lógica, expressão utilizada por Norman Madarasz em referência ao prefácio da edição de 2007 de *O conceito de modelo*⁷⁷. Nesse contexto, torna-se possível entender como a multiplicidade se organiza e como cada objeto, ao mesmo tempo em que preserva sua unidade, se insere em uma rede de relações que o conecta ao todo.

Na primeira seção, será exposto que, em cada mundo, há um transcendental que atribui graus de identidade entre os entes que nele aparecem, estabelecendo o quão idênticos eles são uns em relação aos outros⁷⁸. Um fenômeno consiste na soma dos graus de identidade que um ente qualquer estabelece com todos os demais desse mundo⁷⁹. A existência, por sua vez, traduz o grau de aparição das identidades: um ente é absolutamente idêntico a si mesmo, existindo em grau máximo⁸⁰. Esse mesmo ente, porém, é pouco ou nada idêntico em relação a outro, de modo que a conjunção de ambos existe em grau intermediário ou nulo⁸¹. Isso implica que a identidade entre múltiplos é sempre menor ou igual ao grau de existência de cada ente, de modo que aquilo que não existe em um mundo não tem qualquer identidade com seus entes⁸².

⁷⁷ MADARASZ, Norman. *O múltiplo sem um: uma apresentação do sistema de Alain Badiou*. 1. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2011, p. 161.

⁷⁸ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 167-169, 257-259.

⁷⁹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 216-219, 259-260.

⁸⁰ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 219-223, 260-261.

⁸¹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 260.

⁸² BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006,

A segunda seção busca demonstrar que, para se delimitar a aparição de um ente em um mundo, é preciso identificar as unidades de aparecer, isto é, as componentes fenomenais⁸³. Cada componente pode ser decomposta em componentes atômicas, também denominadas átomos de aparecimento, que são indecomponíveis⁸⁴. Os átomos correspondem ao nível mínimo de predicação de um ente em um mundo, ou seja, àquilo que o transcendental mundano conta como elementar⁸⁵. Nessa intersecção entre o real e o transcendental, na qual os múltiplos que aparecem podem ser contados de tal ou tal forma, encontra-se o que Badiou denomina como objeto. Isso quer dizer que um objeto se forma a partir da identidade transcendental entre seus múltiplos e do grau de aparição dessas identidades, sendo a unidade elementar da fenômeno-lógica de Badiou⁸⁶.

Um objeto é composto de átomos, que correspondem às unidades elementares do ser-múltiplo⁸⁷. No entanto, como será desenvolvido na terceira e na quarta seções, para se determinar que este ou aquele pedaço do ser-múltiplo corresponde a uma unidade, é preciso localizar nessa parte múltipla algo de elementar. Em outras palavras, o estabelecimento de um átomo depende da escolha prévia de que aquela parte múltipla é um átomo⁸⁸. Isso implica que todo objeto mundano se assenta no modo como o transcendental desse mundo localiza aquilo que é elementar para o seu ponto de vista⁸⁹. Assim, a localização conecta o real do ser-múltiplo à lógica do aparecer, unindo aspectos topológicos e algébricos da identidade e da coexistência dos objetos⁹⁰.

Os objetos, por sua vez, se relacionam entre si, como será demonstrado na

p. 261.

⁸³ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 223-230.

⁸⁴ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 223-230, 261-264.

⁸⁵ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 226-227, 262.

⁸⁶ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 264-265.

⁸⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 265-267.

⁸⁸ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 223-234.

⁸⁹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 234-239.

⁹⁰ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 267-269.

quinta e na sexta seções, de modo que toda relação entre objetos expressa o grau de identidade entre elementos de objetos distintos⁹¹. Um certo objeto de um mundo se constitui a partir da identidade transcendental entre suas partes múltiplas⁹². Mesmo que ele se relacione com algum outro objeto desse mundo, sua existência se conserva, de modo que nenhuma relação é capaz de desconstituir um objeto. Caso isso ocorra, não se trata de uma relação propriamente dita, mas de uma reformulação do objeto em seu nível atômico⁹³.

Para que uma relação entre objetos exista, ela deve ser visível. Para que seja visível, ela deve poder ser “vista” por um terceiro objeto, ou seja, ela deve “se expor” a algo do mundo que esteja fora da relação⁹⁴. Isso quer dizer que uma relação entre dois objetos só é considerada exposta quando apreendida por um terceiro objeto (expoente) que a torna visível⁹⁵. Essa exposição é “universal” quando um quarto objeto observa não apenas a relação inicial, mas também o modo como o terceiro objeto a apreende⁹⁶. Em última instância, a universalidade da exposição implica que, em um dado mundo, cada relação aparece de forma única e objetiva para todos os pontos de vista, pois cada objeto é constrangido pelas relações mundanas a ocupar um lugar específico na rede de aparições, assegurando a unicidade e a consistência das relações⁹⁷.

Assim, para a fenômeno-lógica de Badiou, a aparição dos entes em um mundo não depende apenas de sua existência isolada, mas do modo como cada objeto é localizado, identificado e exposto em sua rede de relações. Apresentando o ser de maneira universalmente ordenada, a lógica do aparecer articula o real do ser-múltiplo à consistência do mundo. Assim, a visibilidade dos objetos e de suas relações se assenta no modo como o transcendental organiza os graus de identidade e atribui

⁹¹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 243-245.

⁹² BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 275-277.

⁹³ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 277-282.

⁹⁴ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 326-329.

⁹⁵ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 354-359.

⁹⁶ 359-360.

⁹⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 329-338.

unidade ao ser-múltiplo. Como será visto no capítulo seguinte, porém, essa ordenação transcendental não impede as transformações mundanas, tendo em vista que o ponto de vista do sujeito, que irrompe o aparecer mundano, ultrapassa o da Grande Lógica.

3.1 SOBRE O FENÔMENO E A EXISTÊNCIA

A partir do momento em que uma situação de ser é apreendida como um mundo, supõe-se que haja um transcendental desse mundo que é responsável pela atribuição dos graus de identidade entre os entes desse mundo. Esse transcendental exerce o que Badiou denomina como *função de aparecimento*, que consiste em determinar que dois entes desse mundo possuem um determinado grau de identidade, que pode ser o mínimo (μ), o máximo (M), ou um grau p qualquer. Assim, tomando-se um múltiplo A que aparece no mundo $\mathbf{m}$, cujo transcendental é T , a função de aparecimento é uma função identitária $\mathbf{Id}(x, y)$ que, a todo par x e y de A , indexa um elemento p de T . Se $\mathbf{Id}(x, y) = M$, então x e y são absolutamente idênticos nesse mundo; se $\mathbf{Id}(x, y) = \mu$, então x e y não possuem qualquer identidade, sendo absolutamente distintos; no entanto, se $\mathbf{Id}(x, y) = p$ e $\mu \leq p \leq M$, isso quer dizer que x e y são idênticos em grau p , isto é, que aquilo que há em comum entre x e y tem grau de aparição p segundo o transcendental T .

Tomando-se três entes x , y e z quaisquer, é possível indexá-los como pertencentes ao transcendental T de um mundo $\mathbf{m}$. Se os três entes aparecem nesse mundo, isso quer dizer que há algum grau de identidade não nula em todos os pares desse triplete, independentemente da ordem dos três. Em outras palavras, tanto a conjunção de x com y , quanto a de x com z e a de y com z são maiores que μ (não importando se $x \geq y \geq z$, ou $x \geq z \geq y$, ou $y \geq x \geq z$, ou $y \geq z \geq x$, ou $z \geq x \geq y$, ou $z \geq y \geq x$). Além disso, outra informação que é objetivamente dedutível desse mundo é que a intersecção dos três entes jamais é maior que cada uma das três conjunções, tendo em vista que o que há em comum entre os três é menor ou igual ao que há em comum entre cada um dos pares. Isso porque a intersecção dos três expõe a conjunção de cada par ao filtro diferencial de um terceiro ente, reduzindo os pontos em comum de

cada conjunção⁹⁸.

Formalmente, a indexação transcendental obedece a dois axiomas: o da simetria, segundo o qual aquilo que diferencia o ente x do ente y é igual àquilo que diferencia o ente y do ente x ; e o da iniquidade triangular, de acordo com o qual a conjunção de um terceiro ente z à conjunção anterior de x e y é menor ou igual à conjunção de x com z ou de y com z . A fórmula do axioma da simetria consiste na equivalência $\mathbf{Id}(x, y) = \mathbf{Id}(y, x)$, enquanto o axioma da iniquidade triangular é definido pela fórmula $\mathbf{Id}(x, y) \cap \mathbf{Id}(y, z) \leq \mathbf{Id}(x, z)$. A partir desses dois axiomas, é possível estabelecer transcendentalmente uma série de identificações parciais entre múltiplos que aparecem em um mundo, ordenando-se seus graus de aparição.

Partindo da ideia de que o transcendental de um mundo indexa valores de aparição aos entes desse mundo, o filósofo francês diz que o *fenômeno* de um ente é “o sistema completo de avaliação transcendental de sua identidade em relação a todos os entes que co-aparecem nesse mundo”⁹⁹. O fenômeno é, pois, o sistema das identificações diferenciais transcendentalmente estabelecidas entre os entes de um mundo, de modo que a indexação transcendental produz uma fenômeno-lógica que se preocupa exclusivamente com a diferenciação dos graus de identidade dos entes que aparecem em um determinado mundo. Não se trata, porém, de uma consciência intencional capaz de temporalizar arbitrariamente as relações, mas da veridicidade imediata de uma avaliação identitária de como os entes aparecem. Isso quer dizer que é possível indexar entes a um mundo independentemente da diferença temporal entre eles.

Sendo dado um elemento a de A , que pertence, por sua vez, ao mundo m , o fenômeno de a em relação a A consiste no conjunto dos valores da função de

⁹⁸ É possível, por exemplo, afirmar que os ataques ao Congresso Nacional de janeiro de 2023, o movimento estudantil dos caras-pintadas de 1992 e as jornadas de junho de 2013 façam parte do mundo “revoltas brasileiras”. A cada par desse tripleto é possível indexar algum grau de identidade, havendo algo em comum a cada um deles. A conjunção entre os ataques de janeiro e as jornadas de junho indicaria, por exemplo, uma certa violência comum a ambos os movimentos, concretizada na forma de depredações. Já da conjunção entre as jornadas de junho e os caras-pintadas resultaria a ocupação em massa das ruas das grandes capitais. Por fim, o que há em comum entre os caras-pintadas e os ataques de janeiro é que ambos os movimentos se contrapunham ao mandato de um presidente eleito. No entanto, para se determinar o que há em comum entre os três movimentos, seria preciso reduzir a resolução da lente e deixar de levar em conta algumas diferenças, podendo-se concluir, por exemplo, que o que há em comum entre os três é o fato de serem revoltas políticas.

⁹⁹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 213.

aparecimento $\mathbf{Id}(a, x)$ para todo $x \in A$ que co-aparece com a . Havendo, pois, $x_1 \in A$, $x_2 \in A$, ..., $x_n \in A$, o fenômeno de a é o conjunto formado por $\mathbf{Id}(a, x_1)$, $\mathbf{Id}(a, x_2)$, ..., $\mathbf{Id}(a, x_n)$. Se o fenômeno de $a \in A$ puder ser notado $\Phi(a/A)$, a fórmula do fenômeno de a é notada como $\Phi(a/A) = \{a, [\mathbf{Id}(a, x_1), \mathbf{Id}(a, x_2), \dots, \mathbf{Id}(a, x_n)] / x_a \in A\}$. É importante destacar que a apresentação de a não se dá diretamente no mundo $\mathbf{m}$, mas é a apresentação do elemento a pertencente ao múltiplo A que é, por sua vez, apresentado por $\mathbf{m}$. O múltiplo A é, portanto, o referencial ontológico que, apresentando seus próprios elementos e sendo apresentado por $\mathbf{m}$, permite a indexação transcendental de seus elementos conforme sua aparição nesse mundo.

Dado um mundo cuja função de aparecimento tenha seus valores fixados pelo transcendental desse mundo, a *existência* de um ente consiste no grau transcendental atribuído à identidade desse ente em relação a si próprio. À medida que a função de aparecimento mede a identidade de dois entes, isto é, o grau de aparição daquilo que há em comum entre ambos em um certo mundo, a máxima identidade de um ente é aquela estabelecida entre esse ente e ele próprio. Independentemente de qual seja o grau de existência de um múltiplo x em um mundo, a identidade de x e y será sempre menor ou igual à identidade de x e x ($\mathbf{Id}(x, y) \leq \mathbf{Id}(x, x)$), pois aquilo que é próprio de um ente aparece sempre com uma intensidade maior ou igual a qualquer uma de suas intersecções com outros entes.

O grau de existência de $x \in A$ no do conjunto $A \in \mathbf{m}$ consiste, pois, no valor que a função $\mathbf{Id}(x, x)$ tem nesse mundo, podendo essa função ser simbolizada pela fórmula $\mathbf{Ex}$. Contudo, $\mathbf{Ex}$ não é um termo absoluto, já que depende da função transcendental que indexa o valor de aparição ao múltiplo A e a seus elementos. Desse modo, se a existência do ente x tiver grau máximo dentro de um mundo considerado ($\mathbf{Id}(x, x) = M$), isso quer dizer que x existe absolutamente dentro desse mundo ($\mathbf{Ex} = M$). Se, porém, a existência de x tiver grau mínimo ($\mathbf{Id}(x, x) = \mu$), isso significa que x inexistente absolutamente nesse mundo ($\mathbf{Ex} = \mu$). Contudo, se a existência do ente x possuir um valor intermediário p de acordo com o transcendental de um mundo ($\mathbf{Id}(x, x) = p$), isso indica que x existe nesse mundo no grau p ($\mathbf{Ex} = p$). Por fim, se a identidade de dois múltiplos é sempre menor que o grau de existência de um deles ($\mathbf{Id}(x, y) \leq \mathbf{Ex}$), aquilo que inexistente em um mundo não terá qualquer identidade

em relação aos entes desse mundo¹⁰⁰.

3.2 O OBJETO COMO CONJUNÇÃO DA COMPONENTE FENOMENAL E DO ÁTOMO REAL

Por mais que o fenômeno de um ente diga respeito ao grau de aparição desse ente em relação aos demais a partir do transcendental de um mundo, resta aberta a questão a respeito de como se delimitar, em um determinado mundo, qual é o ente que está mais próximo do limite mínimo de aparição. Para que haja seja possível marcar o fenômeno de um ente em um mundo, é preciso atribuir sentido a uma unidade mínima de aparecer nesse mundo. Essa unidade mínima só pode ser demarcada a partir dos múltiplos reais que servem de referencial ao transcendental desse mundo. Em outras palavras, a delimitação do fenômeno se assenta fundamentalmente no grau de aparição real do múltiplo de um ente, isto é, naquilo de ontológico que é transcendentalmente pressuposto como real pelo mundo.

Para sanar este ponto, Badiou dá o nome de *componente fenomenal* à função transcendental que conecta um valor de aparição a todo elemento de um dado múltiplo referencial, informando quanto desse elemento aparece em um mundo. Essa função consiste no rearranjo dos elementos de um ser-múltiplo, atribuindo graus de aparição diversos a esses elementos a partir de uma determinada predicação que define esse conjunto de elementos. Com isso, a componente fenomenal atribui um grau de aparição à parte do ser-múltiplo que tem como referente, indexando aos elementos dessa parte múltipla diferentes medidas transcendentais. Isso quer dizer que essa função informa o grau de pertencimento de um elemento à componente de aparição mundana do múltiplo ao qual ele pertence, indicando quanto desse elemento compõe o (ou faz parte do) fenômeno em questão, isto é, quanto desse elemento corresponde aos predicados definidos pela função componente.

Dado um conjunto A que aparece em um mundo $\mathbf{m}$, cujo transcendental é T , sua componente fenomenal é uma função que associa um grau transcendental p a todo múltiplo x que pertence ao conjunto A . Se essa função for denominada π , ela

¹⁰⁰ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 211-223, 257-261; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 115-125, 139-142.

atribui, a todo x pertencente a A , um grau de aparição p , de modo que $\pi(x) = p$. O valor da componente fenomenal $\pi(x)$ mede o grau em que x pertence a essa função: se $\pi(x) = \mu$, x não pertence nem um pouco a essa componente; se $\pi(x) = M$, isso quer dizer que x pertence absolutamente a essa componente; contudo, se $\pi(x) = p$, sendo p um valor qualquer entre μ e M , x pertence a $\pi(x)$ na medida p . Qualquer que seja o grau de pertencimento de y a uma dada componente fenomenal y , ele será maior que a conjunção do grau de pertencimento de x a essa componente com o grau da identidade entre x e y , o que se escreve: $\pi(x) \cap Id(x, y) \leq \pi(y)$.

Entre as componentes que compõem um mundo, existem algumas que correspondem ao menor arranjo múltiplo de um determinado predicado, sendo, pois, indecomponíveis em diferentes componentes predicativas. Essas componentes, que são as menores de um dado predicado, são denominadas como componentes atômicas, ou *átomos de aparecimento*. Quando um determinado mundo não é capaz de dividir uma certa componente fenomenal em duas ou mais componentes, de modo a encontrar outros predicados que façam parte do predicado dessa componente, essa componente é considerada indecomponível, sendo, pois, um átomo de aparecimento para sua predicação.

Uma componente fenomenal será considerada atômica em três casos: quando nenhum múltiplo pertencer absolutamente (com grau máximo) a ela; quando apenas um múltiplo pertencer absolutamente (com grau máximo) a ela; quando dois ou mais múltiplos pertencerem absolutamente (com grau máximo) a ela (hipótese em que esses múltiplos são tomados como absolutamente idênticos em seu aparecer). Nessa última hipótese, caso dois múltiplos x e y não sejam absolutamente idênticos e x pertença absolutamente a uma componente atômica, y não pertencerá absolutamente a essa mesma componente. Assim, uma componente atômica é definida por apenas um conjunto de elementos de múltiplo referencial, elementos estes que serão tomados como indistintos pela lógica do aparecer.

Para exemplificar visualmente o átomo de aparecimento, suponhamos que haja uma obra de arte em que estão representadas três maçãs sob um fundo branco: uma Fuji, uma verde e uma verde e podre. No mundo dessa obra de arte, a componente atômica do predicado “ser uma maçã” é formada pelo ser-múltiplo das três maçãs, que são idênticas para esse predicado. Caso, por exemplo, a maçã podre não pertença à componente atômica desse predicado, isso quer dizer que, para esse

mundo, a maçã podre é absolutamente diferente das outras duas maçãs (tão diferente que nem se *parece* com uma maçã, aparentando ser outra coisa). Já a componente atômica do predicado “ser uma maçã verde e não podre” é formada pelo ser-múltiplo da maçã verde. Para a componente atômica “ser uma maçã vermelha e podre”, por sua vez, não há nenhuma representação na obra, não sendo formada por nenhum ser-múltiplo. Por fim, a componente atômica do predicado “ser vermelho” é formada apenas por parte da maçã Fuji, cuja coloração mistura tons de vermelho e de amarelo, razão pela qual a maçã Fuji pertence tão somente com um grau intermediário à componente “ser vermelho”.

É possível, porém, partir de casos que não sejam necessariamente visuais ou espaciais para se pensar o átomo. Tomando-se como exemplo uma multiplicidade sonora, como uma sinfonia, pode-se predicar certos sons dessa multiplicidade à componente atômica “som de violino”, enquanto outros sons pertencerão ao átomo “som de piano”, outros à componente “som de violoncelo”, outros a “som de flauta” e, assim, sucessivamente. No entanto, essa mesma multiplicidade pode ser dividida de outras formas: se o transcendental desse mundo sinfônico separar os sons não apenas de acordo com seus instrumentos, mas também de acordo com as notas musicais, é possível determinar que certos sons pertencem à componente atômica dó sustenido maior, enquanto outros pertencem à componente si menor etc. Nesse segundo caso, alguns sons podem não ser diferenciados: o fá maior, o fá maior com sétima e o fá maior com sétima menor, por exemplo, podem pertencer, os três, à componente atômica fá maior, caso esse mundo não conte as diferenças que escapem à tríade básica tônica-terça-quinta de um acorde. Por fim, os sons de uma sinfonia também podem ser separados pelo tempo, havendo, por exemplo, o conjunto de sons que pertence, indiferentemente, ao átomo “primeiro minuto”, o conjunto que pertence ao átomo “segundo minuto” etc.

No caso da componente fenomenal atômica, sendo dado um conjunto A que aparece em um mundo $\mathbf{m}$, o átomo opera como uma função α que associa um grau transcendental p à identidade de todo elemento $a \in A$, que define a predicação dessa componente, para com todo múltiplo $x \in A$. Assim como acontece com as demais componentes fenomenais, a função $\pi(x)$ é definida pelo grau de pertencimento de um múltiplo x ao predicado dessa função. No entanto, a conjunção entre o grau de pertencimento de dois múltiplos à componente atômica será sempre menor ou igual

que o grau de identidade entre esses dois múltiplos. Essa regra só vale para o átomo, posto que, caso se trate de uma componente não atômica qualquer, é plenamente possível que a conjunção do grau de pertencimento de dois múltiplos a essa componente seja maior que a identidade de ambos (os dois podem pertencer absolutamente a uma componente não atômica e ser pouco idênticos).

Assim, se a função da componente atômica for nomeada α , a notação de que a conjunção da pertença de x e de y a α é menor ou igual a identidade de x e de y se escreve pela seguinte fórmula: $\alpha(x) \cap \alpha(y) \leq \text{Id}(x, y)$. Se a identidade de x e de y for nula ($\text{Id}(x, y) = \mu$) e se, por exemplo, x pertencer com qualquer grau maior que o mínimo à componente atômica ($\alpha(x) = p$), então $p \cap \alpha(y) \leq \mu$, do que decorre que o grau de pertencimento de y a α será nulo ($\alpha(y) = \mu$). Portanto, o grau de pertencimento conjunto de dois aparentes a uma componente atômica depende da identidade de ambos os entes.

Na medida em que toda componente atômica de um mundo está diretamente ligada a um múltiplo que é contado como elemento de um outro múltiplo, todo átomo de aparecimento é real. Isso quer dizer que todo átomo que aparece em um mundo tem como pressuposto o fato de que seu substrato material, isto é, o múltiplo de múltiplos que faz parte desse esse átomo, é contado como um átomo de aparecimento em um determinado mundo. Partindo-se de um múltiplo A que aparece em um certo mundo, todo elemento $a \in A$ funciona como substrato material (ser-múltiplo) de um átomo de aparecimento, à medida que a função transcendental de aparecimento do múltiplo A atribui valores para a identidade de todo elemento $x \in A$ para com todo elemento $a \in A$. Assim, a aparição de um átomo se assenta no pressuposto de que esse ente que aparece (e que se subsume, em alguma medida, a um determinado predicado) é real, sendo seu múltiplo ontologicamente contado como uma unidade.

A componente atômica do múltiplo $a \in A$ é definida pela função $a(x)$, de modo que $a(x)$ é o átomo de algum predicado que toma como base os elementos do múltiplo A . Isso quer dizer, para todo $x \in A$, a função $a(x)$ mede o grau de pertencimento de x ao átomo $a(x)$, pertencimento que será igual ao grau de identidade entre os elementos $a \in A$ e $x \in A$, o que se escreve: $a(x) = \text{Id}(a, x)$. Na medida em que o átomo $a(x)$ depende completamente do múltiplo $a \in A$ e de sua identidade em relação aos demais, é o real ontológico pressuposto que “prescreve a atomicidade no aparecer (no sentido

da lógica do mundo)”¹⁰¹. Havendo um único múltiplo $x \in A$ cujo grau de pertencimento a um átomo $a(x)$ equivalha à sua identidade transcendental em relação ao elemento $a \in A$ que define essa partícula atômica, isso significa que esse átomo é real, à medida que sua atomicidade se assenta na identidade real pressuposta entre $x \in A$ e $a \in A$.

Um átomo real é uma componente fenomenal, portanto um tipo de sub-aparecente do aparecente referencial, que, de um lado, é uma componente atômica (ela é simples, ou indecomponível) e, de outro, é estritamente determinada por um elemento subjacente $a \in A$, que é sua subestrutura ontológica. No nível do átomo real, o ser e o aparecer se juntam sob o signo do Um. Só nos resta formular nosso “postulado do materialismo”, que autoriza uma definição do objeto. Esse postulado, como sabemos, se diz: todo átomo é real. [...]. Ele estipula que é sempre na composição ontológica atual de um aparecente que se enraíza a virtualidade de seu aparecer em tal ou tal mundo.¹⁰²

Tomando como base o postulado materialista segundo o qual todo átomo que aparece é real, a conjunção entre um múltiplo e sua indexação transcendental constitui aquilo que Badiou denomina como *objeto* de um mundo. Como todo átomo de aparecimento corresponde a um átomo real do múltiplo referencial desse ente, o filósofo francês afirma que o objeto é uma categoria onto-lógica: por um lado, ele é plenamente lógico, posto que é justamente sua aparição, conforme a indexação transcendental, que faz com que um ente se torne objeto de um mundo; por outro, ele também é plenamente ontológico, já que seus átomos de aparecimento são compostos pela lei matemática da pertença de um múltiplo a um predicado. Em termos formais, um objeto é definido pelo par de um múltiplo A e de uma indexação transcendental (A, Id) , sob a condição de que toda componente atômica de A ($a(x)$) equivalha a um átomo real, isto é, tenha seu valor determinado pela identidade real pressuposta entre o múltiplo a e todo outro $x \in A$, o que se escreve $a(x) = Id(a, x)$.

Caso os elementos a e b sejam tomados como idênticos dentro de um mundo (o que se escreve $Ea = Eb = Id(a, b)$), então as partículas atômicas $a(x)$ e $b(x)$ prescrevem o mesmo átomo, o que implica que a pertença de x ao múltiplo a e ao múltiplo b terá o mesmo grau de aparição ($Id(a, x) = Id(b, x)$). Retomando o exemplo da obra de arte das maçãs, é o que ocorreria se o amarelo e o vermelho da maçã Fuji não fossem diferenciados em um determinado mundo, tendo sua identidade garantida

¹⁰¹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 265, tradução nossa.

¹⁰² BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 265, tradução nossa.

pelo predicado “possuir uma cor quente”. Assim, por mais que o amarelo e vermelho se refiram a múltiplos distintos, ambos podem se referir ao mesmo átomo. Se o amarelo for nomeado como múltiplo a e o vermelho como múltiplo b , a absoluta identidade de ambos implicaria o fato de que os pares $(A, \text{Id}(a, x))$ e $(A, \text{Id}(b, x))$ se referem a um mesmo objeto, pois tanto a identidade de a (amarelo) em relação a todo elemento de A quanto a identidade de b (vermelho) em relação a todo elemento de A têm o mesmo grau de aparição (no caso desse átomo do aparecer, todos os elementos de A estabelecem uma mesma identidade em relação ao amarelo e ao vermelho, pois ambas são cores quentes).

Partindo de um múltiplo $A \in \mathbf{m}$, um objeto é formado pelo múltiplo real A e por um determinado grau de aparição transcendental Id . São os elementos $a \in A$ que, mantendo uma identidade de grau Id em relação a todos os elementos de A , definem o objeto (A, Id) . Ou seja, é uma parte dos elementos de A , bem como a relação dessa parte para com todo o múltiplo A , que dá a definição do que é o objeto (A, Id) . Esse grau de identidade Id é definido pela componente atômica $a(x)$, que delimita em que medida os elementos $a \in A$ se diferenciam dos demais elementos $x \in A$. Isso quer dizer que um objeto consiste no subconjunto de elementos de um múltiplo que se distingue dos demais elementos desse múltiplo por meio de uma função que indica um átomo de aparecimento que predica uma qualidade aos elementos desse subconjunto. Em outras palavras, o objeto (A, Id) é definido pelos elementos $a \in A$ que, distinguindo-se dos demais elementos de A , possuem um certo grau de aparição Id que os destaca como uma unidade que aparece. Desse modo, um objeto sintetiza, dentro de um mundo, a aparição de um ente e de seu ser-múltiplo pressuposto, constituindo a unidade elementar de uma fenômeno-lógica¹⁰³.

¹⁰³ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 223-234, 261-267; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 125-132, 142-146; KOSYKHIN, Vitaly. Suspension of the One: Badiou's Objective Phenomenology and Politics of the Subject. In: MAGUN, Artemy. *Politics of the One: Concepts of the One and the Many in Contemporary Thought*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Publishing, 2012, p. 73-75; PEQUEÑO, Mikel V. Los fundamentos ontológicos de la metafísica de Alain Badiou: la relación entre ser y ser-ahí. *Logos: Anales del Seminario de Metafísica*, n. 52, p. 139-159, 2019, p. 147-155. Norman Madarasz argumenta que essa fenômeno-lógica de Badiou se aproxima mais do estruturalismo que da fenomenologia de matriz husserliana, na medida em que desteologiza o conceito de infinito, reduz a analítica do aparecimento a um nível formal (deixando de fora a mera percepção isolada) e possibilita o vir-a-ser de uma ruptura de mundo que não parte do próprio mundo (mas que nele aparece). Sobre isso, conferir MADARASZ, Norman. Beyond recognition: Badiou's mathematics of bodily incorporation. *Filozofski vestnik*, v. 41, n. 2, p. 285-308, 2020, p. 296-304.

3.3 LOCALIZANDO OS APARECENTES

Como visto anteriormente, um objeto é algo que aparece em um determinado mundo, mas cuja composição atômica é real, à medida que é o átomo elementar do ser-múltiplo, isto é, a forma como a multiplicidade é contada, que traz o substrato real do objeto. Inversamente, porém, a forma da conta-por-um da multiplicidade depende de como essa multiplicidade é apreendida em sua aparição. No quadro com três maçãs, o transcendental desse mundo só pressupõe três elementos se cada maçã aparecer como uma unidade. É possível, no entanto, que o transcendental desse mundo tenha uma resolução tal que seja possível contar cada fragmento de cor (o “vermelho escuro”, o “vermelho alaranjado”, o “verde claro” etc.) como um átomo, pressupondo-se uma quantidade de múltiplos muito maior que três. Isso quer dizer que a ordenação ontológica do substrato real se assenta na retroação do aparecer sobre o ser, ou seja, naquilo que ocorre no nível do múltiplo puro a partir do momento em que ele aparece em um mundo.

Badiou dá o nome de *lógica atômica* à teoria das relações pensáveis entre os elementos de um objeto, inscrevendo o transcendental do mundo em que ele aparece em seu próprio ser-múltiplo. Um átomo é considerado real quando a função atômica de um mundo é prescrita por um múltiplo $a \in A$, de modo que, para todo $x \in A$, o valor transcendental da função atômica equivale ao grau de identidade entre x e a . E a identidade do átomo $a \in A$ em relação a todo $x \in A$ quer dizer, basicamente, em que medida x pertence ao átomo a ou, de outro modo, quanto de x é contado como fazendo parte de a . Em outras palavras, o grau de pertencimento de x ao átomo a é igual à identidade entre x e a , conforme a definição supra $a(x) = Id(a, x)$.

Retomando a obra de arte das três maçãs, a maçã verde e podre, por possuir uma coloração majoritariamente acinzentada e algumas poucas partes verdes, pertenceria com grau mínimo ao átomo “ser uma maçã esverdeada”. Em contrapartida, a maçã Fuji pertenceria com grau elevado ao átomo “ser uma maçã avermelhada”, já que a maior parte da casca dessa fruta apresenta essa coloração. É possível, porém, localizar na própria maçã um grau de pertencimento menor a essa componente atômica. Se a maçã, em sua totalidade, pertence ao predicado “ser uma maçã avermelhada” com grau p , a parte mais amarelada da maçã pertence a esse

mesmo predicado com grau $q < p$, já que o amarelo tem uma baixa identidade em relação ao vermelho.

O filósofo francês dá o nome de *localização* à função que associa a um átomo um determinado grau de aparição transcendental, isto é, a conjunção do grau de pertencimento de um múltiplo a um átomo e do grau de aparição a ele associado. Na medida em que um mundo é o lugar do aparecer, um grau transcendental desse mundo é a indexação de uma localização nesse lugar. Retroagindo sobre o múltiplo, a lógica atômica se preocupa, pois, em organizar territorialmente aquilo que aparece em um mundo, de acordo com a gradação transcendental dessa aparição.

No caso da maçã Fuji, a localização do amarelo no átomo “ser uma maçã avermelhada” significa a conjunção entre a maçã, quase totalmente vermelha, e sua parte amarela. A localização de uma parte de um átomo, porém, é ela própria um novo átomo, de modo que, ao se localizar o amarelo na maçã quase totalmente vermelha, essa parte amarelada passa a ser o átomo, por exemplo, do predicado “possuir tom amarelado”. Assim, partindo-se do múltiplo $a \in A$ (de um objeto (A, Id)), que funciona como átomo real com grau de aparição p , é possível localizar um grau $q < p$ do átomo a que corresponda ao elemento $b \in A$ que, por sua vez, funciona como átomo real dessa localização.

A localização do átomo a ao nível do grau q , ou a localização de a sobre q , é notada pela fórmula $a \upharpoonright q$ (do múltiplo A sobre o transcendental T), que equivale, para $a \in A$ e para todo $x \in A$, à função $a(x) \cap q$. Como visto anteriormente, $a(x)$ é um átomo real do objeto (A, Id) , e corresponde à identidade transcendental entre a e todo elemento x de A ($\text{Id}(a, x)$). Partindo de um átomo real $a(x)$, a função $a \upharpoonright q$ nada mais faz que ir ainda mais fundo no átomo $a(x)$, localizando em seu interior uma parte do múltiplo a cujo grau de aparição reduzido possa aparecer como uma outra componente atômica pertencente ao múltiplo A .

Se chamarmos esse outro átomo de $b(x)$, isso quer dizer que $b = a \upharpoonright q$ e que, portanto, $\text{Id}(b, x) = \text{Id}(a, x) \cap q$, o que quer dizer que a identidade entre o elemento b e todo múltiplo x de A equivale à conjunção da identidade de a com todo x de A e o grau de aparição $q < p$. Em outras palavras, o elemento b é a localização do elemento a em relação ao grau transcendental q . Assim, a aparição transcendental dos entes retroage sobre a constituição ontológica dos múltiplos, possibilitando a localização de

átomos reais que, até então, não eram contados como unidades atômicas¹⁰⁴.

Como toda organização lógica do aparecer retroage sobre seu referente real, há uma solidariedade interna entre a conta-por-um ontológica das multiplicidades e a síntese lógica identitária que prescreve a consistência de um mundo. Entre ambas, há um duplo sistema de ligação: em nível local, a componente atômica do ente é fixada por um elemento real do múltiplo que aparece, operando como ponto de convergência entre o ser e seu ser-aí; em nível global, a lógica transcendental da aparição retroage sobre o ser-múltiplo, unindo sinteticamente a composição-múltipla de um ente e as leis transcendentais concernentes ao seu aparecer. Isso quer dizer que aos diferentes graus de existência dos entes, segundo a organização transcendental de um mundo, correspondem diferentes extensões na ordenação ontológica dos múltiplos.

A correspondência entre a organização lógica do aparecer e a ordenação ontológica do ser-múltiplo indica que há uma *compatibilidade* entre a gradação de existência dos aparecentes e a ordenação do pertencimento dos entes enquanto múltiplos. Essa compatibilidade significa que dois co-aparecentes possuem uma existência mais ou menos idêntica, podendo ser verificada pela simetria da localização de um ente sobre a existência de outro. Visualmente, os predicados “ser uma maçã avermelhada” e “possuir um tom amarelado” serão compatíveis se for possível localizar de forma recíproca, na casca de uma maçã Fuji, por exemplo, não apenas o tom amarelado a partir da totalidade majoritariamente avermelhada da maçã, mas também essa totalidade avermelhada a partir do pedaço mais amarelado. Em outros termos, sendo possível, como visto acima, localizar um átomo *b* sobre a existência de um átomo *a* (isto é, a partir da conjunção do átomo *b* com o grau de aparição de *a*), pode-se determinar que ambos são compatíveis se essa localização for igual à localização do átomo *a* sobre a existência do átomo *b* (isto é, a partir da conjunção do átomo *a* com o grau de aparição de *b*). A compatibilidade entre *a* e *b* significa que ambos os entes são ordenados onto logicamente.

Formalmente, partindo-se do múltiplo *A* (tal que $A \in \mathbf{m}$) e da indexação do transcendental *T* (tal que $T \subseteq \mathbf{m}$) ao múltiplo *A*, temos o objeto $(A, \mathbf{Id})$. Dois elementos *a* e *b* de *A* são compatíveis se $a \vdash \mathbf{E}b = b \vdash \mathbf{E}a$, notando-se a compatibilidade pela

¹⁰⁴ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 234-239, 267-269; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds*: a critical introduction to *Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 132-135, 146-147.

fórmula $a \nsubseteq b$. Como a função $a(x) \cap \mathbf{E}b$ equivale à conjunção $\mathbf{Id}(a, x) \cap \mathbf{Id}(b, b)$, a e b são compatíveis se $\mathbf{Id}(a, x) \cap \mathbf{Id}(b, b) = \mathbf{Id}(b, x) \cap \mathbf{Id}(a, a)$. Sendo x um elemento qualquer de A , se $x = b$ ou $x = a$, essa igualdade pode ser simplificada, resultando em $\mathbf{Id}(a, b) = \mathbf{E}a \cap \mathbf{E}b$. Assim, a compatibilidade entre dois entes acarreta que ambos são de um mesmo tipo, isto é, que ambos têm algo em comum, de modo que a identidade entre dois entes compatíveis equivale àquilo que ambos têm em comum em sua coexistência, isto é, à conjunção de seus respectivos graus de existência. Desse modo, a compatibilidade admite não apenas uma definição topológica (é possível localizar um ente sobre a existência de outro), mas também uma definição algébrica (a identidade de dois entes equivale àquilo que há de comum em sua coexistência).

A partir das definições $a \sqsubseteq \mathbf{E}b = b \sqsubseteq \mathbf{E}a$ e de $\mathbf{Id}(a, b) = \mathbf{E}a \cap \mathbf{E}b$, sabe-se que os múltiplos a e b têm uma relação de ordem, mas não qual é essa ordem. Para que a ordem $a < b$, por exemplo, seja evidenciada, é preciso complementar a definição topológica com $a = b \sqsubseteq \mathbf{E}a$ (o átomo a é igual à localização de b ao nível da existência de a) e a definição algébrica com $\mathbf{E}a \leq \mathbf{E}b$ (o ente a tem grau de existência inferior ao grau de existência do ente b). No entanto, a ordem ontológica $a < b$ também pode ser resumida pela definição transcendental $\mathbf{E}a = \mathbf{Id}(a, b)$, que diz que “ a existe na exata medida em que é idêntico a b ”, implicando que a existência do ente a está inclusa em sua conjunção com a existência do ente b . Esta última definição é, pois, uma relação de ordem que projeta retroativamente a constituição transcendental de um mundo sobre seus elementos múltiplos¹⁰⁵.

3.4 A SÍNTESE REAL E O FUNCTOR TRANSCENDENTAL

A possibilidade de se localizar um elemento a a partir da existência de outro indica que ambos são circunscritos por um mesmo espaço, fazendo parte de uma mesma região de múltiplos. Se, para um objeto $(A, \mathbf{Id})$, tal que $A \in \mathbf{m}$, os elementos a e b de A são, ambos, dominados por um terceiro elemento c de A ($a < c$ e $b < c$), então a e b fazem parte da região circunscrita pelo múltiplo c . Isso quer dizer que a e b são

¹⁰⁵ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 239-243, 269-277; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 135-139, 147-150.

compatíveis ($a \nlessdot b$), já que ambos têm algo em comum: o fato de serem localizados em c . Como c domina uma parte de A , todos os elementos que estão naquela parte podem ser combinados dois a dois, inclusive a e b .

Por essa razão, na medida em que possuem algo em comum e podem ser combinados em pares, dois elementos compatíveis estão necessariamente sob uma mesma dependência em relação a um terceiro termo. No caso dos elementos a e b de A , sua compatibilidade evidencia que existe uma majorante c que afirma que a e b têm algum grau de identidade. A relativa identidade de ambos significa, pois, que ambos os termos são dominados por ao menos um outro elemento (aqui nomeado c): aquele que corresponde à união de a e b . Independentemente da ordenação dos elementos a e b , a compatibilidade de ambos significa que tais múltiplos pertencem a um mesmo espaço-múltiplo, podendo ser transcendentemente ordenados conforme sua aparição mundana. Esse espaço-múltiplo mínimo ao qual pertencem a e b tem correspondência com aquele elemento do transcendental denominado envelope.

Partindo-se novamente do múltiplo A (tal que $A \in \mathbf{m}$) e da indexação do transcendental T (tal que $T \subseteq \mathbf{m}$) ao múltiplo A , tomemos o objeto $(A, \mathbf{Id})$. Suponha-se que B seja uma parte do múltiplo A , parte esta que pode ser unificada por meio de um envelope que reúne os elementos de B a partir de uma ordem $<$ transcendentemente estipulada. Se ε for o envelope de B , isto é, a menor majorante de todos os elementos de B , então, para os elementos b e b' de B , $b < \varepsilon$ e $b' < \varepsilon$. Se b e b' são reunidos por um mesmo envelope, ou seja, se há um terceiro elemento que os domina em sua ordenação, então b e b' são compatíveis ($b \nlessdot b'$).

Sendo os elementos b e b' de B compatíveis, então a conjunção dos átomos $b(x)$ e $b'(y)$, para dois múltiplos x e y de B , não é maior que a identidade de x e y , ou seja, $b(x) \cap b'(y) \leq \mathbf{Id}(x, y)$. Essa proposição diz que aquilo que há em comum na conjunção de b com x e na conjunção de b' com y não pode ser maior que a conjunção de x com y . Supondo-se que x e y sejam disjuntos pelo fato de y não aparecer no mundo $\mathbf{m}$ ($y = \mu$), isso implica que $b(x) \cap b'(y) = \mu$. Consequentemente, mesmo que x pertença com grau máximo ao átomo b (isto é, $b(x) = M$), o múltiplo y , por ser inexistente, não pertencerá absolutamente ao átomo b' (ou seja, $b'(y) = \mu$). Essa hipótese, por sua vez, resultaria no fato de que b e b' não têm nada em comum em seu referente real, não sendo possível localizar um a partir da existência do outro, tornando-os incompatíveis.

Como a compatibilidade é onto-lógica e todo átomo é real, os múltiplos subjacentes a dois átomos compatíveis não podem ser disjuntos, devendo ter algum grau de identidade para que possam ser ordenados. Assim, os átomos de aparecimento compatíveis só podem ter, em sua composição múltipla, elementos que sejam idênticos em alguma medida. Essa condição é continuamente satisfeita dentro de um mundo, à medida que a compatibilidade onto-lógica possibilita, por meio da retroação do aparecer sobre o ser, o constante rearranjo das zonas objetivas que perfazem a união entre o ser e o objeto. Contanto que a consistência relacional seja mantida, os átomos podem ser recontados, constituindo-se novos envelopes para os graus transcendentais de um determinado mundo. É por essa razão que Badiou dá o nome de *teorema fundamental da lógica atômica* à seguinte proposição: “Dada uma região objetiva B do conjunto suporte A de um objeto (A, **Id**), se os elementos de B são compatíveis dois a dois, existe um envelope ε de B para a relação de ordem ontológica $<$ definida sobre o objeto”¹⁰⁶.

Na medida em que os elementos do subconjunto $B \subseteq A$ são compatíveis quando tomados dois a dois, posto que o envelope ε engloba os elementos de B em uma dada ordem ontológica, é possível comparar um elemento x de A à região B, mensurando o grau de identidade de x aos elementos de B. Isso possibilita atestar em que medida x pertence a essa região. Além disso, se, de acordo com o transcendental desse mundo, houver um átomo $\pi(x)$ que seja definido pela união de todos os graus de identidade entre x e a região B, ou seja, a união da identidade de x e todos os elementos $b \in B$, esse átomo será formado pela identidade de B com o múltiplo x, resultando na seguinte função atômica: $\pi(x) = \sum \{\mathbf{Id}(b, x) / b \in B\}$. De outro modo, essa função também pode ser escrita como a intersecção da existência de x com a existência do envelope ε de B, de modo que $\pi(x) = \mathbf{Ex} \cap \mathbf{E}\varepsilon$. E como todo átomo é um átomo real, o elemento ε , ao prescrever o átomo $\pi(x)$, é uma síntese onto-lógica do subconjunto B, já que retroage sobre os elementos $b \in B$, dispondo-os em uma ordem que esteja de acordo com sua aparição¹⁰⁷.

Badiou dá o nome de *functor transcendental* ao operador que associa um grau

¹⁰⁶ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 278, tradução nossa.

¹⁰⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 243-244, 277-282; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 150-152.

transcendental a cada subconjunto que representa um “tipo” (ou “classe”) de elementos, de modo que os elementos desse subconjunto compartilham o fato comum de possuírem uma existência que pode ser medida a partir desse mesmo grau. Sendo compatíveis dois a dois, os elementos que pertencem a uma “classe” existencial são localizáveis no interior do estrato ao qual pertencem, de modo que cada elemento típico consiste na localização do termo que faz a síntese de sua classe sobre o grau desse mesmo elemento típico. Em outras palavras, o functor possibilita localizar os diferentes elementos de uma classe de múltiplos conforme seu grau de aparição no interior dessa classe, relacionando um (e apenas um) elemento típico a cada grau de aparição desse subconjunto.

Para ilustrar o papel do functor, pensemos nas manifestações das jornadas de junho de 2013, no Brasil. Num primeiro momento, o Movimento Passe Livre liderou os primeiros protestos em São Paulo, que tinham como escopo reivindicar a redução da tarifa do transporte público. Em seguida, uma série de outros grupos passaram a se juntar aos protestos (os lavajatistas do Vem Pra Rua, os liberais do MBL, os direitistas ultraconservadores, os partidários de esquerda, os black blocs etc.), o que levou a uma grande ampliação das manifestações e à necessidade de se discriminar diferentes subconjuntos nesse grande conjunto. O functor opera exatamente nesse ponto, possibilitando a atribuição de diferentes graus de aparição a esses subconjuntos e elencando um (ou alguns) de seus líderes como representantes desse “tipo” de manifestantes. Com isso, o functor transcendental do mundo “jornadas de junho” consegue projetar sobre as partes de seu referente real os diferentes graus de aparição do transcendental desse mundo.

Um outro exemplo possível: tomando como ponto de partida o espaço múltiplo de uma casa, é possível associar à totalidade desse espaço a componente atômica “ser uma casa”, formando-se o objeto (C, **Id**) que corresponde ao múltiplo “casa” e tem grau máximo de aparição. A partir desse objeto, é possível localizar o átomo predicativo “ser um quarto” entre os elementos do espaço múltiplo da casa: se a casa possuir três quartos, o objeto (Q, **Id**), composto a partir desse átomo, terá o elemento Q como múltiplo referencial, múltiplo este composto pelos três quartos (q_1 , q_2 e q_3), que representam essa “classe” de elementos. A partir desse objeto, pode-se localizar o átomo “ser um quarto com livros”, formando-se o objeto (q_1 , **Id**) a partir de um dos quartos. Partindo-se desse objeto, é possível localizar o átomo “ser um livro”, que

resulta no objeto $(L, \mathbf{Id})$, que tem como múltiplo referencial o conjunto de livros L , de modo que cada livro representa essa classe típica de elementos. Deste objeto, pode-se localizar o átomo “ser um livro de filosofia”, constituindo-se o objeto $(Lf, \mathbf{Id})$. A partir deste objeto, pode-se localizar o átomo “ser um livro de Alain Badiou”, formando-se o objeto $(Lb, \mathbf{Id})$, e, assim sucessivamente.

Garantindo a passagem da síntese transcendental (organização do aparecer) para a síntese real (ordem do ser-múltiplo), o functor transcendental é o operador ontológico que conecta o elemento que engloba elementos que são compatíveis dois a dois e o envelope que envolve os graus de aparição do transcendental de um mundo. Assim, partindo-se do múltiplo A (tal que $A \in \mathbf{m}$), o functor do objeto $(A, \mathbf{Id})$, notado como $\mathbf{FA}$, associa a todo elemento p do transcendental T (tal que $T \subseteq \mathbf{m}$) a parte de A composta por todo x cujo grau de aparição seja p ($\mathbf{E}x = p$). Formalmente, essa definição pode ser escrita: $\mathbf{FA}(p) = \{x / x \in A \text{ e } \mathbf{E}x = p\}$. Tomando um subconjunto do múltiplo A de acordo com a estratificação existencial da aparição de seus elementos, o functor $\mathbf{FA}$ nomeia essa parte de A , ela própria, como um elemento.

Se, além do grau p , sabemos que há um grau q tal que $q \leq p$, a relação entre $\mathbf{FA}(p)$ e $\mathbf{FA}(q)$ se assenta na possibilidade de localização, a partir de $\mathbf{FA}(p)$, da parte de A composta por todo y cujo grau de aparição seja q ($\mathbf{E}y = q$). Se $\mathbf{E}x = p$, temos que a localização do grau q em x ($x \vdash q$) equivale à conjunção de x com q ($\mathbf{E}x \cap q$). Como $\mathbf{E}x = p$, então a localização do grau q de x é igual à conjunção $p \cap q$; no entanto, como o grau q é menor que o grau p de acordo com o transcendental T ($q \leq p$), isso quer dizer que a conjunção de p com q equivale a q , de modo que a localização do grau q de x é igual a q ($\mathbf{E}(x \vdash q) = q$) e, por fim, essa localização pertence ao functor transcendental de A para o grau q , o que se escreve: $(x \vdash q) \in \mathbf{FA}(q)$. Contudo, caso o grau de aparição q não seja dado de antemão, é possível produzi-lo a partir de uma diferenciação no interior do grau de aparição p . Para tanto, o transcendental deve ser tomado como um espaço topológico que permite localizações em seu interior e cujos territórios se relacionam com as diversas partes do ser-múltiplo.

Cada elemento do transcendental T (cada um de seus graus) funciona como o envelope de uma parte de T , de modo que toda parte cuja menor majorante seja um elemento de T será seu *território*. Assim, o elemento p , que diz respeito ao grau p segundo o transcendental, é o envelope de um território $\Theta \subseteq T$ ($p = \Sigma \Theta$). Nesse território Θ , o functor transcendental associa várias partes do objeto $(A, \mathbf{Id})$, de modo

que cada elemento y , para $\mathbf{FA}(q) = \{y / \mathbf{E}y = q\}$, passe a ser homogêneo em relação ao seu grau de aparição (todo elemento y *passa a ter* grau de aparição/existência q). Essa operação consiste em selecionar um elemento y_q de A que “represente” o território transcendental Θ . Por mais que os elementos y de A tenham graus de aparição que, apesar de inferiores a p , podem variar entre si, o functor escolhe um deles para funcionar como elemento “típico” do grau q , imediatamente inferior a p , de modo que $q \in \Theta$, $\mathbf{E}y_q = q$ e $y_q \in \mathbf{FA}(q)$. Em outras palavras, o território Θ é projetado sobre o subconjunto dos elementos y do objeto $(A, \mathbf{Id})$, produzindo-se o grau de aparição q tipificado pelo elemento y_q .

Se o múltiplo y_q corresponde ao território transcendental Θ , e se o grau p é a menor majorante desse território (o grau imediatamente superior), resta ao functor encontrar um múltiplo correspondente para o grau p e que tenha relação com y_q . Como p é o envelope de Θ ($p = \Sigma \Theta$), operando a síntese transcendental desse território, seu correspondente múltiplo deve, da mesma forma, operar a síntese real dos múltiplos cuja aparição esteja vinculada ao território Θ , ou seja, dos elementos y_q . Deve haver, pois, um envelope $\varepsilon \in \mathbf{FA}(p)$ que seja ontologicamente maior que y_q ($y_q < \varepsilon$) e a partir do qual seja possível localizar y_q ($\varepsilon \vdash q = y_q$). Portanto, assim como p realiza uma síntese do território Θ , ε opera, no múltiplo A , uma síntese dos y_q .

À medida que ε é um envelope de y_q , todos os elementos y_q que “representam” um grau transcendental menor que p no objeto A são dominados por ε (tomemos, por exemplo, $y_q < \varepsilon$ e $y_{q'} < \varepsilon$). Isso quer dizer que todos os elementos “típicos” englobados por ε são compatíveis dois a dois ($y_q \nmid y_{q'}$), de modo que todos eles têm algo em comum, isto é, algum grau de identidade: $\mathbf{E}y_q \cap \mathbf{E}y_{q'} = \mathbf{Id}(y_q, y_{q'})$. Desse modo, por meio do functor transcendental, é possível retroagir os territórios transcendentais de um mundo sobre o ser-múltiplo de diferentes modos, localizando-se novos elementos a partir das partes de um objeto e reordenando-se os graus de aparição a partir desses novos elementos¹⁰⁸.

¹⁰⁸ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 293-312; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 152-157.

3.5 ABERTURA IMANENTE, FECHAMENTO ONTOLÓGICO

Como visto até aqui, um mundo é formado por aquilo que aparece, de acordo com o transcendental desse mundo, de seu ser-múltiplo referencial. Em outros termos, a indexação transcendental das identidades dos entes que aparecem, formando objetos, possibilita a constituição retroativa de unidades no nível da multiplicidade ontológica. Esses entes aparentes, por sua vez, se relacionam entre si dentro do mundo, o que significa que um mundo contém não apenas seus objetos, mas também as relações que existem entre esses objetos, relações estas que apontam em que medida a aparição de um ente acarreta a de outro. E como todo átomo é real, as relações entre os objetos de um mundo pressupõem as operações constitutivas da teoria do múltiplo puro, isto é, as relações ontológicas.

Entre essas operações, duas delas garantem a manutenção de uma abertura imanente no nível da construção de multiplicidades: a disseminação e a totalização. A disseminação consiste no fato de que todo mundo é transitivo, de modo que, para qualquer múltiplo desse mundo, tanto seus elementos quanto os elementos de seus elementos pertencem a esse mundo. Ilustrativamente, tomando-se como exemplo um mundo muito grande, como a Via Láctea, que tem como elementos suas estrelas, planetas e satélites, pode-se deduzir que algo muito menor que esses elementos, como uma casa na cidade de Londrina, também é elemento da Via Láctea, posto que a cidade de Londrina é um elemento do planeta Terra e que a casa em questão é um elemento da cidade de Londrina. Em outras palavras, a disseminação daquilo que compõe um mundo é imanente ao próprio mundo, não havendo algo transitivamente abaixo de seus elementos que seja exterior ao mundo.

Se denominarmos $\cup A$ o conjunto da união dos elementos dos elementos do múltiplo A que aparece no mundo $\mathbf{m}$, a disseminação do múltiplo A pode ser notada da seguinte forma: $x \in \cup A \leftrightarrow [\exists a (a \in A) \text{ e } (x \in a)]$. Isso quer dizer que afirmar que um múltiplo x pertence ao conjunto $\cup A$ é o mesmo que dizer que ele pertence ao múltiplo a que, por sua vez, pertence ao múltiplo A . Assim, aquilo que compõe um múltiplo que aparece em um mundo também pertence a esse mundo, de modo que não apenas $A \in \mathbf{m}$, como também $a \in \mathbf{m}$ e $x \in \mathbf{m}$.

Já a totalização consiste no fato de que as partes de um mundo também

pertencem a esse mundo, de modo que os diferentes modos de se arranjar os elementos de qualquer parte desse mundo, contando-por-um os subconjuntos possíveis desse mundo, também pertencem a esse mundo. A fim de ilustrar essa operação, tomemos o mundo Brasil como exemplo: esse mundo possui uma infinidade de elementos, desde os Estados-membros que o compõem até cada um de seus habitantes. Além disso, pela operação da disseminação, é possível inferir que os elementos de seus habitantes (seus bens, seus órgãos, seus documentos, seus sentimentos etc.) também pertencem ao mundo Brasil, bem como os elementos desses elementos (e, assim, sucessivamente). Segundo a operação de totalização, os diversos subconjuntos formados por esses elementos também pertencem a esse mundo: haveria, por exemplo, um subconjunto formado pelas companhias de ônibus do Estado de São Paulo e pelos taxistas da cidade do Rio de Janeiro, ou um subconjunto composto pelo presidente do Banco Central e os sindicatos de contadores do Nordeste etc. Em outras palavras, um mundo imanentiza qualquer totalização das partes que o compõem, contando todo subconjunto possível como um elemento.

Partindo de um múltiplo A que pertence ao mundo $\mathbf{m}$, $\mathbf{P}(A)$ é o conjunto das partes de A , de modo que se x pertence a $\mathbf{P}(A)$, isso quer dizer que x é um subconjunto do múltiplo A . Como o múltiplo A pertence ao mundo $\mathbf{m}$, as partes de A também fazem parte do mundo $\mathbf{m}$, de modo que os subconjuntos apresentados por $\mathbf{P}(A)$ fazem parte do mundo $\mathbf{m}$. No entanto, pela operação da disseminação, os elementos pertencentes aos elementos de A também pertencem ao mundo $\mathbf{m}$, de modo que todas as partículas que compõem A são apresentadas como seus elementos. E como, pelo axioma dos subconjuntos, é possível apresentar diferentes arranjos dos elementos de A , isto é, combinar seus infinitos elementos para formar outros elementos, a infinidade de partes de A também pertencem ao mundo $\mathbf{m}$, de modo que $A \in \mathbf{m} \rightarrow \mathbf{P}(A) \in \mathbf{m}$.

Enquanto a operação de disseminação possibilita uma infinita contagem dos elementos de um mundo “para baixo” (os elementos dos elementos dos elementos etc. pertencem ao mundo), a operação de totalização possibilita uma infinita contagem das partes de um mundo “para cima” (a infinidade de elementos de um mundo produz uma infinidade de combinações possíveis desses elementos). Consequentemente, na medida em que um mundo apresenta os elementos de seus elementos e todas as suas partes, todo mundo é infinito, possuindo uma extensão maior que a de todos os

seus elementos.

Matematicamente, pode-se supor que um mundo $\mathbf{m}$ e um múltiplo A que pertença a esse mundo possuam a mesma extensão κ . Se A é um múltiplo de $\mathbf{m}$, então, pelas operações de disseminação e totalização, $\mathbf{P}(A)$ também pertence a $\mathbf{m}$. No entanto, como o conjunto das partes de um múltiplo é sempre maior que esse múltiplo, $\mathbf{P}(A)$ possui uma extensão $\eta > \kappa$. Mas como $\mathbf{P}(A)$ é elemento de $\mathbf{m}$, sua extensão não pode ser maior que a do mundo ao qual pertence, razão pela qual um mundo possui uma extensão maior que todos os seus elementos.

Além disso, caso se suponha que um mundo $\mathbf{m}$ seja finito, possuindo uma cardinalidade finita n , o maior elemento de $\mathbf{m}$ deve possuir, necessariamente, uma cardinalidade finita $q < n$. Porém, supondo-se que o múltiplo $A \in \mathbf{m}$ possua essa cardinalidade q , de modo que A seja o maior elemento do mundo $\mathbf{m}$, o múltiplo $\mathbf{P}(A)$ não poderia pertencer a $\mathbf{m}$, posto que teria uma cardinalidade necessariamente maior que q , já que sua extensão ultrapassa a do múltiplo A . Como o conjunto das partes de um múltiplo pertencente a um mundo também pertence a esse mundo, $\mathbf{P}(A)$ pertence ao mundo $\mathbf{m}$, possuindo uma extensão r tal que $q < r < n$, o que faz de r a maior extensão dentro do mundo $\mathbf{m}$ e de $\mathbf{P}(A)$ o maior elemento de $\mathbf{m}$. No entanto, se $\mathbf{P}(A)$ pertence a $\mathbf{m}$, o conjunto das partes de $\mathbf{P}(A)$ também pertence, possuindo uma extensão $s > r$, havendo, pois, uma infinidade de maiores extensões que resultam do axioma do conjunto potência. Ademais, em decorrência da disseminação, não apenas os elementos de A podem ser infinitamente divididos em outros elementos, como também esses outros elementos permitem discriminar outras partes do múltiplo A , que não apenas pertencem ao mundo $\mathbf{m}$, mas que também podem ser potencializadas e formar novas partes e, assim, sucessivamente.

Diferentemente do que ocorre na teoria axiomática dos conjuntos, em que o conjunto das partes de uma situação é maior que essa situação, não pertencendo a ela, a lógica mundana se estrutura por meio do *topos* de Grothendieck, constructo da teoria das categorias segundo o qual o conjunto das partes de um espaço lógico pertence a esse espaço lógico. Assim, apesar da infinidade de contas-por-um de elementos “para baixo” (disseminação) e “para cima” (totalização), o infinito não pode ser extensivamente alcançado pelas operações internas de um mundo, funcionando apenas como um limite que marca, em um mundo qualquer, o fato de sua extensão ser infinitamente maior que a dos múltiplos por ele enumerados. Desse modo, todo

mundo apresenta uma extensão inacessível, possuindo uma cardinalidade ao menos igual à do cardinal infinito $\aleph_0$, que enumera o conjunto dos números naturais.

Como visto anteriormente, o infinito marca o caráter incomensurável de uma multiplicidade, ou seja, a impossibilidade de se alcançar sua extensão por meio das operações de disseminação e totalização. Toda construção se dá por meio de elementos finitos, que podem ser enumerados e ordenados. No entanto, as operações de disseminação e totalização possibilitam uma construção infinita das multiplicidades. Ou seja, por mais que os elementos de um mundo sejam enumeráveis, a extensão desse mundo é incomensurável, de modo que o infinito está contido em todo mundo, ultrapassando a extensão de todos os seus elementos. Em outras palavras, apesar de todo mundo ser imanentemente aberto, podendo ser rearranjado pelas operações de disseminação e totalização, sua extensão é infinitamente maior que o maior de seus elementos, o que implica que toda operação mundana ocorre dentro dos limites do mundo. Isso quer dizer, por fim, que um mundo é fechado para as operações que desenvolvem seu ser-múltiplo: a aplicação, do interior de um mundo, das leis de construção expansiva aos seus múltiplos, não acarreta a destruição do mundo ou a saída para um outro mundo, já que toda abertura imanente se mantém nos limites do mundo¹⁰⁹.

3.6 A RELAÇÃO ENTRE OBJETOS E A COMPLETUDE LÓGICA DE UM MUNDO

A partir da abertura imanente das multiplicidades no interior de seu fechamento ontológico, o transcendental de um mundo estabelece as intensidades de aparição dos entes por meio da identidade de seus aparecentes. Essa identidade possibilita a determinação retroativa dos átomos de aparecimento, ou seja, o estabelecimento dos graus de existência das multiplicidades e a consequente formação de unidades onto-lógicas. Mas como fazem parte de um mesmo mundo,

¹⁰⁹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 315-326, 349-354; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 159-165; PLOTNITSKY, Arkady. Experimenting with ontologies: sets, spaces, and topoi with Badiou and Grothendieck. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 30, p. 351-368, 2012, p. p. 355-364.

esses entes que aparecem também se relacionam entre si na lógica do aparecer. Cada objeto mantém alguma relação como todos os demais objetos de um mundo, de modo que as relações objetivas também aparecem como objetos desse mundo, havendo uma multitude de relações mundanas. No entanto, na medida em que essas relações dependem daquilo que aparece em um mundo, o axioma das relações afirma que toda relação entre objetos se subordina à intensidade transcendental de aparição dos entes que ela conecta.

Uma relação não é capaz nem de criar existências nem de estabelecer diferenças, podendo apenas conservar ou aumentar o grau de identidade de dois aparentes que existem em um mundo. Operando como uma função dos elementos de um objeto em relação aos elementos de outro, uma relação é um liame que orienta um objeto em direção a outro, de modo que o valor existencial de um elemento do primeiro objeto não seja inferior ao seu correspondente no segundo objeto e que, portanto, à medida transcendental de uma identidade em um dos objetos corresponda uma medida transcendental que não lhe seja inferior no outro. Assim, a identificação de um liame entre dois objetos depende da inteligibilidade objetiva do ser-múltiplo que está conectado, isto é, de sua apreensão como objeto. Nas palavras de Badiou, “uma relação entre dois objetos é uma função que conserva a lógica atômica desses objetos e, em particular, a síntese real que afeta seu ser a partir de seu aparecer”¹¹⁰.

Como já visto, um objeto é definido pelo par formado por um múltiplo cujo substrato real é apreendido pelo mundo em questão e pelo grau de aparição de seus elementos nesse mundo, ou seja, pelo grau de identidade entre um determinado subconjunto desse múltiplo referencial subjacente e o conjunto de todos os elementos desse mesmo múltiplo. O objeto (A, Id) , por exemplo, é formado pela função de aparecimento **Id**, isto é, pelo grau de aparição da identidade entre os múltiplos $a \in A$, que definem esse objeto, e todos os outros múltiplos $x \in A$, em relação aos quais os múltiplos $a \in A$ se identificam e se diferenciam. Mas na medida em que cada objeto indexa ao seu múltiplo subjacente um determinado grau de aparição, as funções de aparecimento de cada objeto possuem graus distintos umas das outras. Por essa razão, ao se tratar das relações entre objetos, o símbolo **Id** pode ser substituído, em cada objeto, por uma letra grega que corresponda à constante de sua medida

¹¹⁰ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 329, tradução nossa.

transcendental de aparição. Assim, os objetos (A, Id) e (B, Id) , que têm como base os múltiplos $A \in \mathbf{m}$ e $B \in \mathbf{m}$, serão notados como (A, α) e (B, β) , sendo α e β os respectivos graus de aparição de seus elementos.

Uma relação de um objeto (A, α) para com um objeto (B, β) é uma função, representada pela letra grega ρ , que, pela fórmula $\rho(x) = y$, associa a todo x de A um múltiplo y de B . Nessa relação, a todo $a \in A$ corresponde um $\rho(a) \in B$, sendo que ambos os correspondentes não apenas possuem o mesmo grau de existência (o que se escreve: $\mathbf{E}\rho(a) = \mathbf{E}a$), como também conservam esse grau de existência. Além disso, a função que localiza o grau p no múltiplo $a \in A$ é igual à localização do grau p no múltiplo correspondente $\rho(a) \in B$, o que se escreve $\rho(a \upharpoonright p) = \rho(a) \upharpoonright p$. Isso quer dizer que o múltiplo $a \in A$ e seu correspondente $\rho(a) \in B$, com o qual se relaciona, possuem o mesmo grau de existência e a mesma localização.

No entanto, à medida que objetos diferentes possuem graus de aparição distintos, o grau de identidade dos pares de elementos envolvidos na função de aparecimento de cada objeto também se diferencia de objeto para objeto. Assim, as funções de aparecimento α e β dos objetos (A, α) e (B, β) , respectivamente, não têm o mesmo grau de identidade. Se $\beta[p(a), p(b)]$ designa o grau de identidade dos elementos de B que correspondem, respectivamente, aos múltiplos $a \in A$ e $b \in A$, então a função $\alpha(a, b)$ designa o grau de identidade de seus correspondentes em A .

Como toda relação é conservadora, apenas podendo manter ou aumentar o grau de identidade de dois elementos na função de aparecimento de seus correspondentes, a função $\beta[p(a), p(b)]$ não pode possuir grau de identidade menor que $\alpha(a, b)$, podendo a identidade de $\rho(a)$ e $\rho(b)$ ser igual, ou até maior, que a identidade de a e b , o que se escreve, para $a \in A$ e $b \in A$: $\alpha(a, b) \leq \beta[p(a), p(b)]$. Consequentemente, toda relação conserva a compatibilidade ($a \nlessdot b \rightarrow \rho(a) \nlessdot \rho(b)$) e a ordenação onto-lógica ($a < b \rightarrow \rho(a) < \rho(b)$) dos dois elementos em seu par de elementos correspondentes.

A fim de ilustrar o aspecto conservador das relações, tomemos como objetos (A, Id) e (B, Id) dois colegas de trabalho que, coincidentemente, torcem para o mesmo time de futebol. O átomo de aparecimento “ser funcionário da empresa X” tem como base os elementos $a \in A$, do primeiro indivíduo, e $a' \in B$, do segundo indivíduo (ambos são aquele conjunto de elementos que faz de cada um deles um funcionário da empresa X). Já o átomo de aparecimento “torcer para o time Y” tem como base os

elementos $b \in A$, do primeiro indivíduo, e $b' \in B$, do segundo indivíduo (ambos são aquele conjunto de elementos que faz de cada um deles um torcedor do time Y). Existe uma identidade entre o grau de aparição de cada um desses predicados em cada um desses indivíduos ($Ea = Ea'$ e $Eb = Eb'$), o que quer dizer que eles aparentam ser funcionários da empresa X e torcedores do time Y com a mesma intensidade.

No entanto, quando o time Y está na pior, ou quando este time está ganhando o campeonato, os colegas (A, **Id**) e (B, **Id**) estabelecem uma relação não apenas de trabalho, mas de torcedores do mesmo time. Nessa relação, os elementos a' e b' passam a funcionar como os correspondentes $p(a)$ e $p(b)$ dos elementos a e b , mas conservando seus respectivos graus de existência, de modo que ambas as igualdades $Ea = Ep(a)$ e $Eb = Ep(b)$ se mantenham, ou seja, que ambos os indivíduos continuem aparentando ser funcionários da empresa X e torcedores do time Y com a mesma intensidade. Além disso, nessa relação, a localização da qualidade de torcedor do objeto (A, **Id**) é igual à localização dessa mesma qualidade no objeto (B, **Id**), isto é, esse predicado pode ser localizado em ambos os objetos a partir do mesmo grau de aparição.

Se o indivíduo A afeta o indivíduo B, estabelecendo uma relação de time de futebol entre ambos, a relação $p(A) = B$ passa a aparecer objetivamente no mundo. Essa relação, porém, conserva a consistência interna dos objetos interrelacionados, que não deixam de ser funcionários da empresa X e torcedores do time Y. Isso quer dizer que essa relação que A estabelece com B não pode diminuir a identidade entre os predicados “ser funcionário da empresa X” e “torcer para o time Y” em B, podendo apenas mantê-la ou aumentá-la. Se, por exemplo, o objeto (A, **Id**) não for colega, mas chefe de (B, **Id**), e o proibisse de torcer para o time Y enquanto estivesse na empresa X, ele ainda assim estabeleceria uma relação (proibitiva) para com B, à medida que essa proibição não tornaria B menos empregado da empresa X ou menos torcedor do time Y. Desse modo, quando um objeto A estabelece uma relação para com um dado objeto B, temos que $\alpha(a, b) \leq \beta[p(a), p(b)]$, o que quer dizer que a identidade entre ambos os predicados, que tinha um certo grau α no objeto (A, α), foi mantida ou majorada no objeto B, que pode ser notado como objeto (B, β), já que seu grau de identidade $\beta \geq \alpha$ depende de como o primeiro objeto se relaciona com ele.

Outro modo possível de se pensar uma relação seria por meio das compras de mercado. Em uma compra de mercado, foram comprados dois objetos: um pacote

de cereal (C, Id) e um pacote de sacos de lixo (D, Id). Cada um desses pacotes tem, separadamente, um predicado principal, que corresponde à sua utilidade na casa: no caso do cereal, o predicado “ser útil na casa” corresponderia ao fato de ele ser um alimento, tendo como base todos os elementos $c \in C$; no caso do pacote de sacos de lixo, o predicado “ser útil na casa” corresponderia ao fato de ele ser um depósito de coisas descartáveis, que tem como base todos os $c' \in D$. Na medida em que o cereal é consumido e um dos sacos de lixo é preenchido, um outro predicado começa a aparecer cada vez mais em cada um deles, qual seja, o predicado “ser uma coisa que deve ser descartada para fora da casa”, que tem como base os elementos $d \in C$ do objeto pacote de cereal e os elementos $d' \in D$ do objeto sacos de lixo.

Assim, quando o pacote de cereais é jogado no lixo, ambos os objetos estabelecem uma relação que conserva os graus de existência de seus elementos (os dois continuam aparentando ter a mesma utilidade e continuam tendo em comum o fato de que devem ser descartados após o uso). Nessa relação, o grau de existência dos elementos que operam como substrato da utilidade e dos elementos que operam como substrato da descartabilidade de cada um dos objetos equivale ao grau de seus correspondentes no outro ($E_c = E_p(c)$ e $E_d = E_p(d)$), e permanece igual com a relação. Além disso, nessa relação, a localização da qualidade de descartável do objeto (C, Id) é igual à localização dessa mesma qualidade no objeto (D, Id), isto é, esse predicado pode ser localizado em ambos os objetos a partir do mesmo grau de aparição. Contudo, a identidade entre ambos os predicados se aproxima, fazendo com que a utilidade de ambos seja a de ser descartado para fora da casa. Em outras palavras, a identidade de ambos os predicados, que tinha certo grau γ no objeto (C, γ), foi mantida ou majorada quando este objeto entrou em relação com o segundo objeto, que pode ser notado como objeto (D, δ), já que seu grau de identidade $\delta \geq \gamma$ depende de como o primeiro objeto se relaciona com ele.

Para Badiou, uma relação propriamente dita conserva o grau de existência e a localização de cada um dos objetos relacionados. Isso porque toda relação é extrínseca aos objetos relacionados, não afetando sua consistência interna. Caso uma relação, a princípio extrínseca, altere a consistência interna de um dos objetos, isso quer dizer que não se trata de uma relação propriamente dita, mas de uma relação constitutiva no nível elementar, isto é, de uma relação que altera as identidades elementares de um múltiplo e, conseqüentemente, sua componente atômica. É o que

acontece, por exemplo, em uma dissolução, como a dissolução do chocolate em pó no leite. Nessa relação, tanto o leite quanto o chocolate em pó têm seus graus de existência alterados: a existência do pó é reduzida ao mínimo, enquanto a existência do leite é um pouco reduzida, tendo em vista que o leite já não é totalmente idêntico a si mesmo, tendo uma coloração escurecida em razão do pó de chocolate que foi nele diluído. O resultado dessa relação é o objeto leite achocolatado, não idêntico nem ao pó nem ao leite puro, objeto cujo predicado “ter consistência de leite, cor marrom e gosto de chocolate” o difere dos dois objetos primariamente relacionados.

Uma relação entre dois objetos mundanos é considerada “exposta” se existe um objeto desse mundo que componha, em conjunto com os dois objetos inicialmente interrelacionados, um diagrama triangular comutativo. Isso quer dizer que uma relação é exposta se ela se expõe a um terceiro objeto, isto é, se existe um terceiro objeto expoente que apreende essa relação, de modo que seja possível comutar a relação direta entre os dois objetos iniciais pela soma da relação entre o terceiro objeto e o primeiro objeto com a relação entre o primeiro objeto e o segundo objeto. Essa apreensão da relação por um terceiro objeto pode ser entendida por meio da metáfora da visão: uma relação é exposta quando um terceiro objeto a vê, ou seja, quando há um ponto de vista externo a essa relação que a observa.

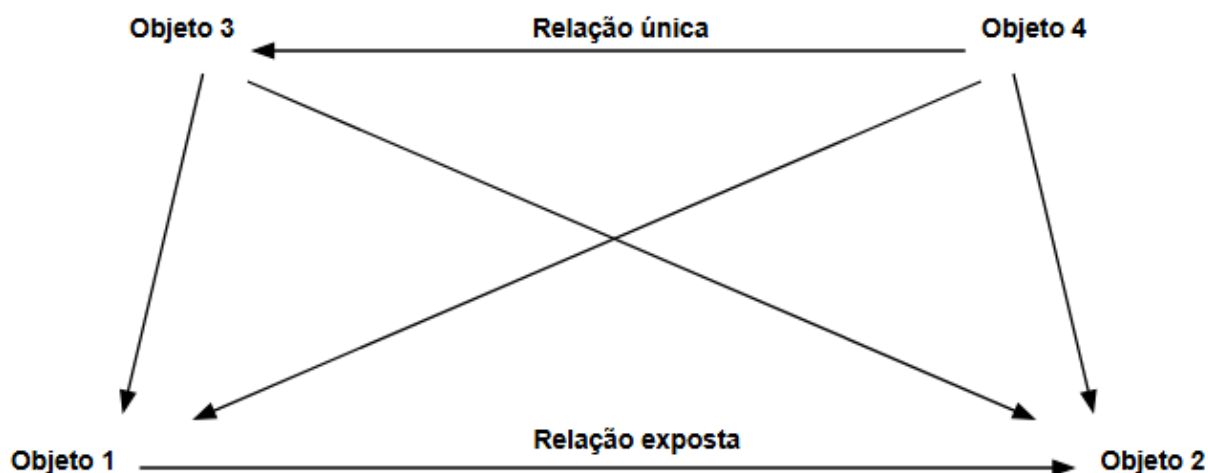
A exposição de uma relação entre objetos depende, pois, de sua apreensão por parte de um terceiro objeto, que funciona como seu expoente. No entanto, para que uma relação apareça em um mundo, é preciso não apenas que ela seja apreendida por um terceiro objeto, mas também que essa própria apreensão seja “vista” por um quarto objeto, que, observando a relação originária, mantém uma única relação para com o terceiro objeto. Assim, uma relação será considerada “universalmente exposta” se, sendo dadas duas exposições distintas da mesma relação, houver entre os dois expoentes apenas uma relação, de modo que o diagrama se mantenha comutativo. Em outras palavras, uma relação será universalmente exposta se houver um objeto que observa o objeto expoente dessa relação, de tal modo que entre esse segundo objeto expoente e o primeiro expoente haja apenas uma relação.

Mas na medida em que são as relações que dependem dos objetos, e não o inverso, pode-se dizer, em primeiro lugar, que se uma relação entre objetos é visível em um dado mundo, então existe um ponto de vista objetivo a partir do qual é possível

dizer que existe uma relação. Se esse ponto de vista objetivo existe, é porque ele também aparece como um objeto desse mundo, sendo constrangido pelas relações do mundo. Se ele aparece e é constrangido pelas relações mundanas, isso quer dizer que as relações desse terceiro objeto para com cada um dos objetos interrelacionados também existem, sendo visíveis nesse mundo. Se a relação entre o terceiro objeto e um dos objetos interrelacionados é visível nesse mundo, isso quer dizer que existe um ponto de vista objetivo a partir do qual é possível atestar que existe essa relação. E se, por fim, esse ponto de vista objetivo existe, isso implica que ele também aparece como um objeto desse mundo, funcionando como um quarto observador que, ao observar a relação primária e sua apreensão pelo terceiro objeto expoente, também é constrangido pelas relações desse mundo.

Se denominarmos como objetos 1 e 2 os dois objetos cuja relação se verifica, como objeto 3 o primeiro expoente que observa a relação, e como objeto 4 o segundo expoente que observa tanto a relação quanto o objeto 3, mantendo uma única relação para com este objeto, obtemos o diagrama abaixo (no qual cada seta indica a apreensão de um objeto por um outro objeto, de acordo com o grau de identidade existente entre ambos). Neste diagrama, as relações se comutam entre si conforme a identidade entre os expoentes e os objetos interrelacionados. Supondo-se, por exemplo, que o objeto 3 tenha uma alta identidade em relação ao objeto 1 e uma baixíssima identidade em relação ao objeto 2, é possível substituir as setas que vão do 3 ao 1 e do 1 ao 2 pela seta que vai do 3 ao 2. Isso porque as relações se subordinam ao grau de aparição dos objetos e, conseqüentemente, às suas respectivas identidades.

Figura 1 – Diagrama local de uma relação universalmente exposta



Fonte: BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris : Éditions du Seuil, 2006, p. 334, adaptado.

Partindo de uma única relação entre objetos, obtém-se uma infinidade de exposições, isto é, de pontos de vista objetivos que veem essa relação e se identificam mais ou menos com cada um dos objetos primariamente relacionados. A fim de que o diagrama seja melhor compreendido, substituamos o objeto 1 pela embalagem de cereais, o objeto 2 pelo saco de lixo e o objeto 3 pelo cesto de lixo. Nessa tríade, o cesto de lixo vê a relação entre a embalagem de cereais e o saco de lixo dentro do qual ela é jogada. Em razão disso, a combinação do olhar que vai do cesto de lixo (objeto 3) para a embalagem (objeto 1) e do olhar que vai da embalagem (objeto 1) para o saco de lixo (objeto 2) pode ser comutada pelo olhar que vai do cesto de lixo (objeto 3) para o saco de lixo (objeto 2), posto que, para a teoria das relações de Badiou, ver o saco de lixo de um ponto de vista objetivo é o mesmo que ver um outro objeto (a embalagem, por exemplo) que vê o saco de lixo. Em outras palavras, a exposição de uma relação por um terceiro objeto significa que se pode apreender cada um dos objetos relacionados por meio do outro, já que o ponto de vista objetivo vê tanto o objeto primário como o objeto com o qual aquele estabelece uma relação.

Mas para que essa relação seja universalmente exposta, é preciso que haja um quarto objeto, como o caminhão de lixo, que não apenas veja os outros três objetos, como também veja a relação entre a embalagem e o saco de lixo, bem como veja o olhar do cesto de lixo observando essa relação. Isso quer dizer que o caminhão de lixo (objeto 4) expõe a primeira exposição, de modo que não apenas a relação

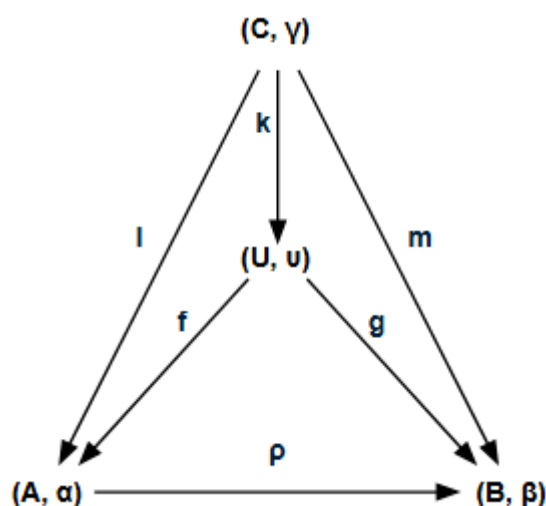
primária seja visível para o objeto 3, mas que esse mesmo expoente seja visível como um objeto do mundo, ou seja, que sua forma de olhar o mundo também seja visível no mundo, fazendo parte desse mundo. Além disso, essa relação entre os expoentes de uma relação é única, de modo que, em um dado mundo, os objetos 3 e 4 possuem apenas uma relação no que diz respeito à relação exposta entre os objetos 1 e 2. Caso acrescentássemos um terceiro expoente (objeto 5), ele não só veria a relação primária, como também manteria uma única relação para com o objeto 3 e uma única relação para com o objeto 4.

Para toda relação universalmente exposta, há sempre um ponto de vista objetivo extrínseco que está mais próximo da relação identitária em questão, conforme o transcendental desse mundo. O fato de que uma relação é *exposta* quer dizer apenas que existe ao menos um ponto, no interior do mundo, a partir do qual ela pode ser apreendida, isto é, ao menos um ponto objetivo que possui algum grau de identidade com os dois objetos dessa relação. Porém, o fato de que uma relação é *universalmente* exposta quer dizer que existe apenas um ponto desse mundo a partir do qual essa relação pode ser apreendida da forma mais clara possível, ou seja, um ponto que envolve ambos os objetos e mantém o maior grau de identidade em relação a ambos, “vendo-os” com o máximo de identidade que esse mundo possibilita atribuir aos elementos desses objetos. Em outros termos, a exposição universal de uma relação implica que há um ponto do mundo que funciona como o envelope dessa relação, sendo o menor (e, portanto, o mais próximo) entre os objetos que englobam essa relação em seu aparecer. Qualquer outro expoente dessa relação, por não a apreender tão clara e distintamente como o expoente que a envelopa, engloba em seu ponto de vista não apenas essa relação, como também o primeiro expoente, na medida em que qualquer outro expoente está mais distante da relação que o expoente envelopante. E na medida em que se distanciam da relação primária, cada expoente apreende aqueles que lhe são mais próximos, mantendo com cada um deles uma única relação de identidade que tem como base a identidade para com os objetos da relação exposta.

Já que a universalidade engloba a unicidade dos pontos de vista, para que uma relação seja universalmente exposta (estabelecendo-se apenas uma relação entre cada um de seus expoentes), é preciso que haja um ponto de vista que seja capaz de apreender até mesmo o objeto-expoente mais distante dessa relação. Como

esse ponto de vista não pode ser um objeto do mundo, já que não há um objeto mais distante que o objeto mais distante, o deslocamento para um ponto de vista universal poderia ameaçar a consistência mundana. Contudo, o fechamento ontológico impede a ruptura do mundo, mantendo a completude lógica mundana: a incomensurabilidade ontológica da extensão de um mundo possibilita a suposição de um ponto de vista universal e inacessível que seja capaz de apreender todos os expoentes e que estabeleça uma única relação entre cada dupla de expoentes de uma dada relação, conforme a identidade dos expoentes para com os objetos da relação exposta. O diagrama abaixo reelabora o diagrama anterior, substituindo os objetos pela sua notação formal e incluindo o problema da completude lógica do mundo:

Figura 2 – Diagrama global de uma relação universalmente exposta



Fonte: BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris : Éditions du Seuil, 2006, p. 360.

Conforme este diagrama, há uma relação p entre os objetos (A, α) e (B, β) , que será exposta se houver um objeto (C, γ) : (1) que mantenha uma relação l entre (C, γ) e (A, α) ; (2) que mantenha uma relação m entre (C, γ) e (B, β) ; (3) cujas relações l e m para com os objetos (A, α) e (B, β) sejam comutáveis. Assim, a combinação das relações p e l , o que se escreve $p \circ l$, é igual à relação m , da mesma forma que $p \circ m$ equivale à relação l . Além disso, a relação p será universalmente exposta se houver um expoente (U, u) dessa relação para o qual, para todo outro expoente (C, γ) dessa mesma relação p , existe apenas uma única relação de (C, γ) a (U, u) , de modo que o triângulo $k-f-l$ é comutativo ($f \circ k = l$), bem como o triângulo $k-g-m$ ($g \circ k = m$) e, por

fim, o triângulo ρ -l-m ($\rho \circ l = m$).

3.7 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS: NADA ALÉM DO MUNDO

A constituição de um mundo, para Badiou, exige a existência de um transcendental que ordene os graus de identidade entre os entes aparecentes. Não se trata de um sujeito constituinte, mas de uma função objetiva de aparecimento que mede quanto um ente se identifica com outro, estabelecendo um contínuo entre o mínimo (μ) e o máximo (M) de aparição¹¹¹. O aparecente é sempre duplo: ontologicamente, é um múltiplo puro; fenomenologicamente, é um objeto indexado por um regime transcendental. O fenômeno, assim entendido, é o sistema completo das avaliações de identidade que o transcendental atribui aos elementos de um múltiplo; já o objeto é a unidade onto-lógica que emerge da conjunção entre o ser-múltiplo e a função transcendental que o faz aparecer¹¹². Todo objeto é, nesse sentido, a síntese materialista entre um átomo real (indecomponível na lógica do aparecer) e a trama lógica que posiciona esse átomo num mundo.

A função transcendental do mundo retroage sobre o ser-múltiplo, produzindo componentes fenomenais que podem ou não ser decompostas em predicados menores. Quando uma componente é indecomponível, temos um átomo, o qual é real, segundo o postulado materialista. Desse modo, o aparecer não inventa unidades arbitrárias, mas encontra no ser-múltiplo o suporte real que autoriza a determinação fenomenal¹¹³. A lógica atômica demonstra, então, o ponto de convergência entre o ontológico e o fenomenal: a identidade de um átomo $a \in A$ com todo $x \in A$ ($\text{Id}(a, x)$) fornece o grau exato de pertencimento de x a esse átomo. A partir dessa identidade mínima, pode-se localizar regiões internas ao átomo, aprofundando a estrutura do aparecer; assim, a própria realidade ontológica é continuamente reorganizada pela

¹¹¹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 167-169..

¹¹² BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 259-261.

¹¹³ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 261-267.

lógica de aparição do mundo¹¹⁴.

Se cada ente aparece segundo um grau de existência e se cada átomo pode ser localizado no interior de graus menores, isso significa que o transcendental fornece uma topologia interna do aparecer. Tal topologia é formalizada pelo functor transcendental, operador que associa a cada grau de existência p um subconjunto de elementos que aparecem exatamente com esse grau. Uma classe existencial (por exemplo, a classe de todos os entes com grau p) é tipificada por um elemento que sintetiza esse estrato da aparição. O functor conecta, assim, a síntese transcendental e a síntese real: todo grau transcendental possui seu “elemento típico” e todo elemento típico se encontra ordenado em um espaço de envelopes, compatibilidades e localizações¹¹⁵. Por meio dele, o mundo é capaz de recontar incessantemente suas partes, refinando distinções, criando novos territórios de aparição e reinscrevendo na ontologia a lógica de seus próprios predicados.

Entretanto, objetos não apenas aparecem isoladamente; eles também se relacionam. Uma relação é um liame entre dois objetos (A, α) e (B, β) que conserva ou aumenta as identidades entre os elementos relacionados, jamais podendo reduzi-las. Por isso, toda relação é necessariamente conservadora: ela mantém os graus de existência e localizações e só pode ampliar o que um objeto tem em comum com outro¹¹⁶. A relação depende integralmente da consistência dos objetos a que se aplica, e jamais cria existências ou diferenças novas; apenas orienta um objeto na direção de outro, garantindo que suas identidades não diminuam. Dizendo de outro modo: a relação é um operador que se inscreve na lógica atômica do mundo, e, por isso, não pode violar a ordem onto-lógica nem as compatibilidades que estruturam os aparecentes¹¹⁷.

Desse modo, toda relação deve aparecer num mundo como um objeto exposto, isto é, deve ser vista por um terceiro objeto que apreende o liame entre os dois termos iniciais. Essa exigência não é opcional: se a relação aparece, ela aparece

¹¹⁴ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 267-275.

¹¹⁵ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 275-282, 305-312.

¹¹⁶ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 354-356.

¹¹⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 356-358.

para alguém ¹¹⁸. Mas essa primeira exposição é apenas parcial; para ser universalmente exposta, a relação deve ser apreendida por um expoente (U, u) tal que todo outro expoente mantenha com ele uma única relação. A lógica transcendental exige que todas as exposições se unifiquem num ponto de vista universal, garantindo que a relação apareça de maneira estruturalmente única para o mundo ¹¹⁹. A universalidade não é um ponto extramundano, pois isso romperia o fechamento ontológico, mas um efeito interno da completude lógica: a suposição necessária de que sempre há um envelope para qualquer relação exposta, ainda que esse envelope não seja isolável como um ente particular.

A completude lógica exige que toda relação possível esteja inscrita no mundo e que haja sempre um ponto de vista que unifique todas as aparições dessa relação. Em síntese, a completude lógica de um mundo implica que todo ponto de vista objetivo que exponha uma dada relação observa essa relação universalmente, isto é, refletindo seu olhar num ponto de vista que o constrange a manter uma única relação para com todos os outros expoentes dessa mesma relação. Isso vale para todas as relações entre dois objetos quaisquer de um dado mundo, pois cada relação aparece objetivamente de um modo único para os demais objetos. Consequentemente, cada objeto ocupa um ponto de vista único, constrangendo as relações mundanas, de modo que cada objeto aparece para todos os demais com uma intensidade de aparição que leve em conta o grau de todos os demais aparentes.

Se, porém, todo aparecer objetivo é constrangido pelas relações mundanas, mantendo-se a unicidade universal dos pontos de vista objetivos, isso quer dizer que a não aparição, que nada mais é que a aparição com grau mínimo de intensidade, também faz parte dessa rede de constrangimentos. Um objeto (A, α) só se relacionará com um objeto (B, β) na medida em que, do ponto de vista mundano (objetivo), ambos tenham algo em comum. Para tanto, é preciso que ambos os objetos existam nesse mundo, isto é, tenham um grau de aparição $p > \mu$. Tendo algum grau de intensidade de aparição, ambos os objetos mantêm uma relação única dentro da perspectiva mundana. Isso implica que a completude lógica dos mundos constrange o ser-múltiplo

¹¹⁸ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 329-333.

¹¹⁹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 333-338, 360.

a aparecer de um modo único, vedando a emergência do inexistente¹²⁰.

Do ponto de vista mundano, não há *nada* além do mundo; mas esse *nada* deve ser interpretado não como ausência absoluta, mas como o limite do aparecer, isto é, como o ponto no qual a lógica dos aparentes encontra seu próprio limite. Assim, ainda que o mundo seja completo, sendo capaz de fornecer um envelope para toda exposição e um grau de identidade para cada relação, essa completude repousa sobre aquilo que ele não apresenta: o não aparente que sustenta o gradiente de aparição, o vazio que torna pensável a ordem transcendental. E para se pensar esse limite não como mera negatividade, mas com um sentido afirmativo, é preciso deslocar o olhar do plano estritamente mundano para o plano do sujeito. É nesse plano que o limite do aparecer mundano pode ser conectado às verdades.

Conforme trazido na seção inicial deste trabalho, para Badiou, a filosofia tem como missão pensar o espaço de possibilidade das verdades. E as verdades, operacionalizadas pela sua categoria filosófica da Verdade, consistem nas irrupções do campo do saber¹²¹. Nesse sentido, a categoria filosófica da Verdade pode ser relacionada ao anverso e o limite do aparecer mundano, ou seja, aos inexistentes próprios dos objetos¹²². Com base nisso, o próximo capítulo busca pensar esse limite a partir do plano do sujeito, expondo de que modo é possível que haja mudanças reais, isto é, mudanças que são capazes de acarretar a incorporação de inexistentes verdadeiros a um mundo.

¹²⁰ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 326-338, 354-360; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 165-171, 174-177; DAWSON, Joshua A. Power Failure: Appearance and Change in Badiou's Logics of Worlds. *The Journal of Speculative Philosophy*, v. 38, n. 3, p. 248-259, 2024, p. 249-252.

¹²¹ BADIOU, Alain. *Conditions*. 1. ed. Éditions du Seuil : Paris, 1992, p. 65-69; BADIOU, Alain. *Manifeste pour la philosophie*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1989, p. 18-19.

¹²² BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 338-341, 360-362.

4 ORIENTAÇÃO SUBJETIVA EM UMA FENÔMENO-LÓGICA

O presente capítulo busca examinar como Alain Badiou articula as noções de mundo às noções de acontecimento, verdade e sujeito, ressaltando a forma pela qual tais categorias se entrelaçam na possibilidade de uma transformação real. Partindo da estrutura lógica do aparecer e de sua relativa estabilidade, Badiou mostra que todo mundo admite tanto variações internas previstas em sua consistência quanto rupturas radicais que irrompem sob a forma de acontecimentos. Essas irrupções fazem emergir o inexistente, reconfiguram o campo das identidades e instauram o processo que o filósofo denomina como verdade, que depende da ação orientada de um sujeito. Nesse ínterim, Badiou evidencia como a verdade se opõe à desorientação, fundando um horizonte ético no qual “viver” significa orientar-se pela irrupção de inexistentes verdadeiros.

Como visto anteriormente, o conceito de mundo em Badiou estrutura a lógica do aparecer do ser-múltiplo e de suas relações. Apesar de um mundo ser um todo consistente que conta a multiplicidade de uma certa maneira, a consistência universal dessa lógica mundana admite modificações, cujos tipos serão expostos na primeira seção. Existem certas alterações nos objetos e nas relações que não afetam a lógica mundana, sendo meras variações já previstas pelo transcendental de um mundo¹²³. Badiou, porém, distingue essas modificações das mudanças reais que podem acontecer em um mundo. Nos casos em que uma impossibilidade lógica tem lugar, buscando forçar uma transformação na própria lógica mundana, estamos diante de uma singularidade forte, ou um acontecimento¹²⁴. Ele faz emergir o inexistente próprio de um objeto, isto é, aquilo que não aparecia em um mundo, reordenando os aparentes e destruindo elementos que sustentavam sua ausência¹²⁵. Com isso, Badiou quer enfatizar como um mundo pode ser transformado pela irrupção de um acontecimento que não existe para a sua lógica.

Na segunda seção, será exposto que o devir do inexistente depende de uma

¹²³ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 383-391, 412-414.

¹²⁴ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 391-397, 415-418.

¹²⁵ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 360-362.

decisão não-objetiva que, embora autorizada pela ontologia e pela lógica, rompe com seus fechamentos formais. Na ontologia, isso se expressa pelo axioma da escolha, que permite reorganizar a ordem dos múltiplos e nomear o vazio, tornando possível a contagem de partes inexistentes¹²⁶. Na lógica, o mecanismo ocorre pelos conceitos de ponto e espaço topológico: o ponto funciona como um operador que reduz a multiplicidade dos graus de aparecimento a escolhas binárias, localizando uma verdade inexistente no interior de um mundo¹²⁷. A partir disso, os pontos podem positivar graus de aparecimento¹²⁸, formando conjuntos ativos que permitem discernir entre ser e aparecer, e, assim, dar corpo àquilo que não existe dentro de um mundo.

Na terceira seção, será exposta a categoria do sujeito, tanto enquanto trajeto aleatório de uma verdade quanto como incorporação de um inexistente. Como visto anteriormente, as verdades, na filosofia de Alain Badiou, têm a ver com as novidades que irrompem e reestruturam o saber. Isso quer dizer a uma verdade não se reduz à ontologia ou à lógica, mas surge como processo dinâmico, ligado a um acontecimento, que faz devir um inexistente¹²⁹. Porém, o surgimento de uma verdade em um mundo exige a figura do sujeito.

Ontologicamente, o sujeito é a parte finita de uma verdade infinita, conectando o acontecimento ao ser-múltiplo por meio de um processo aleatório. Nesse sentido, o processo subjetivo não se exerce a partir de um saber, mas por meio de uma condução aleatória de verificações que procuram determinar quais múltiplos da situação se conectam ao acontecimento¹³⁰. Logicamente, o sujeito é a incorporação local de uma verdade em um mundo, atribuindo consistência ao inexistente. Nesse sentido, quando um acontecimento ocorre, seu traço reconfigura as identidades mundanas, permitindo que elementos antes invisíveis sejam incorporados ao mundo, dando-se consistência às novidades¹³¹.

Na quarta seção, serão tecidas algumas considerações a respeito dos usos

¹²⁶ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 337-338.

¹²⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 431-436.

¹²⁸ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 437-440.

¹²⁹ BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. Tradução de Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodré. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 43-45.

¹³⁰ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 432-434.

¹³¹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 505-510.

da palavra “orientação”. Para tanto, partir-se-á da separação do sujeito em dois níveis: o material e o formal. No primeiro, o sujeito é inseparável da incorporação de um inexistente verdadeiro por meio das verificações aleatórias que o conectam ao seu aparecer; no segundo, o sujeito aparece como um sistema de operações que formaliza os efeitos desse corpo em um mundo¹³². Para dar conta desses efeitos, Badiou propõe três tipos formais de sujeito: o fiel, que afirma o traço do acontecimento e produz o presente verdadeiro; o reativo, que nega esse traço e extingue tal presente; e o obscuro, que o oculta ao subordiná-lo à ficção de um corpo pleno e indiviso. Esses três tipos articulam a produção, a negação e a ocultação de um presente verdadeiro, e permitem compreender como diferentes destinações subjetivas estruturam, em um mundo, o destino do inexistente¹³³. Essa teoria abre caminho para compreender como tais formas de subjetivação se relacionam com a questão da orientação, tanto em seu registro formal quanto em seu registro existencial.

Na fenômeno-lógica, a palavra “orientação” se relaciona aos tipos formais subjetivos, que, formalizando os efeitos de um corpo, remetem à destinação que um mundo confere ao inexistente que nele irrompe¹³⁴. Na ontologia, por sua vez, ela aparece como uma resposta possível ao problema do excesso, tal como explicitado pelas orientações construtível, genérica e dos grandes cardinais¹³⁵. Essa dupla inscrição formal, nos tipos de sujeito e nas orientações do pensamento, revela que cada processo de verdade provoca uma certa ordenação do múltiplo, que admite, rejeita ou dissimula transcendentemente o inexistente. No entanto, em sua ontologia, Badiou introduz ainda uma quarta orientação, transversal, que desloca o enfoque puramente ontológico da resolução do excesso para o plano do sujeito¹³⁶. Essa quarta orientação da ontologia, por sua vez, é análoga à incorporação subjetiva contida na fenômeno-lógica¹³⁷. Essa conotação transversal e incorporadora da orientação atribui densidade existencial a esta palavra, que pode, a partir disso, ser tomada como uma

¹³² BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 53-55.

¹³³ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 58-70.

¹³⁴ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 58-70.

¹³⁵ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 311-314.

¹³⁶ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 314-315.

¹³⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 53-55, 505-514.

categoria relacionada à prática subjetiva.

No início da quinta seção, a partir dessa articulação entre sujeito e orientação pode-se distinguir dois sentidos fundamentais do termo “orientação” na filosofia de Badiou. No primeiro, presente em *O ser e o acontecimento* e em *Lógicas dos mundos*, trata-se de um conceito estritamente formal que descreve como o pensamento enfrenta o excesso: no plano ontológico, pelas orientações construtível, genérica e dos grandes cardinais; no plano fenomenológico, pelos tipos formais de sujeito fiel, reativo e obscuro¹³⁸. No segundo sentido, que inclui a orientação transversal e a incorporação de um inexistente verdadeiro, trata-se de ocupar um ponto de vista capaz de discernir o ser e o aparecer de uma verdade, afirmando sua existência concreta¹³⁹. É nesse segundo sentido que emerge o problema da desorientação, que Badiou define como o estado que se instala quando um procedimento de verdade sofre uma derrota provisória, uma interrupção ou um obscurecimento.

Em *Notas sobre a desorientação do mundo*, esse fenômeno é analisado a partir de múltiplos exemplos: a confusão política dos Coletes Amarelos, as mobilizações heterogêneas contra o passe sanitário, a convergência contraditória entre tendências políticas incompatíveis, o colapso das funções universais do ensino, a submissão do feminismo ao Estado, a deriva identitária da laicidade, a transformação da ecologia em moralismo impotente e o retorno da ideologia burguesa que articula culto ao eu, figuras coletivas do Mal e identidades fictícias¹⁴⁰. Esses casos mostram que a desorientação resulta da neutralização subjetiva da diferença entre ser e aparecer de uma verdade, reduzindo a ação à negatividade imediata e promovendo um agir interior ao Estado, dependente de suas categorias e propenso ao identitarismo. A partir desse panorama badiouano sobre a desorientação, é possível chegar a três conclusões centrais: trata-se de um estado afetivo-prático que emerge da derrota das verdades, de um agir negativo interior ao Estado, e do efeito direto da ideologia burguesa. Nesse conjunto, a desorientação aparece como um fenômeno estrutural que obscurece qualquer orientação verdadeira e testemunha a ausência

¹³⁸ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 311-314; BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 58-70.

¹³⁹ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 314-315; BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 505-514.

¹⁴⁰ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 4-50.

operatória de procedimentos capazes de organizar o comum.

A partir desse diagnóstico, na sexta seção, a desorientação foi articulada à teoria badiouana do Mal desenvolvida em *A ética*. Para Badiou, o Bem consiste na integração subjetiva a um processo de verdade, que rompe a imanência da vida¹⁴¹. Com base nisso, o Mal deve ser tomado como uma possibilidade inerente a toda verdade e que se apresenta sob três figuras: o simulacro, a traição e o desastre. O simulacro toma uma particularidade existente como universal e produz um terror que destrói o que escapa à falsa verdade¹⁴². Já a traição rompe a ficção de indistinção entre interesses próprios e interesse-desinteressado, levando o animal humano a negar retroativamente o processo de verdade¹⁴³. O desastre, por sua vez, absolutiza a potência da verdade e tenta nomear o inominável, destruindo tanto a situação quanto o próprio processo¹⁴⁴.

Levando em conta essa teorização sobre o Mal, o conceito de orientação e o diagnóstico badiouano sobre a desorientação, concluímos que é possível estabelecer um paralelo entre os planos subjetivos contidos na *Ética*, em *O ser e o acontecimento* e em *Lógicas dos mundos*. Além disso, também concluímos que, a partir desse paralelo, é possível relacionar as figuras do Mal (da ética), o construtível e os grandes cardinais (da ontologia) e os sujeitos reativo e obscuro (da fenômeno-lógica) à desorientação. Com isso, pode-se arguir que, por mais que seus efeitos se deem no âmbito mundano, a desorientação não se encontra no mundo, mas no plano subjetivo que falha em conectar uma verdade ao ser-múltiplo.

Diante dessas articulações, torna-se possível compreender a desorientação como aquilo que se produz quando a conexão subjetiva ao inexistente falha, seja por negação, ocultação ou absolutização da verdade. A orientação depende da possibilidade de um sujeito fiel discernir o ser e o aparecer de uma verdade e incorporá-la ao mundo; já a desorientação consiste no bloqueio dessa possibilidade, reorganizando o excesso segundo lógicas que excluem ou neutralizam o inexistente. Assim, o problema da transformação real exige compreender não apenas a estrutura lógica dos mundos, mas, principalmente, a condução subjetiva de um processo de

¹⁴¹ BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 53-63.

¹⁴² BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 64-69.

¹⁴³ BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 69-71.

¹⁴⁴ BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 71-77.

verdade. Este capítulo, portanto, examinará como essa distinção entre orientação e desorientação permite esclarecer a categoria do viver em Badiou e seu vínculo essencial com a incorporação de inexistentes verdadeiros.

4.1 O DEVIR MUNDANO: ENTRE A MODIFICAÇÃO E A MUDANÇA

Por meio de seu conceito de mundo, Badiou consegue construir um espaço lógico capaz de discernir qualitativamente as intensidades de aparecimento que são ontologicamente dispostas, os objetos dessa lógica do aparecer e as relações entre objetos. No entanto, essa construção permanece, ainda, bastante estática, na medida em que se preocupa em estruturar os objetos e suas relações tal como estão dispostos em uma dada apreensão do aparecer das multiplicidades. É por essa razão que, após a apresentação de sua Grande Lógica, Badiou se preocupa com a dinâmica mundana, isto é, com o devir das multiplicidades que aparecem como objetos de um dado mundo. Nesse ínterim, o filósofo francês discrimina diferentes tipos de devir dos múltiplos de um mundo, conforme o grau das mudanças produzidas.

Em primeiro lugar, Badiou separa o devir das multiplicidades de um mundo entre aqueles que não trazem uma mudança real (as modificações) e aqueles que trazem uma mudança real (os sítios). A modificação não é uma mudança propriamente dita, mas o mero aparecer regrado das variações autorizadas pelo transcendental de um mundo. Suponha-se que haja uma torta de limão que seja objeto (A , $\mathbf{Id}$) em um mundo $\mathbf{m}$. Em relação ao seu sabor, essa torta tem como propriedade o predicado “ter sabor de limão”, que corresponde ao átomo $a(x)$, para $a \in A$ e $x \in A$. No entanto, entre todos os $x \in A$, pode-se discriminar outros sabores nessa torta, como o “sabor de biscoito doce” usado para fazer sua massa, que corresponde ao átomo $b(x)$, para $b \in A$. Como a e b não são idênticos, ou seja, como $\mathbf{Id}(a, b) \neq M$, então é possível discriminar outros ingredientes-múltiplos que já estão na torta a partir daquilo que se leva em conta no que diz respeito ao seu sabor. Em outras palavras, toda modificação já faz parte, de antemão, do mundo em que ocorre, sendo apenas a absorção transcendental de um devir constitutivo dos entes mundanos.

As modificações, portanto, são meras variações que acontecem dentro de um

mundo sem qualquer mudança real, já que as mudanças reais só acontecem quando se tem um sítio. Portanto, para que haja uma mudança real em um certo mundo, é preciso que exista um sítio nesse mundo. Para Badiou, um sítio (do francês *sité*) é um múltiplo que, ao mesmo tempo que aparece como objeto de um mundo, também conta a si próprio como elemento. Em outras palavras, em termos lógicos, um sítio convoca seu ser a aparecer dentro de sua própria composição múltipla, sendo o suporte de sua própria aparição. Em termos ontológicos, porém, um sítio é um conjunto paradoxal, já que, ao apresentar a si mesmo, ele pertence a si mesmo, o que é uma impossibilidade lógica para a teoria dos conjuntos, que proíbe a autopertença.

Assim, ontologicamente, um sítio é uma multiplicidade reflexiva (pertencente a si própria) que revela instantaneamente o vazio e que aparece tão somente para desaparecer. Ele pode ser formalizado a partir de um dos axiomas da teoria dos conjuntos, o axioma da fundação, que estabelece que qualquer conjunto não vazio possui ao menos um elemento que não compartilha elementos com o conjunto ao qual pertence. Badiou dá o nome de situação ordinária às situações em que todos os múltiplos são transitivos e normais, ou seja, estão organizados segundo uma determinada regra fundacional que estabelece uma ordem de pertença de todos os múltiplos dessa situação. Sendo todos os múltiplos apresentados de maneira regular e transitiva, de modo que cada múltiplo pertence a outro maior e não pertence a si próprio, essa estrutura garante que haja sempre um ponto de partida bem definido, a pertença minimal (ϵ -minimal), a partir da qual toda a ontologia se organiza.

Não apresentando nenhum múltiplo, a pertença minimal tem a forma do $\{\emptyset\}$, nomeando o vazio e transformando a pura inconsistência em algo extensional. Isso quer dizer que o múltiplo ϵ -minimal está na borda do vazio, sendo apresentado pela situação ordinária, mas não tendo nenhum conjunto em comum com os demais conjuntos dessa situação. Não havendo nada abaixo do vazio senão o próprio vazio, o axioma de fundação afirma que haveria sempre um múltiplo na borda do vazio que seria apresentado por um múltiplo ordinal qualquer diferente do nome do vazio. Em outras palavras, se o múltiplo A, que pertence ao múltiplo B, é um conjunto de B que não apresenta nenhum elemento, ele é naturalmente um elemento na borda do vazio, de tal modo que não haveria nenhum elemento comum entre os elementos de B e de A, o que pode ser escrito pela seguinte fórmula da intersecção ($\cap$), que afirma que a única coisa em comum entre os elementos de B e de A é $\emptyset$, ou seja, que essa

intersecção forma um conjunto vazio: $B \cap A = \emptyset$.

No entanto, a escolha de qual múltiplo está na borda do vazio, cumprindo o papel de ϵ -minimal de uma situação, não consiste em mera determinação objetiva, mas em uma escolha subjetiva cujos resultados podem ser objetivados por meio dos mecanismos formais da teoria dos conjuntos. Assim, retomando a perspectiva que vê as situações ontológicas como sendo historicamente produzidas, o múltiplo A , que, para a situação, não apresenta nenhum elemento, poderia ser contado como um sítio, isto é, um múltiplo paradoxal que apresenta a si próprio ($A \in A$), possuindo elementos singulares que não são apresentados pela situação ordinária. Isso implicaria que, havendo um A singular em A , a intersecção entre B e A seria não vazia ($B \cap A = A$). Desse modo, na medida em que o axioma da fundação proíbe a autopertença, essa situação em que A pertence a si mesmo seria uma impossibilidade ontológica, o que faz com que o sítio opere como a suspensão instantânea de uma proibição axiomática, suspensão esta em que o impossível pode devir. Essa efetivação do impossível, porém, só pode se dar em um mundo m , espaço em que o ser-múltiplo A faz sua aparição pela lógica do objeto (A, Id) que lhe toma como referente¹⁴⁵.

O sítio, portanto, também deve ser pensado a partir do desenvolvimento lógico intramundano de suas consequências, que são medidas pelo grau de existência do sítio e pelo grau de dependência que os entes afetados possuem em relação ao sítio. Para um objeto (A, Id), em que temos $x \in A$ e $y \in A$, Badiou argumenta que o elemento múltiplo x só *afeta realmente* o elemento múltiplo y se a dependência do grau de existência de y em relação ao de x for máxima, isto é, se $Ex \Rightarrow Ey = M$. Em outras palavras, para que um sítio afete realmente outros entes do objeto ao qual pertence, é preciso que tais entes dependam em grau máximo do sítio. Além disso, conforme as regras da relação de dependência vista acima, só há uma máxima dependência quando o grau de existência do ente afetado for maior que o do ente do qual depende, ou seja, quando $Ex \leq Ey$. Levando isso em conta, após ter separado o devir das multiplicidades mundanas em modificações e sítios, Badiou discrimina dois tipos de sítio: aqueles que não têm grau de existência máximo (fatos) e aqueles que têm grau

¹⁴⁵ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 377-382, 412-413; BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 193-212; SHAW, Ian G. R. Sites, truths and the logics of worlds: Alain Badiou and human geography. *Transactions of the Institute of British Geographers*, n. 35, p. 431-442, 2010, p. 437-439.

de existência máximo (singularidades).

Um fato é um sítio que não alcança o grau de existência máximo em um determinado mundo, não produzindo quaisquer consequências que não possam ser deduzidas de antemão a partir da lógica intramundana, razão pela qual todo fato é retroativamente regrado como mera modificação de um mundo. Retomando o sítio A do objeto (A, Id) do mundo m , em que $A \in A$, suponhamos que o grau de existência EA seja p , sendo que $p \neq M$. Para que A afete realmente um ente qualquer do objeto (A, Id) com grau de existência Ex , é preciso que este grau seja maximamente dependente do grau p , ou seja, $p \Rightarrow Ex = M$. Isso, contudo, requer que $p \leq Ex$, isto é, que $Ex \geq EA$, o que implica “que um simples fato só afeta realmente [...] os entes cuja intensidade de existência é maior que a sua”¹⁴⁶. Em outros termos, afetando apenas entes com um grau de aparição superior ao seu, o fato é um sítio que provoca modificações naquilo que já aparece em um dado objeto, inscrevendo o sítio como mera variação estrutural.

Diferentemente do fato, uma singularidade é um sítio com grau de aparição máximo. Supondo-se, pois, que o sítio $A \in A$ do objeto (A, Id) do mundo m seja uma singularidade, temos que $EA = M$. As singularidades, por sua vez, podem ser divididas em singularidades fracas ou fortes, de acordo com suas consequências. Uma singularidade fraca é aquela que afeta apenas aquilo que há de absoluto em um dado objeto, ou seja, aquilo que nele aparece com máxima intensidade, mantendo inalterada a lei lógica que permite deduzir essa afecção. Conforme a regra da afecção, para que o grau EA afete realmente o grau Ex , é preciso que Ex dependa do grau EA absolutamente ($EA \Rightarrow Ex = M$). A máxima dependência, porém, implica que $EA \leq Ex$; mas como, no caso da singularidade, $EA = M$, então $M \leq Ex$, o que quer dizer, por fim, que $Ex = M$. Isso significa que uma singularidade fraca afeta apenas os elementos com grau máximo de aparição em um objeto, ou seja, os elementos desse objeto que já aparecem absolutamente, não suscitando o devir de outros elementos. Tal qual o fato, portanto, também as consequências da singularidade fraca são absorvidas pelas modificações intramundanas¹⁴⁷.

¹⁴⁶ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 414, tradução nossa.

¹⁴⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 377-394, 411-414; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 179-191.

Para ilustrar a diferença entre um fato e uma singularidade fraca, tomemos como exemplos dois tipos distintos de episódios políticos que tiveram lugar no mundo da Nova República brasileira: de um lado, as manifestações *pró-impeachment* de Fernando Collor e de Dilma Rousseff, de outro, as manifestações de junho de 2013. As manifestações favoráveis ao *impeachment* dos presidentes Fernando Collor e de Dilma Rousseff possuíam uma intensidade de existência intermediária: enquanto as primeiras reuniam estudantes que se opunham à manutenção do mandato de Collor, as segundas reuniam pessoas favoráveis à Operação Lava-Jato que se opunham à manutenção do mandato de Dilma. Além disso, ambos os conjuntos de manifestações afetaram apenas os órgãos de cúpula do poder legislativo e judiciário, entes que detinham um grau de aparição intermediário no cenário político, mas mais elevado que o dos manifestantes. Por fim, na medida em que tanto a demanda dos carapintadas quanto a dos lavajatistas apenas interpelavam os poderes constituídos a tomarem providências legais para afastar os respectivos presidentes, elas podem ser tomadas como fatos cujas consequências redundam em meras modificações (o fim do mandato e a substituição do presidente pelo vice).

As Jornadas de Junho, por sua vez, obtiveram uma intensidade de existência máxima, na medida em que um grande número de pessoas de diferentes segmentos lotou as ruas das principais capitais. Essa ampla ocupação das ruas apareceu para todos os objetos do mundo da Nova República, envelopando absolutamente toda a extensão desse mundo: tanto os órgãos da política institucional quanto os partidos políticos, os coletivos, as comunidades, os sindicatos e os demais indivíduos que compunham esse mundo testemunharam a dimensão dessas manifestações. Porém, as manifestações de junho de 2013 afetaram apenas os elementos que já apareciam com grau máximo em seu objeto, dando mais visibilidade aos diferentes grupos e coletivos que dela fizeram parte. Desse modo, à medida que o conjunto de manifestações das Jornadas de Junho apenas alavancou a visibilidade de entes que já existiam na Nova República, ele pode ser tomado como uma singularidade fraca, tendo suas consequências sido apreendidas como simples modificações do decorrer natural da política.

Assim como a singularidade fraca, a singularidade forte também é um sítio que aparece com grau máximo em um mundo ($EA = M$). No entanto, diferentemente do que ocorre com a singularidade fraca, a consequência da singularidade forte não

consiste em afetar os elementos com grau máximo em um dado objeto, mas sim em fazer existir o inexistente próprio desse objeto que funciona como sítio singular. Em razão disso, a singularidade forte é um sítio acontecimental, isto é, um objeto em relação ao qual seu inexistente próprio é absolutamente dependente e que tem como consequência verdadeira de sua máxima intensidade a existência desse inexistente.

Badiou dá o nome de “inexistente próprio de um objeto” a todo elemento de seu múltiplo subjacente que possui grau mínimo de existência, não existindo em um dado mundo. Dado um múltiplo A do objeto (A, α) , existe um elemento $\emptyset_A$ cujo grau de existência seja mínimo em um determinado mundo, o que pode ser notado pela igualdade $E\emptyset_A = \delta(\emptyset_A, \emptyset_A) = \mu$. Esse elemento $\emptyset_A$ funciona como substrato real para a propriedade “ser o inexistente de (A, α) ”, de modo que, para todo $x \in A$, a identidade entre $\emptyset_A$ e x tem o mínimo valor de aparição (isto é: $\delta(\emptyset_A, x)$), o que faz com que $\emptyset_A$ seja a base múltipla do átomo $\emptyset_A(x) = \mu$, que prescreve essa propriedade. Além disso, na relação do objeto (A, α) para com o objeto (B, β) , o elemento $\emptyset_A$ tem seu correspondente no elemento $\emptyset_B$, isto é, no inexistente de (B, β) , razão pela qual a relação conserva os inexistentes próprios dos objetos, mantendo seu grau de existência mínimo ($E\emptyset_A = E\emptyset_B = \mu$).

A ideia do inexistente próprio *de um* objeto é mostrar que a não existência tem uma relação direta com o mundo: algo só não existe em relação a tudo aquilo que aparece em um dado mundo. Com essa formulação filosófica, Badiou resolve o problema, levantando por Peter Hallward, de que não haveria um espaço para o conceito do específico em uma ontologia fundada apenas no vazio¹⁴⁸. A resposta de Badiou a esse problema consiste em apontar que, de fato, como a ontologia opõe ao vazio toda conta-por-um, ela não é capaz de apresentar um vazio específico, mas apenas o vazio enquanto tal. A apreensão de um vazio específico depende da redução lógica do ser-múltiplo a um determinado mundo, mundo este que, fazendo com que o ser apareça objetivamente por meio da predicação, omite a existência de parte do ser-múltiplo, que pode ser apreendida como o inexistente próprio de um dado objeto, ou seja, aquilo que deixa de aparecer em função da predicação desse objeto¹⁴⁹.

¹⁴⁸ HALLWARD, Peter. Generic Sovereignty: The philosophy of Alain Badiou. *Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities*, v. 3, n. 3, p. 87-111, 1998, p. 104-106.

¹⁴⁹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 338-341, 360-362; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 171-174.

Assim, o inexistente próprio de um objeto (A, Id) qualquer é simbolizado por $\emptyset_A$, sendo nulo seu valor existencial ($E\emptyset_A = \mu$). Se esse objeto, porém, é um sítio que afeta realmente esse inexistente, isso quer dizer que há uma máxima dependência do inexistente em relação à singularidade que lhe situa, ou seja, $EA \Rightarrow E\emptyset_A = M$. Contudo, como essa dependência requer que o grau de aparição do sítio seja menor que o do inexistente ($EA \leq E\emptyset_A$), e como, além disso, temos que $EA = M$ e que $E\emptyset_A = \mu$, o devir do inexistente próprio de um objeto a partir da singularidade implica que $M \leq \mu$, o que é uma impossibilidade lógica.

Diante dessa impossibilidade, é possível que a inequação $EA \leq E\emptyset_A$ seja satisfeita anulando-se a existência do sítio ($EA = \mu$), tomando-o como mero fato e reduzindo suas consequências a modificações intramundanas. Pode-se, também, a fim de satisfazer essa inequação, impedir o devir do inexistente, considerando-se apenas os $Ex = M$ da fórmula $EA \Rightarrow Ex = M$ e, assim, enfraquecer o caráter acontecimental dessa singularidade. Porém, o ponto de inflexão que permite o devir do inexistente próprio de um objeto consiste na *absolutização existencial desse inexistente*, isto é, em se avaliar o inexistente de um objeto não mais como aquilo que não aparece em um dado objeto ($E\emptyset_A = \mu$), mas como aquilo que uma singularidade faz aparecer com máxima intensidade ($E\emptyset_A = M$), satisfazendo-se a fórmula $EA \Rightarrow E\emptyset_A = M$.

Da aparição acontecimental do inexistente, que passa de $E\emptyset_A = \mu$ para $E\emptyset_A = M$, decorre, porém, a destruição de um elemento do objeto, que passa a ocupar a posição de inexistente próprio desse objeto. Dentro de sua lógica do aparecer, Badiou define a destruição (ou morte) de um elemento como a passagem de um grau de aparição qualquer para o grau mínimo de aparição. Se, após $E\emptyset_A = \mu$ passar para $E\emptyset_A = M$, o elemento $\delta = p$, que exercia algum papel estrutural na conservação da inexistência do elemento $E\emptyset_A$, já não tem qualquer função, ele é destruído, tendo sua intensidade de aparição anulada ($\delta = \mu$) e passando a ocupar a posição do inexistente $\emptyset_A$. É por essa razão que a singularidade forte é também definida como um acontecimento, isto é, um instante atemporal e evanescente que separa “o estado anterior de um objeto (o sítio) e seu estado consecutivo”¹⁵⁰. Ao possibilitar a existência

¹⁵⁰ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 407, tradução nossa.

do inexistente, uma singularidade forte promove a destruição (ou anula a aparição) dos elementos que contradizem o devir desse inexistente, reordenando os aparecentes¹⁵¹.

4.2 A DECISÃO DE SE LOCALIZAR UM INEXISTENTE VERDADEIRO

No capítulo anterior, foram apresentados os aspectos gerais do devir de um inexistente, mostrando-se de que modo a ontologia e a lógica formalizam o aparecer daquilo que não existe. Como visto acima, esse aparecer no inexistente se apoia, primeiramente, em um paradoxo: na constatação de que o referente múltiplo de um dado objeto não apenas está na borda do vazio, como que ele também conta a si mesmo como elemento, pertencendo a si próprio e burlando a ontologia. Além disso, é preciso que esse objeto apareça com grau máximo em um dado mundo e também acarrete a absolutização existencial do inexistente, conferindo-lhe grau máximo pela regra da dependência. Contudo, sendo a ontologia e a lógica sistemas objetivamente fechados que evitam os paradoxos pelas próprias leis, é preciso que haja uma decisão não-objetiva que tome um objeto e seu múltiplo referente como um sítio onde se pode operar o devir do inexistente. Essa decisão, por sua vez, deve se dar por meio dos componentes formais da ontologia e da lógica que a autorizam.

Para a ontologia, a decisão sobre qual múltiplo funciona como ϵ -minimal e determina a ordem de sucessão da situação é formalizada pelo axioma da escolha da teoria dos conjuntos. Este axioma reconhece que, dentro de todo múltiplo, há uma

¹⁵¹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 394-401, 414-418; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 191-199; BUTTELLI, Felipe Gustavo K.; LE BRUYNS, Clint. Theology in Public Space and Social Movements: Notes from Alain Badiou's Concept of Event. *Open Theology*, n.4, p. 295-406, 2018, p. 403-404; BASSETT, Keith. Thinking the event: Badiou's philosophy of the event and the example of the Paris Commune. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 26, p. 895-910, 2008, p. 900-906; SOTIRIS, Panagiotis. Beyond Simple Fidelity to the Event: The Limits of Alain Badiou's Ontology. *Historical Materialism*, v. 19, n. 2, p. 35-59, 2011, p. 50-56. J. D. Drewsbury define o acontecimento como um momento interruptivo do "pensar a política"; sobre isso, conferir DREWSBURY, J. D. Unthinking subjects: Alain Badiou and the event of thought in thinking politics. *Transactions of the Institute of British Geographers*, New Series, v. 32, n. 4, p. 443-459, 2007, p. 452. Para uma crítica deleuziana ao conceito de acontecimento em Badiou, conferir ADKINS, Brent. Deleuze and Badiou on the Nature of Events. *Philosophy Compass*, n. 7/8, p. 507-516, 2012, p. 510-512.

função que pode ser exercida por elementos que não eram previamente contados como partes dessa situação. Em outros termos, o axioma da escolha estabelece a possibilidade de uma nova maneira de se organizar os ordinais de um conjunto, atribuindo a ϵ -minimal a uma função que pode reorganizar os múltiplos de uma dada situação¹⁵². Por exemplo, dentro de um conjunto A cuja pertença minimal seja B, pode ser determinada uma nova forma de reorganização dos conjuntos que tenha como minimal o múltiplo C, de modo que a função f dessa nova ordem pertença a C e que C pertença a B, o que se escreve: $(\forall A) (\exists B) (\exists C) (\exists f(C)) / B \in A \ \& \ f(C) \in C \ \& \ C \in B$. Em síntese, o axioma da escolha autoriza a conta-por-um de partes inexistentes e, com isso, um rearranjo da ordem do ser-múltiplo por meio da nomeação do vazio.

Para a lógica, a decisão a respeito da positivação (ou não) de cada grau transcendental e de sua indexação nas diferentes partes do ser-múltiplo é formalizada pelos conceitos de “ponto” e de “espaço topológico”. Dentro da lógica mundana, um ponto é um operador topológico que possibilita localizar um corpo no transcendental de um mundo. Operando como uma ponte entre o objetivo e o subjetivo (mas ainda no limiar do objetivo), um ponto é uma investigação do transcendental de um mundo, investigação esta que abre a possibilidade para que uma verdade apareça nesse mundo. Em outros termos, é por meio do ponto que um elemento verdadeiro, mas inexistente em dado mundo, pode ser incorporado a esse mundo, conectando-se a formalização objetiva do aparecer de um inexistente com a decisão subjetiva de que esse inexistente é verdadeiro.

Um ponto, portanto, põe à prova o transcendental de um mundo, reduzindo cada um dos múltiplos transcendentalmente indexados à instância do dois, isto é, à decisão a respeito da positivação ou não do aparecer de uma verdade através desse múltiplo. Para que haja ponto em um mundo, esse mundo deve ser tensionado em alguma medida: isso quer dizer que é preciso que haja ao menos um grau de aparição

¹⁵² A aceitação ou não do axioma da escolha como parte da teoria axiomática dos conjuntos é um dos grandes impasses da história dessa ciência. Alguns matemáticos rejeitam esse axioma, demonstrando sua inconsistência em relação ao restante da teoria, enquanto outros o aceitam, provando que o axioma da escolha é independente dos demais, de modo que a teoria mantém sua consistência com ou sem a utilização desse axioma. Uma das teorizações mais marcáveis a esse respeito é a de Kurt Gödel que, sem rejeitar o axioma da escolha, o reduz a mero teorema dedutível a partir dos demais axiomas, limitando o caráter interveniente da escolha e sua importância na emergência das novidades no interior da teoria dos conjuntos. A esse respeito, conferir BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 337-338; BADIOU, Alain. *Le concept de modèle*. 1. ed. Paris: François Maspero, 1969, p. 63-64.

além do mínimo. Caso o mundo em questão só apresente uma uníssonas intensidade em seu aparecer, não havendo nem uma diferenciação entre mínimo e máximo, trata-se de um mundo átono, isto é, um mundo sem pontos, que não aceita qualquer decisão diferencial concernente ao seu transcendental¹⁵³. Por meio do ponto, pode-se decidir sobre o “sim” ou “não” de uma exposição mundana, de modo que os pontos concentram a infinidade múltipla em uma série de escolhas binárias. Com isso, o ponto consegue localizar o procedimento de uma verdade em um acontecimento, permitindo que essa verdade apareça como aquilo que até então não existia no mundo.

Algebricamente, um ponto é uma função que associa um valor mínimo ou máximo a todo grau de aparecimento de um mundo. Assim, as intensidades do aparecer do transcendental mundano são projetadas em um outro transcendental (um transcendental clássico, ou binário), que reduz o aparecer das intensidades objetivas à sua capacidade de poderem ou não fazer aparecer uma verdade. Colocando à prova a capacidade dos entes acerca de propiciarem ou não o aparecer de uma verdade, o ponto exige que os entes respondam se “sim” ou se “não” a respeito dessa sua possível capacidade. No entanto, essa redução binária não afeta, as operações transcendentais da conjunção e do envelope. Supondo-se a existência de um transcendental T qualquer, um ponto de T é uma função homomórfica φ , ou um homomorfismo, isto é, uma redução dos graus de T a um transcendental T' que conserva as conjunções e os envelopes de T , mantendo a ordem gradativa. Além disso, essa função homomórfica deve ser sobrejetiva, o que quer dizer que cada grau de T' deve corresponder a ao menos um grau do transcendental inicial T .

Como o ponto separa as partes do transcendental entre aquelas pelas quais pode passar uma verdade e aquelas por onde essa verdade não pode passar, é preciso que esse transcendental T' tenha apenas dois valores, um mínimo e um máximo. Como a função homomórfica mantém a ordem dos graus de T , os graus mínimo e máximo em T correspondem aos graus mínimo e máximo em T' . Ademais, deve haver ao menos um $p \in T$ que corresponda ao valor máximo em T' ($\varphi(p) = M$) e ao menos um $q \in T$ que corresponda ao valor mínimo em T' ($\varphi(q) = \mu$). Isso porque se a totalidade de T for projetada com grau máximo ou mínimo em T' , não haveria

¹⁵³ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 442-446, 466-470; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 207-211.

separação e, portanto, também não se poderia falar em ponto. Em síntese, da perspectiva algébrica, um ponto de T é uma projeção homomórfica sobrejetiva de T sobre T_0 , em que T_0 é um transcendental binário do tipo $\{0, 1\}$, com apenas um valor mínimo e um valor máximo¹⁵⁴.

Topologicamente, um ponto localiza o aparecer de uma verdade, isto é, ele concentra esse aparecer em algum lugar do mundo. Em outras palavras, um ponto é o índice de uma decisão do pensamento que localiza aquilo que está entre o ser e seu aparecer, situando o aparecer de um múltiplo no interior de outro. Na medida em que o ponto de vista topológico se assenta na localização aparente do ser-múltiplo, um espaço lógico pode ser caracterizado como topológico se se puder distinguir entre um subconjunto (uma parte) do múltiplo referencial e o interior desse subconjunto.

Tomando-se como exemplo um múltiplo referencial A que contém os múltiplos B e C como partes, e notando-se o interior de um múltiplo x por $\text{Int}(x)$, um espaço topológico obedece a quatro regras axiomáticas: (1) o interior do múltiplo referencial é o próprio múltiplo referencial ($\text{Int}(A) = A$); (2) o interior de uma parte desse múltiplo está incluso nessa parte ($\text{Int}(B) \subseteq B$); (3) o interior da conjunção de duas partes é a conjunção de seus interiores ($\text{Int}(B \cap C) = \text{Int}(B) \cap \text{Int}(C)$); e, por fim, (4) o interior do interior de uma parte é o interior dessa parte ($\text{Int}(\text{Int}(B)) = \text{Int}(B)$). A grande contribuição que a perspectiva topológica oferece para a álgebra dos pontos é a possibilidade de se distinguir, em uma parte qualquer de um espaço referencial, o interior dessa parte de seu ser-múltiplo, de modo que $\text{Int}(B) \neq B$. Assim, como localizar x no interior do ser-múltiplo $B \subseteq A$ não implica que x pertença a B , a localização topológica de x no interior do ser-múltiplo B não requer a pertença ontológica de x ao múltiplo B . Em outras palavras, é possível localizar algo que não existe nas partes daquilo que já existe em determinado mundo.

Como o ponto é, ao mesmo tempo, uma função que projeta o transcendental em um transcendental binário e uma potência de localização de um múltiplo no interior de outro, dele pode resultar a positivação de um grau transcendental. Esse processo consiste em associar um ponto a cada múltiplo transcendentemente indexado, questionando se esse ente é “bom” ou “ruim” para se conectar a elementos de um

¹⁵⁴ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 421-431, 459-462; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 211-214.

procedimento de verdade. Com isso, é possível discriminar todos os pontos em que cada grau e os respectivos múltiplos indexados são propícios para incorporar um inexistente verdadeiro e, assim, localizá-lo no interior de suas partes múltiplas. Se um ponto atribui a ao menos um grau de intensidade um valor positivo para uma certa verdade, este ponto faz parte da positivação desse grau, de modo que o conjunto de pontos positivos de um determinado grau consiste na positivação desse mesmo grau.

Se, para o transcendental T , denominamos como $\pi(T)$ o conjunto de todos os pontos de T , existe um conjunto $P_p \subseteq \pi(T)$ que compreende os pontos que dão um valor positivo (em relação a uma certa verdade) a um grau p qualquer, de modo que o conjunto P_p chama-se “positivação de p ”. Na medida em que P_p é uma parte de $\pi(T)$, se tomarmos $\pi(T)$ como um espaço topológico referencial, temos que $\text{Int}(P_p) \neq P_p$, isto é, que o interior topológico do conjunto dos entes de intensidade p que podem fazer aparecer um inexistente verdadeiro é diferente desse mesmo conjunto. Em outras palavras, isso quer dizer que é possível localizar um inexistente verdadeiro no interior do conjunto de alguns múltiplos que aparecem com grau p (ou seja, no interior do conjunto dos entes de grau p que podem fazer aparecer esse inexistente). Com base nisso, Badiou define o subconjunto de todas as positivações P de um conjunto de pontos $\pi(T)$ como a parte ativa desse conjunto, isto é, a reunião de todas as positivações do grupo em questão. E é no interior dessa parte que se pode localizar (e, portanto, fazer aparecer) um inexistente verdadeiro.

Assim, um conjunto ativo de pontos é uma decisão que afirma que é possível discernir, no interior de uma parte do ser-múltiplo, seu ser de seu aparecer. A distinção entre ser e aparecer é indiscernível do ponto de vista lógico-objetivo, para o qual o ser consiste em tudo aquilo que aparece. Uma decisão verdadeira, porém, pode afirmar que há algo no interior do ser-múltiplo que não aparece, isto é, um elemento múltiplo cuja aparição foi anulada em um dado mundo. Desse modo, um conjunto ativo de pontos é a decisão de que se pode discernir, no interior desse conjunto, a existência de elementos que não aparecem dentro da lógica de um determinado mundo¹⁵⁵.

¹⁵⁵ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 431-442, 462-465; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021; p. 214; BADIOU, Alain. *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*. Séminaire public d'Alain Badiou. Paris, 2005-2006. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/05-06.2.htm>. Acesso em 19 jan. 2025.

4.3 VERDADE E SUJEITO: TRAJETO E INCORPORAÇÃO

Apesar de a possibilidade da decisão ser formalizada tanto pela ontologia quanto pela lógica, a decisão propriamente dita parte de fora do sistema onto-lógico, assentando-se, fundamentalmente, em uma verdade. Como visto anteriormente, uma verdade é um procedimento em que são agrupadas as novidades de um certo pensamento. Mas como, para Badiou, todo pensamento se dá em uma contínua dialética entre suas ideias e a base material a partir da qual se formam essas ideias, toda verdade é aberta às “novas novidades” que podem aparecer. É por essa razão que o filósofo francês descreve as verdades como “universais” ou “eternas”: uma verdade é eterna não por configurar um conjunto de regras absolutas, mas por manter sempre aberta a possibilidade do devir de uma novidade do pensamento ao qual ela subjaz¹⁵⁶.

A verdade, portanto, é um processo dinâmico que diz respeito ao devir das novidades do pensamento. Mas na medida em que uma verdade é um agrupamento das novidades de um pensamento, o primeiro passo para se compreender esse conceito é apreendê-la estaticamente. A partir de sua ontologia conjuntista, Badiou define uma verdade como um conjunto infinito que apresenta uma infinidade de modos de se rearranjar os elementos de uma dada situação. Uma verdade de uma situação ordinária é um conjunto infinito indiscernível, na medida em que seu grau de infinitude está entre o da situação ordinária (ω_0) e de sua metaestrutura ($\mathbf{P}(\omega_0)$). Esse “grau de infinitude” consiste na “classe de grandeza”, ou cardinalidade, de cada um desses dois conjuntos infinitos¹⁵⁷. Consequentemente, uma verdade, por levar em conta partes

¹⁵⁶ A questão da “universalidade” da verdade é um dos temas que fazem parte do debate entre Badiou e Agamben a respeito do apóstolo Paulo de Tarso. Enquanto Badiou defende que o gesto paulino consiste na fidelidade a uma verdade universal, Agamben rejeita toda universalidade em Paulo. Apesar disso, ambos concordam que é possível derivar uma certa formalização da novidade das epístolas paulinas. Sobre isso, conferir BADIOU, Alain. *São Paulo: a fundação do universalismo*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 115-124; AGAMBEN, Giorgio. *O tempo que resta: Um comentário à carta aos Romanos*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 59-74; BAKER, Gideon. The Revolution Is Dissent: Reconciling Agamben and Badiou on Paul. *Political Theory*, v. 41, n. 2, p. 312-335, 2013, p. 316-324; BELL JR., Daniel M. Badiou's Faith and Paul's Gospel. *Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities*, v. 12, n. 1, p. 97-111, 2007, p. 98-100.

¹⁵⁷ Se uma determinada situação ordinária possui uma infinidade de elementos que são estruturados de forma ordenada, trata-se de um múltiplo infinito, posto que, apesar de ordenado, sua amplitude é incomensurável. A metaestrutura dessa situação infinita, por sua vez, terá um grau de infinitude ainda maior, já que além dos elementos apresentados pela situação, a metaestrutura também apresenta todas as demais possibilidades de ordenação desses elementos. Em outros termos, se uma situação

que não são contadas por uma dada situação infinita (isto é, por contar-por-um certos subconjuntos dessa situação, rearranjando seus elementos), contém elementos que não são apresentados por essa situação ordinária¹⁵⁸.

Vistos da perspectiva de uma situação ordinária, esses elementos são indiscerníveis, sendo anulados como inexistentes e contados como $\emptyset$ ¹⁵⁹. Da mesma forma, do ponto de vista da lógica mundana, os múltiplos indiscerníveis de uma verdade não existem em nenhum objeto, não aparecendo no mundo. No entanto, um dos enunciados da dialética materialista¹⁶⁰ de Badiou é aquele segundo o qual “existem corpos e linguagens, exceto que existem verdades”¹⁶¹. O ponto desse enunciado é mostrar que, ao lado da consistência lógico-corporal de um mundo, há verdades, e seu aparecer mundano é excepcional. Por mais que seja eterna e transmundana, uma verdade só existe *em determinado mundo*, como exceção que compreende as partes que podem vir a aparecer nesse mundo.

Não há, pois, uma verdade de todas as verdades: toda verdade é localizada em um determinado mundo, englobando as partes que o excedem. É por essa razão que, abrangendo as novidades que podem irromper em um mundo como algo inconsistente, os processos de verdade que subjazem à fenômeno-lógica de um mundo asseguram sua consistência lógica, bem como a indiferença mundana a toda modificação. Desse modo, do ponto de vista da dialética materialista de Badiou, as verdades de um atribuem consistência a toda ruptura do pensamento que faça devir um inexistente verdadeiro¹⁶².

A apreensão da verdade como um conjunto estático ajuda a visualizar o fato

múltipla A tem um grau de infinitude ω_0 , sua metaestrutura consiste no conjunto potência $\mathbf{P}(\omega_0)$, muito maior e mais indeterminado que o primeiro.

¹⁵⁸ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 395-425.

¹⁵⁹ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 193-265, 361-425.

¹⁶⁰ Em textos da década de 1960, pode-se perceber a presença massiva do vocábulo “materialismo dialético” nos textos de Badiou, que deriva de sua herança althusseriana. Porém, a expressão já havia sido usada por outros autores, como Stalin. Em razão disso, em *Lógica dos mundos*, Badiou decide inverter esse vocábulo, sob o argumento de querer se proteger de eventuais acusações de arcaísmo. Sobre isso, conferir BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 11-12.

¹⁶¹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 53. Sobre isso, conferir WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 32-33.

¹⁶² BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 53-58; BADIOU, Alain. *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*. Séminaire public d'Alain Badiou. Paris, 2005-2006. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/05-06.2.htm>. Acesso em 19 jan. 2025.

de que uma verdade inclui elementos que não existem para o pensamento, ou seja, que alguns elementos verdadeiros podem vir a aparecer para esse pensamento. Isso quer dizer que, sendo apreendida em seu dinamismo, a verdade pode ser pensada como uma novidade que aparece, ou melhor, como seu próprio processo de aparição para o pensamento. Esse processo de aparição de uma verdadeira novidade para o pensamento é mobilizado, primeiramente, por um acontecimento, isto é, por um sítio que funciona como uma singularidade que possibilite o devir de um inexistente¹⁶³. A existência desse acontecimento depende, antes de tudo, de uma decisão verdadeira, ou seja, de uma aposta de que há um acontecimento (ou um paradoxo) no mundo. Em outras palavras, essa aposta é a decisão de que um conjunto de múltiplos que aparecem objetivamente é um sítio acontecimental, posto que algo de novo pode surgir no interior desse conjunto.

Essa decisão, por sua vez, corresponde à categoria badiouana do *sujeito*. Em *Teoria do sujeito*, de 1982, Badiou inscreve sua categoria de sujeito dentro de uma dialética entre a força subjetiva do *esplace* e a força subjetiva do *horlieu*. O *esplace*, neologismo formado por *espace* (espaço) e *place* (local), representa o espaço estatal que localiza seus elementos internos. Ou seja, trata-se do espaço de localização (*espace de placement*) daquilo que lhe é incluso. O *horlieu*, por sua vez, neologismo formado por *hors* (fora) e *lieu* (lugar), representa o elemento sem lugar, isto é, aquilo de externo a um *esplace*. Assim, um termo qualquer A_p consistiria do ser puro e sem lugar A (*horlieu*) e do lugar P em que se insere (*esplace*), podendo ser apreendido tanto como “sem lugar” (A) quanto como “localizado” (A_p)¹⁶⁴.

Se existe uma contradição histórica entre um *esplace* e um *horlieu*, isso quer dizer que há um jogo de forças entre ambos: uma rejeição do elemento excluído pelo espaço de localização e uma busca de inclusão por parte do elemento excluído¹⁶⁵. Badiou denomina como *subjetivos* os processos que dizem respeito à concentração qualitativa da força, isto é, os fenômenos históricos reais em que a força se manifesta puramente, fora de qualquer localização, compondo uma contradição forte. Os processos *objetivos*, por sua vez, são aqueles em que a força é localizada (*placée*) e,

¹⁶³ BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. Tradução de Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodré. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 43-45.

¹⁶⁴ BADIOU, Alain. *Théorie du sujet*. 1. ed. Paris : Éditions du Seuil, 1982, p. 23-30.

¹⁶⁵ BADIOU, Alain. *Théorie du sujet*. 1. ed. Paris : Éditions du Seuil, 1982, p. 47-52.

portanto, impura, de tal modo que compõem contradições fracas. No âmbito na política, enquanto estes se caracterizam pela oposição entre controle estatal e revoltas, aqueles tem como base a política de classe no interior do povo¹⁶⁶.

É no *horlieu* dos processos subjetivos que Badiou insere a figura do sujeito, que exerceria uma força pura contra o subjetivo de um *esplace*. O sujeito é aquilo que permite a passagem da contradição forte para a contradição fraca, isto é, a atomização do puro vazio da oposição subjetiva, ou a apreensão do vazio como átomo, que dá legibilidade à contradição forte¹⁶⁷. Ele força, portanto, a desapareição da separação entre vazio e átomo, para que a contradição possa adquirir existência¹⁶⁸.

Essa força, que o sujeito exerce sobre a falta (isto é, sobre a separação entre vazio e átomo, que conserva a repetição), é também uma força que busca inscrever a falta do *horlieu* no *esplace*, forçando sua não-repetição. É por essa razão que, em Teoria do Sujeito, Badiou define o sujeito com base nesse seu caráter interruptivo, que tem a forma de uma destruição do *esplace*¹⁶⁹. Essa sua concepção, porém, mudou no decorrer de seus livros, como afirma o próprio autor em um texto de 1999:

É preciso, no entanto, discernir duas orientações. A que, assumindo a destruição como tal, engaja-se no indefinido da depuração. E a que tenta *medir* a inelutável negatividade que chamaria de “subtrativa”. [...] Sou tão mais sensível ao conflito dessas duas orientações quanto tenho a esse respeito uma trajetória pessoal. Em *Théorie du sujet*, de 1982, uma parte inteira de chama “Falta de destruição”. Eu me abrigava na época por detrás de um enunciado de Mallarmé totalmente profético que é: “A destruição foi minha Beatriz”. Em *O ser e o acontecimento*, de 1988, faço autocrítica explícita quanto a esse ponto e mostro que um pensamento subtrativo da negatividade pode superar o imperativo cego da destruição e da depuração.¹⁷⁰

Portanto, em *O ser e o acontecimento*, Badiou deixa de lado o caráter destrutivo do subjetivo, desenvolvendo seu texto em torno de seu caráter subtrativo, isto é, como aquilo que se conecta ao plano subtrativo do ser-múltiplo. Em termos ontológicos, Badiou define o sujeito como uma parte finita de uma verdade infinita, parte esta que consiste na condução, por meio de um trajeto aleatório, das verificações de quais múltiplos de uma situação se conectam a um acontecimento,

¹⁶⁶ BADIOU, Alain. *Théorie du sujet*. 1. ed. Paris : Éditions du Seuil, 1982, p. 55-62.

¹⁶⁷ BADIOU, Alain. *Théorie du sujet*. 1. ed. Paris : Éditions du Seuil, 1982, p. 71-82.

¹⁶⁸ BADIOU, Alain. *Théorie du sujet*. 1. ed. Paris : Éditions du Seuil, 1982, p. 87-90.

¹⁶⁹ BADIOU, Alain. *Théorie du sujet*. 1. ed. Paris : Éditions du Seuil, 1982, p. 158-162.

¹⁷⁰ BADIOU, Alain. *O século*. Tradução de Carlos Felício da Silveira. 1. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2007, p. 91-92.

possibilitando o aparecer de uma verdade (da qual o sujeito é parte) em seu interior¹⁷¹. O sujeito é, portanto, a trajetória de uma verdade, sendo importante, porém, apontar o caráter aleatório dessa condução subjetiva: apesar de o sujeito ser uma parte finita de uma verdade infinita, ele não conhece essa verdade, que o transcende. Assim, um sujeito apenas “crê que exista uma verdade, e esta crença tem a forma de um saber”¹⁷², ao qual Badiou dá o nome de *confiança*.

A confiança deriva do fato de que todo sujeito gera suas próprias nomeações, produzindo novidades a partir da verificação daquelas partes da situação que se conectam a um acontecimento¹⁷³. A lei fundamental do sujeito é a lei do forçamento, que diz que se um múltiplo força um enunciado verídico até então inexistente, ele pertence ao conjunto de uma verdade. Em outras palavras, ao ser encontrado pela trajetória investigativa aleatória do sujeito, esse termo mostrou-se conexo ao acontecimento, forçando uma nova enunciação situacional¹⁷⁴. Mas essa enunciação não ocorre por meio da linguagem da situação, mas do próprio plano subjetivo, plano este que manifestaria, por meio de seu trajeto aleatório, uma língua própria (uma “língua-sujeito”):

Assim, é preciso admitir que, além da linguagem da situação objetiva, que permite a comunicação das opiniões, existe uma *língua-sujeito* (língua da situação subjetiva), que permite a inscrição de uma verdade.¹⁷⁵

Com efeito, o sentido de uma língua-sujeito está *sob condição*. Forçado a se referir apenas àquilo que a situação apresenta, porém, ligado ao futuro possível [*futur antérieur*] da existência de uma indiscernível, um enunciado que compõe os nomes da língua-sujeito só possui um valor significante hipotético. [...] Pode-se, portanto, dizer: tal enunciado da língua-sujeito terá sido verídico, se a verdade é tal ou tal.¹⁷⁶

À medida que nomeia o vazio, o sujeito consiste em uma escolha a respeito do acontecimento. Trata-se, porém, de uma escolha e de uma nomeação anônimas, não havendo um nome próprio necessário que vincule o acontecimento ao ser. De

¹⁷¹ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 432-434.

¹⁷² BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 435, tradução nossa.

¹⁷³ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 435-438.

¹⁷⁴ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 439-440; HALLWARD, Peter. Generic Sovereignty: The philosophy of Alain Badiou. *Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities*, v. 3, n. 3, p. 87-111, 1998, p. 93-96.

¹⁷⁵ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 73, tradução nossa.

¹⁷⁶ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 438-439, tradução nossa.

acordo com Norman Madarasz, isso se dá em razão da forte tendência coletiva da teoria da escolha de Badiou: não se pode determinar, antes de um acontecimento e por meio de figuras típicas já conhecidas que buscam unificar o múltiplo, o que desencadeia um acontecimento¹⁷⁷. A nomeação subjetiva ocorre apenas após um acontecimento, nomeando anonimamente o trajeto de uma verdade.

A categoria badiouana do sujeito nomeia, pois, que um acontecimento é, de fato, um acontecimento, dando-lhe efetividade e provocando uma ruptura na situação (o que, por consequência, abala o estado dessa situação)¹⁷⁸. Assim, o sujeito se insere naquele espaço do ser e do aparecer denominado como sítio acontecimental, verificando e nomeando as conexões verdadeiras entre o vazio e o ser-múltiplo. Ele é a manifestação da decisão sobre o indecível do acontecimento, fornecendo uma linguagem própria para tratar do que se subtrai ao ser-enquanto-ser¹⁷⁹.

Em termos lógicos, esse forçamento se apresenta na forma da incorporação, isto é, no processo pelo qual certos elementos de um objeto passam a compartilhar o grau máximo de identidade com o traço do acontecimento. A incorporação ocorre quando a identidade entre um dado aparente e o traço acontecimental atinge seu valor mais elevado, fazendo com que o acontecimento apareça absolutamente¹⁸⁰. Os elementos incorporados passam a compor o corpo do acontecimento: o conjunto dos múltiplos nos quais o inexistente verdadeiro se inscreve com intensidade máxima, reorganizando suas identidades e compatibilidades. A incorporação, portanto, determina um novo território transcendental no qual os elementos compatíveis passam a pertencer a uma mesma classe, inaugurada pelo acontecimento¹⁸¹.

No momento em que um acontecimento produz suas consequências, atribuindo grau máximo de existência àquilo que, até então, não existia em um objeto, determinados elementos do sítio passam a estabelecer um novo grau de identidade em relação a esse inexistente. Supondo-se que o objeto (A, **Id**) do mundo **m** seja um

¹⁷⁷ MADARASZ, Norman. *O múltiplo sem um*: uma apresentação do sistema de Alain Badiou. 1. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2011, p. 63.

¹⁷⁸ MADARASZ, Norman. *O múltiplo sem um*: uma apresentação do sistema de Alain Badiou. 1. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2011, p. 62.

¹⁷⁹ BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito*: conferências brasileiras. Tradução de Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodré. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 45-46.

¹⁸⁰ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes*: l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 505-506.

¹⁸¹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes*: l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 507-510.

acontecimento, de modo que $\mathbf{E}A = M$, dele resulta que a intensidade de seu inexistente próprio $\emptyset_A$ passa de $\mathbf{E}\emptyset_A = \mu$ para $\mathbf{E}\emptyset_A = M$. Como, com seu aparecer, um inexistente deixa de não existir, a notação do inexistente que passou a existir será marcada pela letra ε . Assim, antes do acontecimento, a identidade entre um elemento $x \in A$ qualquer e o inexistente ε era nula, pois, se $\varepsilon = \mu$, então $\mathbf{Id}(x, \varepsilon) \leq \mathbf{E}x \cap \mu$. E à medida que toda conjunção de um grau qualquer com o grau mínimo é nula, então $\mathbf{Id}(x, \varepsilon) = \mu$.

Após o acontecimento, porém, a identidade entre um elemento $x \in A$ qualquer e o traço do acontecimento ε pode ser menor ou igual a $\mathbf{E}x$, tendo em vista que, como $\varepsilon = M$, isso quer dizer que $\mathbf{Id}(x, M) \leq \mathbf{E}x \cap M$. E como toda conjunção de um grau qualquer com o grau máximo é igual ao menor valor da conjunção, então $\mathbf{Id}(x, \varepsilon) \leq \mathbf{E}x$. Se a identidade entre x e ε for menor que $\mathbf{E}x$, isso significa que o inexistente ε não apareceu para x com grau máximo, não tendo ambos constituído a máxima identidade possível. No entanto, se a identidade entre x e ε for igual a $\mathbf{E}x$, isso indica que o inexistente ε apareceu maximamente para o múltiplo x , tendo ambos obtido a máxima identidade possível, e sendo, portanto, bastante próximos em seu aparecer. Em outras palavras, todo múltiplo $x \in A$ para o qual o traço do acontecimento ε aparece absolutamente (ou seja, todo $x \in A$ para o qual $\varepsilon = M$) estabelece uma alta identidade em relação a ε , que é a máxima identidade possível $\mathbf{Id}(x, \varepsilon) = \mathbf{E}x$.

Quando ocorre essa máxima identificação entre um múltiplo x e o inexistente que passou a existir, o múltiplo x é incorporado ao acontecimento. Por essa razão, Badiou afirma que, para que um elemento seja incorporado ao acontecimento, é preciso que a identidade alcance seu grau mais elevado, ou seja, que $\mathbf{Id}(x, \varepsilon) = \mathbf{E}x$. Esses elementos já existentes que são incorporados ao acontecimento compõem aquilo que Badiou denomina como corpo, de modo que o corpo C_ε do inexistente próprio ε do objeto $(A, \mathbf{Id})$ consiste no conjunto dos elementos de A que se incorporam ao acontecimento. Assim, um corpo nada mais é que o conjunto dos elementos de um objeto que estabelecem a mais alta identidade em relação ao inexistente desse objeto que passa a existir.

Porém, nem todo elemento $c \in C_\varepsilon$ afirma um ponto $\varphi = 1$, localizando um inexistente verdadeiro no interior do ser-múltiplo, mas apenas aqueles que pertencem à parte eficaz de um corpo $C_{\varepsilon\varphi} \subseteq C_\varepsilon$. Se o corpo C_ε possui uma parte eficaz para certo ponto, então ele possui um órgão $\varepsilon_\varphi \subseteq \varepsilon$ que pertence a essa parte eficaz ($\varepsilon_\varphi \in C_{\varepsilon\varphi}$). Em outras palavras, um inexistente pode ter lugar em um dado mundo se houver um

órgão $\varepsilon_\varphi \subseteq \varepsilon$ que, diferenciando-se desse inexistente, pertença à parte do corpo que é eficaz para um dado ponto $\varphi = 1$. Sendo o maior múltiplo da parte eficaz de um corpo, o órgão ε_φ domina todos os outros elementos $x \in A$ e $y \in A$ que fazem parte de C_{ε_φ} (o que se escreve $x < \varepsilon_\varphi$ e $y < \varepsilon_\varphi$). Assim, operando a síntese real dos elementos da parte eficaz de um corpo, positiva para um ponto φ , o órgão de um corpo possibilita a aparição de uma novidade em seu interior.

Havendo um órgão que pertença à parte eficaz de um corpo, todo elemento que compõe esse corpo é incorporado ao inexistente que passou a existir, sendo reordenado ontologicamente. Portanto, se os elementos $x \in A$ e $y \in A$ fazem parte do corpo, ambos passam a ser dominados pelo traço acontecimental ε (o que se escreve $x < \varepsilon$ e $y < \varepsilon$), sendo, pois, compatíveis ($x \nmid y$). Mas como o múltiplo ε também se incorpora ao acontecimento, então o traço acontecimental também faz parte do corpo ($\varepsilon \in C_\varepsilon$), constituindo-se como o elemento responsável por operar sua síntese real. Assim, o traço do acontecimento ε passa a funcionar como a síntese corporal no interior de C_ε , isto é, como um território transcendental que engloba a identidade de todo $c \in C_\varepsilon$ em relação a todo $x \in A$.

O corpo de um acontecimento opera como um functor transcendental, inscrevendo uma nova classe do ser-múltiplo, até então inexistente, no transcendental mundano. O corpo toma sua própria existência como um território do transcendental, um espaço algébrico em que é possível fazer aparecer um grau de intensidade a partir do tipo representado pelo inexistente ε , que veio à existência. À medida que todos os elementos “típicos” englobados por ε são compatíveis dois a dois, todos eles têm algo em comum, isto é, algum grau de identidade. Ao operar a síntese real, o múltiplo ε incorpora todos os múltiplos por ele dominados ao seu tipo, ou seja, à sua classe. Consequentemente, todos os demais múltiplos $c \in C_\varepsilon$ passam a compor a classe do traço acontecimental ε , aparecendo como uma parte desse traço. Por fim, com a síntese operada pelo inexistente que passou a existir, todos os elementos que dão corpo ao acontecimento passam a compor o objeto dele resultante, aparecendo com o mesmo grau de intensidade do traço acontecimental.

Na medida em que um mundo não enxerga seus inexistentes, ele não se comunica objetivamente com suas próprias verdades. Sobre esse problema, Joshua Dawson afirma haver uma incomensurabilidade entre os planos da lógica e do acontecimento no que diz respeito ao poder de aparecer: enquanto o poder lógico-

mundano busca conservar as aparências, o poder acontecimental busca fazer algo aparecer¹⁸². Por essa razão, Badiou recorre à topologia dos pontos para encontrar um espaço comum entre ambos os planos e, com isso, formular filosoficamente o problema da incorporação de um inexistente verdadeiro.

Marios Constantinou traz uma interessante contribuição sobre a questão da espacialização em Badiou, afirmando que haveria uma certa ética topológica no gesto badiouano de reduzir, no pensamento que visa dar corpo a um inexistente verdadeiro, os espaços da fenômeno-lógica e da verdade a um mesmo espaço topológico¹⁸³. Nesse espaço, que consiste no plano do sujeito, as relações objetivas de um mundo são vistas como coextensivas ao inexistente verdadeiro que se localiza no interior de seus objetos. A partir desse ponto de vista, pode-se constatar que o constrangimento que as relações exercem sobre os objetos em um dado mundo não deriva “do nada”: o existente é materialmente produzido no decorrer de processos de incorporação de inexistentes verdadeiros que devêm¹⁸⁴.

Por meio de sua topologia filosófica, portanto, Badiou consegue conjugar dois espaços comunicáveis que se confundem na lógica mundana: o do aparente e o da verdade. Havendo uma decisão verdadeira de que é possível discernir, no interior do ser-múltiplo, elementos que são indiscerníveis da perspectiva mundana, resta a tarefa de incorporar certas partes múltiplas a esse inexistente, dando-lhe consistência lógica. Por essa razão, todo discernimento pós-acontecimental é filtrado pelos elementos do corpo, que possibilitam a integração e a ordenação do inexistente no mundo. Desse modo, um corpo dá forma ao traço do acontecimento, fazendo aparecer aquela pura interioridade inexistente que a decisão subjetiva afirmou ser possível discernir¹⁸⁵.

¹⁸² DAWSON, Joshua A. Power Failure: Appearance and Change in Badiou's Logics of Worlds. *The Journal of Speculative Philosophy*, v. 38, n. 3, p. 248-259, 2024, p. 253-257.

¹⁸³ CONSTANTINO, Marios. Badiou's topology of action as an ethical epistemology of the event. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 27, p. 771-782, 2009, p. 776-780.

¹⁸⁴ Norman Madarasz demonstra que, vista espacialmente, a questão do acontecimento é reduzida a duas opções: ou o acontecimento é um fenômeno puramente contingente e inapreensível (ontologicamente), ou é um fenômeno que deixa uma marca de não-ser (onto logicamente). Sobre isso, conferir MADARASZ, Norman. The regularity of non-Being: space and form in Alain Badiou's system. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 27, p. 796-822, 2009, p. 818.

¹⁸⁵ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 473-476, 505-514; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 232-235; MADARASZ, Norman. Beyond recognition: Badiou's mathematics of bodily incorporation. *Filozofski vestnik*, v. 41, n. 2, p. 285-308, 2020, p. 287-296. Sobre o conceito de corpo de Alain Badiou, Sergei Prozorov afirma haver uma

Desse modo, a incorporação a um inexistente depende das investigações subjetivas que ligam esse inexistente ao seu aparecer. Ao confiar na existência de uma verdade, a condução subjetiva aleatória se mantém fiel ao sítio acontecimental no interior do qual essa verdade pode aparecer¹⁸⁶. Um sujeito é aquilo que, não existindo em um mundo (*horlieu*), é levado a aparecer por meio de um corpo ativo intramundano¹⁸⁷. Isso implica que todo corpo é um corpo subjetivado, já que sua constituição depende da relação entre uma verdade (infinita) e um ponto (finito) do mundo, que só pode ser mensurada como a ação de uma parte finita (logo, subjetiva) dessa verdade.

4.4 DOS USOS DA PALAVRA “ORIENTAÇÃO”

A partir dessa definição, Badiou diferencia o que há de material e de formal nas dinâmicas do sujeito. De um lado, o trajeto e a incorporação funcionam como o suporte material do sujeito, não havendo subjetivação sem eles. Trata-se da própria efetuação do sujeito, da própria condução aleatória das verificações de quais termos se conectam ou não ao acontecimento, condução esta que necessariamente está excluída do domínio do saber. Nesse sentido material, se o sujeito nada mais faz que verificar aquilo que há de verdadeiro no ser-múltiplo, nomeando e incorporando conexões a inexistentes acontecimentais, o que o diferencia deste é justamente esse trajeto aleatório das verificações¹⁸⁸.

De outro lado, é possível separar, teoricamente, os aspectos estritamente formais do sujeito, que, desse ponto de vista, designa um sistema de formas e de operações. Trata-se da inscrição, no saber, daquilo que resulta das verificações, à

biopolítica de outra ordem na filosofia badiouiana. A esse respeito, conferir PROZOROV, Sergei. Badiou's biopolitics: the human animal and the body of truth. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 32, p. 951-967, 2014, p. 957-965. Para uma aproximação entre incorporação de um acontecimento e retórica, conferir DANIEL, James. The Event That We Are: Ontology, Rhetorical Agency, and Alain Badiou. *Philosophy & rhetoric*, v. 49, n. 3, p. 254-276, 2016, p. 258-263.

¹⁸⁶ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 415-416, 462-465.

¹⁸⁷ ¹⁸⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 53.

¹⁸⁸ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 433-434; BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 53-55.

medida que “uma investigação é um objeto possível do saber”¹⁸⁹. Badiou faz essa abordagem formal do sujeito no primeiro livro de *Lógicas dos mundos*, cujo subtítulo é “metafísica do sujeito” (em oposição à física do sujeito, atinente ao processo de incorporação). Formalmente, portanto, um sujeito é “aquilo que *formaliza os efeitos de um corpo* de acordo com uma certa lógica, produtiva ou contraprodutiva”¹⁹⁰. Em outras palavras, a depender dos efeitos produzidos por um corpo em um dado mundo, é possível discriminar diferentes *tipos formais* de sujeito¹⁹¹.

Nesse sentido estritamente formal, Badiou separa o sujeito-estrutura (ou destinações) do sistema de figuras (ou operações) que fixam o sujeito-estrutura. É por meio dessas operações que o filósofo francês demonstra as diferentes destinações dadas a um corpo em um determinado mundo. As operações (barra, implicação, barra oblíqua, negação e extinção) compõem um sistema de combinações que estruturam, em âmbito teórico-formal, as diferentes destinações subjetivas possíveis. E cada uma dessas destinações possíveis é metaforizada por um dos tipos formais de sujeito: sujeito fiel, sujeito reativo ou sujeito obscuro¹⁹².

Se um sujeito é uma condução aleatória de verificações que conectam um inexistente verdadeiro ao seu aparecer mundano, essa condução pode engendrar diferentes resultados. Caso haja incorporação de um inexistente verdadeiro, isso quer dizer que essa condução tem como resultado a afirmação de uma verdade, cenário que Badiou define a partir do tipo formal do sujeito fiel. No entanto, caso não ocorra tal incorporação, isso indica que essa condução teve como resultado a negação ou a ocultação mundana de uma verdade, cenários que o filósofo francês define a partir dos tipos formais do sujeito reativo e do sujeito oculto.

¹⁸⁹ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 433, tradução nossa.

¹⁹⁰ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 54, tradução nossa, grifo nosso.

¹⁹¹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 53-54; CALGAGNO, Antonio. Alain Badiou: the event of becoming a political subject. *Philosophy Social Criticism*, n. 34, p. 1051-1070, 2008, p. 1058-1061; HEIDEN, Gert-Jan van der. Subjective Fidelity in an Objective Phenomenology. In: HEIDEN, Gert-Jan van der *et al.* (eds.). *Investigating Subjectivity: Classical and New Perspectives*. 1. ed. Boston/Leiden: Brill, 2012, p. 115-131. Gregory Bistoën, Stijn Vanheule e Stef Craps relacionam o acontecimento e o sujeito em Badiou ao trauma psicológico e sua recuperação em BISTOËN, Gregory; VANHEULE, Stijn; CRAPS, Stef. Badiou's theory of the event and the politics of trauma recovery. *Theory & Psychology*, v. 24, n. 6, p. 830-851, 2014. Para uma crítica deleuziana ao conceito de sujeito em Badiou, conferir ADKINS, Brent. On the Subject of Badiou: A Deleuzian Critique. *The Journal of Speculative Philosophy*, v. 29, n. 3, [Special issue with the society for phenomenology and existential philosophy], p. 395-402, 2015, p. 401-402.

¹⁹² BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 57-58.

O sujeito fiel consiste na subordinação do traço acontecimental ε ao corpo dividido ϕ , isto é, ao corpo que separa, em seu interior, uma região eficaz e uma região ineficaz para dado ponto, de modo que esse corpo dividido é tomado como pressuposto do devir do inexistente. A subordinação do traço acontecimental de um inexistente ao corpo não-todo produz o conjunto de consequências do traço, ao qual Badiou dá o nome de presente, notado pela letra π . Por resultar da fidelidade¹⁹³ ao acontecimento e ao seu traço, esse sujeito conecta o possível devir do inexistente e o aparecer de sua verdade, sendo consequência da expansão de uma verdade que é excetuada por um dado mundo¹⁹⁴. Para que seja melhor compreendido, o sujeito fiel pode ser logicamente reduzido ao seguinte matema:

$$\frac{\varepsilon}{\phi} \Rightarrow \pi$$

O sujeito reativo, por sua vez, resulta da negação do traço do acontecimento, mantendo a inexistência do inexistente, a todo custo. No entanto, ele não indica apenas a negação do traço acontecimental, mas também a produção de um presente próprio: um presente mensurado, que consiste na extinção do presente verdadeiro como tal. Essa figura reativa, que resulta da não incorporação de um inexistente a um mundo, propaga a noção de que o devir do traço é acontecimental é perigoso, pois equivale à dissolução da ordem, sendo mais benéfico manter o dissenso ordenado. Ao negar o traço do acontecimento, o cenário tipificado pelo sujeito reativo bloqueia o aparecer da verdade tipificado pelo sujeito fiel. Assim, tomando o sujeito fiel como ponto de partida para sua reação, o sujeito reativo “esconde” o sujeito fiel, subordinando-o à negação do traço do acontecimento, subordinação que traz como consequência a produção de um presente extinto, notado como $\nexists$ ¹⁹⁵. Desse modo, o matema do sujeito reativo tem a seguinte forma:

¹⁹³ Para Badiou, não existe uma diferença formal entre a fé religiosa e a fidelidade a um acontecimento: ambas consistem na afirmação de um certo universal. No entanto, enquanto a fé religiosa busca afirmar um universal transcendente, a fidelidade a um acontecimento afirma um universal imanente, isto é, verificável no interior da própria situação material. Sobre a questão da fidelidade, conferir BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 257-281; BOER, Roland. Theology and the event: ambivalence of Alain Badiou. *The Heythrop Journal*, v. 52, p. 234–249, 2011.

¹⁹⁴ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 58-62.

¹⁹⁵ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 62-67.

$$\frac{\neg \varepsilon}{\begin{array}{l} \varepsilon \\ \phi \end{array}} \Rightarrow \#$$

$$\frac{\varepsilon}{\phi} \Rightarrow \pi$$

Já o sujeito obscuro, ao invés de indicar a simples negação que quer extinguir o presente verdadeiro, resulta pressuposição e da subordinação deste presente a uma narrativa própria. Essa narrativa imputa a um suposto corpo indiviso (nação, raça, Deus etc.) a responsabilidade de negar o traço acontecimental e, conseqüentemente, o corpo dividido que daria lugar ao seu aparecer. Em outras palavras, o sujeito obscuro subordina o presente a uma certa ideia de totalidade englobante que, impedindo o devir do inexistente, seria capaz de conservar o estado de coisas mundano. Tomando o traço acontecimental ε como potencial dissolução do mundo, o tipo formal do sujeito obscuro indica a ocultação do presente inerente a ε , bem como seu deslocamento para um corpo fictício que seria, supostamente, responsável por manter a consistência do mundo. Mas apesar de ocultá-lo, o cenário obscuro depende dele, posto que sustenta sua narrativa a partir da ocultação do presente emancipador do sujeito fiel¹⁹⁶. Assim, o matema do sujeito obscuro pode ser escrito da seguinte forma:

$$\frac{C \Rightarrow (\neg \varepsilon \Rightarrow \neg \phi)}{\pi}$$

Esses três tipos formais de sujeito indicam a produção, negação ou ocultação das conseqüências de um acontecimento. Além disso, os três mantêm uma certa ordem em um dado mundo, pois a negação do presente verdadeiro pelo sujeito reativo depende de sua produção por parte do sujeito fiel, assim como a ocultação desse presente pelo sujeito obscuro depende da fórmula de sua negação, que só tem lugar com o sujeito reativo. E no momento em que um presente verdadeiro, após ser produzido, negado e ocultado em um dado mundo, renasce por meio de um novo sítio, um novo corpo e um novo sujeito fiel, o processo da verdade subjacente a esse presente aparece novamente. A esse renascimento, Badiou dá o nome de ressurreição de uma fidelidade subjetiva¹⁹⁷.

¹⁹⁶ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 67-70.

¹⁹⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 53-76; WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 45-65; WRIGHT, Colin. Resurrection and Reaction in Alain Badiou: Towards an Evental Historiography. *Culture, Theory and Critique*, v. 49, n. 1, p. 73-92, 2008, p. 82-91; WILD, David. Alain Badiou's Politics and the Problem of Social History. *Critical Horizons*, v. 10, n. 3, 391-411, 2009, p. 409-411.

Dentro dessa sua metafísica do sujeito, Badiou afirma que “um sujeito se apresenta como aquilo que formaliza os efeitos de um corpo segundo uma certa lógica, produtiva ou contraprodutiva”¹⁹⁸. Isso porque o sujeito, visto estaticamente como um tipo formal que metaforiza o resultado de uma condução aleatória de verificações em torno do acontecimento, resume a destinação que foi dada a um corpo em um dado mundo. É por essa razão que, um pouco depois, Badiou afirma que o sujeito é aquilo que “impõe a legibilidade de uma *orientação* unificada à multiplicidade do corpo”¹⁹⁹. Com essa frase, ele quer dizer que os tipos formais do sujeito são modos de se “ler” a orientação que foi dada à incorporação. Se, portanto, existe uma orientação subjetiva propriamente material no processo de incorporação, os tipos formais de sujeito sumarizam orientações subjetivas formais e unidirecionais.

É possível encontrar um sentido próximo do uso dessa palavra na meditação 27 de *O Ser e o acontecimento*, quando Badiou define o que ele denomina como “orientações do pensamento”²⁰⁰. Nesse texto, o filósofo francês define uma orientação do pensamento como uma tentativa de se buscar resolver o problema do “excesso” (ou da “errância do vazio”) nos diferentes campos do saber. Segundo Badiou, seria possível discriminar três grandes formas de orientação do pensamento que seriam compatíveis com a ontologia matemática: a orientação construtível, a orientação genérica e a orientação dos grandes cardinais.

Segundo a orientação construtível, também denominada como gramatical, todo excesso é resolvido e controlado pela própria metaestrutura, de modo que o próprio estado da situação define, de antemão, quais são suas partes. Para essa orientação, o estado reconhece como parte apenas aquilo que “os próprios recursos da situação permitem *distinguir*”²⁰¹. Inversamente, a orientação genérica entende que o excesso está diretamente ligado à impossibilidade de discernir, nas partes de uma

¹⁹⁸ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 54, tradução nossa.

¹⁹⁹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes* : l'être et l'événement, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 54, tradução nossa, grifo nosso.

²⁰⁰ O intuito dessa aproximação não é inferir que as orientações construtível e dos grandes cardinais seriam reacionárias, muito menos reduzi-las às figuras formais do sujeito contidas em *Logiques des mondes*. Assim como a orientação construtível foi muito importante para a elaboração da orientação genérica, também a teoria dos grandes cardinais possui uma grandeza própria, muito explorada por Badiou em trabalhos mais recentes. A ideia deste parágrafo é apenas constatar que a tendência conservadora da orientação construtível parece estar presente no sujeito reativo, do mesmo modo que aquele elemento de transcendência dos grandes cardinais parece estar presente no sujeito obscuro.

²⁰¹ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 313, tradução nossa.

situação, entre aquelas que lhe pertencem e as que não lhe pertencem. Para essa orientação, pensar o excesso depende do reconhecimento de que certos múltiplos, ignorados pela metaestrutura, também fazem parte da situação²⁰². Por fim, segundo a orientação dos grandes cardinais, o problema de excesso é resolvido por meio de múltiplos infinitos incomensuráveis, cuja grande extensão possibilitaria a ordenação das situações menores. Para essa orientação, trata-se de pensar o excesso a partir da transcendência do infinito²⁰³.

Assim como na frase acima citada da metafísica do sujeito, esses três usos da palavra “orientação” possuem um sentido meramente formal: são três formas possíveis de lidar com o problema do vazio, isto é, com o inexistente. É possível, inclusive, estabelecer um paralelo entre essas três orientações do pensamento (para a ontologia) e as orientações legíveis pelos três tipos formais de sujeito (na fenomenológica). Assim como a orientação genérica busca nomear uma parte que não existe para o estado da situação, o sujeito fiel indica uma orientação que busca fazer aparecer um inexistente. Ademais, da mesma forma que a orientação construtível só distingue aquilo que é contado pela situação, negando existência a toda parte não contada previamente, o sujeito reativo indica uma orientação que rejeita o aparecer de todo inexistente. Por fim, assim como a orientação dos grandes cardinais busca resolver o problema do excesso a partir da transcendência, o sujeito obscuro indica uma orientação que busca reduzir o presente a um corpo indivisível que transcende o corpo dividido.

Contudo, após apresentar essas três orientações do pensamento, Badiou apresenta uma quarta orientação, que seria transversal às outras três. Segundo ele, trata-se de uma orientação que busca resolver o problema do excesso levando em conta que “a *verdade* do impasse ontológico não se deixa apreender ou pensar na imanência da própria ontologia ou da metaontologia especulativa”²⁰⁴. Isso quer dizer que, para esta quarta orientação, é apenas por meio da intervenção e do acontecimento que seria possível resolver o problema do excesso. Traçando um paralelo com o *Lógicas dos mundos*, é possível aproximar essa quarta orientação (transversal às outras três) à dinâmica da incorporação subjetiva (o substrato material

²⁰² BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 313.

²⁰³ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 313-314.

²⁰⁴ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 314.

da teoria formal do sujeito). Em ambos os casos, não se trata mais de pensar a orientação apenas a partir de seus efeitos, mas a partir da condução subjetiva das investigações aleatórias que visam conectar o inexistente àquilo que existe. Em outras palavras, em ambos os casos, trata-se de uma orientação voltada a dar materialidade ao genérico (na ontologia) e ao sujeito fiel (na fenômeno-lógica).

Esse sentido propriamente material da palavra orientação, conectado a uma verdade, é mais explorado no seminário *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*, lecionado por Badiou entre os anos de 2005 e 2007, época da publicação de *Lógicas dos mundos*. Nesse seminário, o filósofo francês diferencia entre o “orientar-se no pensamento” e o “orientar-se na existência”. Tendo definido a verdade de um certo mundo como um processo que contém elementos inexistentes que podem vir a aparecer nesse mundo, Badiou define como *orientação na existência* a entrada em algum ponto de vista que seja capaz de apreender o presente verdadeiro. Em outras palavras, orientar-se na existência consiste em participar da perspectiva subjetiva, visualizando as possíveis consequências do verdadeiro no ser-múltiplo²⁰⁵.

O ponto de partida que Badiou utiliza para o desenvolvimento de sua categoria de orientação é o texto *Que significa orientar-se no pensamento?*, de Immanuel Kant. Nesse texto, Kant defende que a orientação no pensamento funciona como uma fé racional, isto é, uma exigência necessária da razão de se pressupor um verdadeiro suprassensível que dê consistência ao saber. É por meio da fé racional na existência desse verdadeiro que determinado fenômeno pode dar lugar a investigações que verificam se ele confirma ou não essa fé, isto é, se o verdadeiro pressuposto se manifesta ou não nesse fenômeno. É por essa razão que Kant afirma que orientar-se no pensamento significa assentir a um princípio subjetivo da razão, em decorrência da insuficiência de seus princípios objetivos. Além disso, Kant diz que uma das consequências de a razão não se submeter à lei que ela própria dá a si mesma, isto é, à lei de assentimento à fé racional, é a submissão da razão às leis de terceiros e o confisco da liberdade de pensamento²⁰⁶.

Com base nesse texto, Badiou infere que a orientação no pensamento possui

²⁰⁵ BADIOU, Alain. *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*. Séminaire public d'Alain Badiou. Paris, 2005-2006. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretemps.asso.fr/Badiou/05-06.2.htm>. Acesso em 19 jan. 2025.

²⁰⁶ KANT, Immanuel. *Que significa orientar-se no pensamento?*. Tradução de Artur Morão. [s. l]: Lusosofia Press, [s. a], p. 6, 11-14.

três componentes: um elemento de criação, um elemento de incorporação e um elemento de disciplina. Em primeiro lugar, há um elemento criativo na orientação, na medida em que o assentimento à fé racional abre a possibilidade de se dar lugar às novidades dentro daquilo que já existe no campo do saber. Em segundo lugar, há um elemento de incorporação, pois o assentimento é a incorporação do saber a um processo de verdade. Em terceiro lugar, há um elemento de disciplina, à medida que é preciso tratar continuamente as dificuldades que aparecerem no nível do saber, isto é, resolver as descontinuidades por intermédio da fé racional, sendo consequente com o próprio assentimento, para que a razão não seja submetida a leis externas.

A partir desses três componentes, Badiou sustenta que a orientação não deve se reduzir ao pensamento abstrato de um processo de verdade, devendo se estender também à existência efetiva desse processo, ou seja, à existência imanente de uma verdade em um determinado mundo. Em outras palavras, é preciso não apenas se orientar no pensamento, mas também *se orientar na existência*, o que significa sentir os princípios que regem as asserções da existência ou, de outro modo, ter como pressupostos os princípios que dizem respeito a essas asserções. Não se trata tão somente do problema moral segundo o qual é preciso agir segundo uma máxima tomada como universal²⁰⁷, mas do problema da efetividade dessa máxima e de suas consequências, isto é, do processo de sua subjetivação verdadeira em um mundo²⁰⁸.

Isso quer dizer que, se uma orientação consiste em um posicionar-se, num determinado mundo, em relação a uma verdade, uma orientação é um ponto de vista que consegue discernir a existência abstrata de uma verdade (seu ser) de sua existência concreta (seu aparecer). É esse discernimento de uma parte indiscernível do ser-múltiplo que produz a confiança, isto é, a crença (que tem a forma de um saber) de que uma dada verdade existe. Discernindo as instâncias do ser e do aparecer relativamente a essa verdade, uma orientação, nesse sentido material, busca incorporar essa verdade a um mundo²⁰⁹.

²⁰⁷ KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução de Paulo Quintela. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2007, p. 75-78.

²⁰⁸ BADIOU, Alain. *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*. Séminaire public d'Alain Badiou. Paris, 2006-2007. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/06-07.2.htm>. Acesso em 19 jan. 2025; BADIOU, Alain. *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*. Séminaire public d'Alain Badiou. Paris, 2004-2005. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/04-05.htm>. Acesso em 19 jan. 2025.

²⁰⁹ BADIOU, Alain. *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*. Séminaire public d'Alain

A partir dessas considerações, percebe-se que a categoria da orientação busca sustentar alguma conexão entre os planos da verdade, do sujeito e do ser. É por essa razão que o tema da orientação parece encontrar lastro nas considerações badiouanas a respeito da ética, contidas em seu texto *A Ética*, de 1992. Na filosofia de Badiou, a palavra “ética” tem um sentido diverso de norma ou lei moral. Partindo dessa conotação mais jurídica de ética, o filósofo francês pretende se afastar dela, apontando seu caráter conservador. Isso porque esta noção de ética, subordinando a política à sua lei, é essencialmente reacionária: ela parte de uma noção *a priori* de Mal absoluto e constrói dispositivos legais para combater esse Mal²¹⁰.

Com base nisso, Badiou, lendo a filosofia da alteridade de Lévinas à luz de sua própria filosofia, toma a ética não como uma lei moral universal, mas como um modo de agir (*ethos*) que se direciona pela mesmidade (*mêmeté*) da alteridade absoluta. Trata-se da “ética de uma verdade”, a qual o filósofo francês define como “aquilo que dá consistência à presença de alguém na composição do sujeito que induz o processo dessa verdade”²¹¹. Com o termo “alguém”, Badiou quer indicar que a ética está diretamente ligada ao animal humano, ou seja, a “esse tipo de múltiplo particular que os saberes estabelecidos designam como pertencente à espécie [humana]”²¹². Ademais, essa ética busca dar consistência subjetiva a esse alguém, engajando esse ser-múltiplo “na continuação de um sujeito de verdade”²¹³ que se direciona pelo *não sabido* (*l’insu*). Em outras palavras, a ética de Badiou é uma ética na qual o animal humano, mesmo envolvido e permeado pelos seus próprios interesses particulares, se orienta subjetivamente por uma verdade e, ao fazê-lo, é capaz de apreender aquilo

Badiou. Paris, 2006-2007. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/06-07.2.htm>. Acesso em 19 jan. 2025; BADIOU, Alain. *S’orienter dans la pensée, s’orienter dans l’existence*. Séminaire public d’Alain Badiou. Paris, 2004-2005. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/04-05.htm>. Acesso em 23 nov. 2025.

²¹⁰ Por mais que os direitos humanos cumpram uma função ímpar na proteção de setores vulnerabilizados na sociedade, devendo ser mantidos em funcionamento, é preciso reconhecer que a ética dos direitos humanos é responsável mais por conservar certos corpos vulneráveis que pela emergência de novidades. Tomando, por exemplo, certos hábitos de culturas africanas ou islâmicas como expressão do Mal, a ética dos direitos humanos estrutura o Bem em torno desse Mal pressuposto, buscando proteger a situação desses costumes estranhos. Sobre isso conferir BADIOU, Alain. *L’éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 21-25.

²¹¹ BADIOU, Alain. *L’éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 41, tradução nossa.

²¹² BADIOU, Alain. *L’éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 41, tradução nossa.

²¹³ BADIOU, Alain. *L’éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 43, tradução nossa.

que há de “mesmo” no “outro”, ou, de outro modo, pode dar corpo à alteridade que habita o mundo, fazendo-a vir a existir²¹⁴.

Assim como ocorre com a questão da orientação, na ética badiouana existe uma cumplicidade entre os planos da verdade e do sujeito, de um lado, e o plano do ser-múltiplo, de outro. Em ambos os casos, é preciso que algo da própria ordem da existência se vincule à possível emergência de um inexistente ou de um não sabido. Isso porque essa orientação verdadeira se assenta em uma *ficção de indistinção* entre os interesses particulares do plano do ser-múltiplo e o interesse-desinteressado do plano da consistência subjetiva²¹⁵. E como o problema dos interesses particulares está relacionado à busca por prazeres e à autoconservação da vida, tanto a orientação quanto a ética são temas intimamente relacionados à questão do *viver* na filosofia de Badiou, para quem o viver e a morte não pertencem ao mesmo espaço topológico.

A morte, conforme o filósofo francês, nada mais é que o gradativo desaparecer de um objeto em um mundo²¹⁶. Quando um objeto que existe em um mundo desaparece para os demais objetos desse mundo, isso quer dizer que os elementos que definem este objeto desapareceram. Quando um conjunto importante de elementos desaparece, passando a ter um grau de existência nulo, já não há mais qualquer identidade entre esse conjunto e ele próprio. Consequentemente, já não há mais qualquer identidade entre esse conjunto inexistente e qualquer outro elemento, pois não há nada em comum entre algo e nada. Em razão disso, esse objeto passa a ter um grau de existência mínimo, deixando de existir nesse mundo²¹⁷. A essa passagem da existência para a inexistência, Badiou dá o nome de morte, afirmando ainda que a morte nada mais é que um resultado da existência, isto é, algo que faz parte da existência: só se morre se este fim da existência puder ser constatado por algum objeto do mundo, ou seja, se essa passagem para o inexistente for visível no mundo²¹⁸.

Por outro lado, viver não é um simples existir mundano que aguarda seu

²¹⁴ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 7-28, 37-51.

²¹⁵ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 49-50.

²¹⁶ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 283.

²¹⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 283.

²¹⁸ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 284.

gradativo desaparecimento, mas “uma incorporação ao presente sob a forma fiel de um sujeito”²¹⁹. Nesse ponto, Badiou dissocia a noção de vida enquanto “aquilo que morre” da categoria do viver, afirmando que viver é orientar-se subjetivamente pelo devir de um inexistente verdadeiro. O primeiro ponto a se observar é que Badiou afasta a categoria do viver dos tipos formais reativo e obscuro de sujeito: a categoria do viver está ligada ao nascimento (à emergência) de um inexistente em um mundo, isto é, ao aparecimento de uma novidade, fenômeno rejeitado ou dissimulado nos cenários tipificados pelos sujeitos reacionários²²⁰. O segundo ponto que deve ser observado é que, caso uma determinada incorporação fiel de um inexistente verdadeiro seja dominada pelas formas reativa ou obscura, a existência resultante dessas dominações não é um viver propriamente dito, mas uma existência que impede ou mortifica o aparecer desse inexistente. Desse modo, viver é não apenas existir em um determinado mundo, mas um orientar-se (materialmente) nessa existência²²¹.

Contudo, como as relações mundanas tendem a conservar a inexistência dos inexistentes, o viver não configura uma orientação geral. À medida que a tendência mundana é não fazer aparecer os inexistentes, a orientação, ou a ética das verdades, se assenta em uma espécie de plano provisório que busca dar consistência à incorporação almejada. A fim de explicar, filosoficamente, o estatuto desse plano, Badiou recorre ao *Discurso do Método*, onde Descartes argumenta que todo verdadeiro questionamento da realidade depende do estabelecimento de uma *moral provisória*²²². A partir das máximas cartesianas, Badiou conclui que adotar uma moral

²¹⁹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 530.

²²⁰ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 530.

²²¹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 530-531.

²²² O filósofo francês afirma que, do mesmo modo que durante a reforma de uma casa seu proprietário deve habitar provisoriamente uma outra casa, o processo de dar corpo a uma verdade requer um pensamento provisório que possibilite essa mudança. Isso quer dizer que uma ética da orientação deve conhecer bem o território no qual visa um aparecer verdadeiro, reconhecendo o potencial de conservação da lógica dos objetos mundanos. A *moral provisória* cartesiana se sustenta a partir de três máximas. A primeira máxima de uma moral provisória é saber verdadeiramente quais são as opiniões, crenças, hábitos e práticas dos animais humanos que aparecem objetivamente em um dado mundo, isto é, quais são as ideologias e as respectivas noções de realidade que sustentam as relações desse mundo. A segunda máxima consiste em ser resoluto e seguro em relação às próprias ações, não deixando de seguir opiniões incertas apenas pela falta de certeza. Um viajante perdido em uma floresta escura não deve caminhar de um lado ao outro ou permanecer parado, mas escolher uma direção e andar por ela em linha reta. Mesmo que escolha uma direção pelo acaso, orientando-se por algo que não existe em seu campo de visão, esse viajante ao menos chegará em algum lugar, não permanecendo onde estava. A terceira máxima de uma moral provisória consiste em reconhecer que

provisória significa “sustentar uma consistência subjetiva em condições em que não há uma orientação geral estabelecida [...], declarando a existência de algo que o mundo atual insiste em declarar como inexistente, e permanecendo fiel às consequências dessa declaração”²²³. Em outros termos, e antecipando a problemática trabalhada na próxima seção, o viver (ou o “orientar-se na existência”) busca manter uma consistência subjetiva em meio a um mundo (desorientado) que a rejeita.

4.5 DESORIENTAÇÃO DE MUNDO

Conforme visto até aqui, e com base no seminário *Orientar-se no pensamento, orientar-se na existência*, a palavra “orientação” pode ter dois sentidos diversos nos textos de Badiou: primeiro, como orientação do pensamento e, em segundo lugar, como orientar-se na existência²²⁴. O primeiro sentido é aquele encontrado em *O ser e o acontecimento* (genérico, construtível e dos grandes cardinais)²²⁵ e que parece ressoar nos tipos formais de sujeito de *Lógicas dos mundos* (fiel, reativo e obscuro)²²⁶. Trata-se de uma formalização teórica das orientações possíveis, isto é, de uma distinção de quais pensamentos guiam o múltiplo de múltiplos em relação a uma verdade, ou de quais são os efeitos de uma verdade no aparecer do ser-múltiplo.

O segundo sentido da palavra “orientação”, por sua vez, também pode ser

nada está inteiramente sob o poder dos animais humanos que pensam o mundo, a não ser os próprios pensamentos. Com base nisso, caso se tenha feito o máximo possível para modificar o mundo de uma certa maneira, mas não se tenha obtido êxito, é preciso aceitar que o vir-a-ser pretendido é um ponto de impossibilidade, ou seja, que se trata de algo objetivamente inalterável. Isso significa aceitar que é impossível alterar a ordem do mundo nesse ponto específico, isto é, que não existe nada nesse ponto além dos objetos mundanos. Mas é justamente essa aceitação que abre a possibilidade de se pensar o que há de real naquilo que aparece: os inexistentes próprios dos objetos mundanos e sua afirmação/negação/ocultação subjetiva. A esse respeito, conferir DESCARTES, René. *Discurso do método & ensaios*. 1. ed. Organizado por Pablo Rubén Mariconda. Traduzido por César Augusto Battisti, Érico Andrade, Guilherme Rodrigues Neto, Marisa Carneiro de Oliveira Franco Donatelli, Pablo Rubén Mariconda, Paulo Tadeu da Silva. São Paulo: Editora Unesp, 2018, 84-90.

²²³ BADIOU, Alain. *S’orienter dans la pensée, s’orienter dans l’existence*. Séminaire public d’Alain Badiou. Paris, 2006-2007. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/06-07.2.htm>. Acesso em 19 jan. 2025. Tradução nossa.

²²⁴ BADIOU, Alain. *S’orienter dans la pensée, s’orienter dans l’existence*. Séminaire public d’Alain Badiou. Paris, 2006-2007. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/06-07.2.htm>. Acesso em 17 nov. 2025

²²⁵ BADIOU, Alain. *L’être et l’événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 311-314.

²²⁶ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l’être et l’événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 55-70.

encontrado tanto em *O ser e o acontecimento* (na orientação transversal)²²⁷ quanto em *Lógicas dos mundos* (na incorporação de um inexistente verdadeiro)²²⁸. Esse segundo sentido consiste na ocupação de um ponto de vista que diferencia a existência abstrata de uma verdade de sua manifestação concreta, posicionando-se em relação a ela de modo a afirmá-la. Ou seja, trata-se de um sentido que, no plano ontológico, busca conectar a orientação de pensamento genérica a uma verdade, do mesmo modo que, no plano fenomenológico, busca conectar o tipo formal do sujeito fiel a uma verdade.

Levando em conta a polissemia dessa categoria filosófica, surge um problema de ordem semântica: como e em que medida pode-se relacionar a orientação com a categoria da “desorientação”, tema central dos últimos seminários de Badiou? Em *Notas sobre a desorientação do mundo*, texto produzido a partir do primeiro desses seminários, Badiou afirma que “*uma desorientação provém, sempre, da derrota provisória, ou da ausência mal explicada, de um procedimento de verdade*”²²⁹. Isso quer dizer que a desorientação se relaciona com o seu segundo conceito de orientação, qual seja, a orientação como um “orientar-se na existência”²³⁰. Desse modo, para uma melhor compreensão do uso feito e dos sentidos atribuídos, por Badiou, à palavra “desorientação”, a seguir serão expostas algumas das ideias apresentadas nesse pequeno texto.

Inicialmente, é importante destacar que Badiou pretende descrever uma “desorientação do mundo”, de modo que a “desorientação” é uma categoria atinente àquela de “mundo”. Ademais, em sua exposição, nota-se que o filósofo francês toma como referencial o que ele denomina como “mundo contemporâneo”, apesar de não delimitar, com precisão, a extensão, os objetos e as relações desse mundo. Assim, nos primeiros parágrafos de sua preleção, Badiou define “desorientação” como um estado que emerge quando um procedimento de verdade sofre uma derrota provisória, uma interrupção ou uma ausência de clareza. Para ele, aquilo que orienta a existência humana é sempre um ponto fixo de verdade que consegue organizar as

²²⁷ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 315.

²²⁸ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 505-515.

²²⁹ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 11.

²³⁰ A partir de agora, usaremos a palavra “orientação” para nos referirmos apenas a este segundo sentido, qual seja, o do orientar-se na existência.

ações e pensamentos. Quando esse ponto perde força, é obscurecido ou falha em se afirmar historicamente, instala-se uma sensação ampla de desordem, incerteza e bloqueio, denominada “desorientação”. Percebe-se, pois, que a desorientação é uma categoria filosófica atinente a dois planos distintos: em primeiro lugar, ao plano da verdade, posto que sustenta uma relação negativa com este; e, em segundo lugar, ao plano das afecções e dos sentimentos, isto é, ao plano do animal humano²³¹.

A fim de ilustrar sua explanação, Badiou traz dois exemplos recentes daquilo que entende como desorientação no cenário político francês. O primeiro exemplo diz respeito ao movimento dos *Coletes amarelos* (*Gilets Jaunes*), que teve bastante repercussão na França, no final dos anos 2010. Já o segundo exemplo trata de uma situação ainda mais recente, qual seja, do tratamento estatal e social dado à pandemia de coronavírus nos anos de 2020 e 2021, contexto em que o filósofo francês ministrou as primeiras palestras contidas nesse texto.

Conforme Badiou, no contexto dos agenciamentos particulares, a desorientação manifesta-se como uma confusão generalizada, como se viu no episódio dos Coletes Amarelos (*Gilets Jaunes*) e em seu desenrolar. O movimento dos Coletes levantava demandas como redução de tarifas e aumento do salário mínimo, prezando pela melhoria das condições socioeconômicas dos trabalhadores. Contudo, no decorrer de suas manifestações, os dirigentes do movimento permitiram a participação dos *black blocs* em meio aos protestos, que agiam de maneira mais agressiva que os manifestantes originários. Porém, o excesso de violência promovido pelos *black blocs*, com ações destrutivas, foi seguido por uma repressão policial igualmente desmedida. E essa brutal repressão policial gerou um sentimento popular de que a polícia, mais do que o governo Macron, era a principal responsável pela situação de desvalorização do trabalho contra a qual protestavam os Coletes²³².

Esse cenário deu origem a uma reação inesperada: manifestações sindicais de policiais passaram a receber apoio tanto de setores da esquerda, que viam os policiais como trabalhadores explorados, quanto da extrema direita, que os apoiava enquanto defensores da ordem. Por se posicionar, via de regra, a favor de modificar

²³¹ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 11-12.

²³² BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 16-17.

a ordem em benefício de uma redução das desigualdades, o apoio da esquerda aos defensores da ordem parece bastante atípico. E por se posicionar, via de regra, pela manutenção inflexível da ordem, o apoio da extrema direita a uma greve sindical também foge ao que se espera de seus partidários²³³.

Essa convergência improvável reflete a ausência de uma orientação política fundamentada em uma verdade universal: em primeiro lugar, por parte dos Coletes, que aceitaram a participação violenta dos *black blocs*; em segundo lugar, por parte dos setores da esquerda que passaram a apoiar os ferozes defensores da ordem; em terceiro lugar, por parte dos setores da extrema direita, que passaram a apoiar trabalhadores em greve; e em quarto lugar, por parte da sociedade como um todo, que desvinculou a violenta repressão policial do governo Macron (que lhe deu causa). Em síntese, a confusão que permeia essas mobilizações demonstra que, na ausência de uma orientação, até mesmo movimentos aparentemente opostos podem se reunir em torno de objetivos vagos ou contraditórios. Assim, por mais que as relações objetivas permaneçam consistentes ao se adaptarem às mudanças conjunturais, elas revelam uma indiferença no que diz respeito à sua orientação em relação a uma verdade²³⁴.

No segundo exemplo de desorientação, Badiou examina as manifestações francesas contra o passe sanitário durante a pandemia, mostrando como, diante da ausência ou derrota provisória de um procedimento de verdade, instala-se uma confusão generalizada nas práticas políticas no âmbito da saúde. A recusa da vacinação obrigatória, que deveria ser sustentada por princípios racionais elementares e pela consideração do bem coletivo, converte-se em protestos heterogêneos unificados pelo slogan individualista das “liberdades” e que reúnem grupos que vão da extrema direita à ultraesquerda. Tal como no caso dos Coletes Amarelos, essa composição disparatada expressa a perda de um ponto fixo capaz de organizar a ação, expondo tanto o desprezo pela racionalidade quanto o esvaziamento de qualquer orientação vinculada a uma verdade universal²³⁵.

²³³ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 17-18.

²³⁴ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 16-19.

²³⁵ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 19-21.

Nesse contexto, e tomando como base o cenário eleitoral francês, Badiou identifica quatro principais tendências da política institucional contemporânea: a dos democratas, a dos nacionalistas, a dos liberais e a dos esquerdistas. E dessas quatro tendências decorrem os quatro sintomas mórbidos da desorientação atual, que são, respectivamente, segundo o filósofo francês: (1) o parlamentarismo inepto, (2) o extremismo racista e fascizante, (3) o liberalismo econômico cínico e (4) a resignação decepcionada da esquerda²³⁶. Além disso, todas elas giram em torno de uma noção mais ou menos vaga de “liberalismo autoritário”, seja para defender, seja para criticar essa noção.

A primeira tendência é a daqueles que Badiou denomina como “verdadeiros democratas”, que prezam pela liberdade individual a todo custo. Essa tendência propaga a ideia de guerra pela democracia, defendendo o uso autoritário da força estatal para fora do Estado, contra Estados autoritários que não aceitam a democracia institucional, e liberdade aos cidadãos do Estado ao qual pertencem. Durante a pandemia de Covid-19, um dos argumentos desses democratas foi culpar Wuhan e o “Estado autoritário” da China pela disseminação do vírus. Assim, a desorientação democrática é indiferente em relação às lutas antigovernamentais que propiciaram o aparecer dessa igualdade política (que leva o nome de democracia em alguns países), contra a desigualdade política propiciada pelo capitalismo²³⁷.

A segunda tendência é a dos nacionalistas autênticos, que reproduzem uma certa nostalgia nacionalista de outrora. Essa tendência propaga a ideia de guerra pela nação, defendendo o uso autoritário da força estatal contra os inimigos internos da nação (especialmente imigrantes), e máxima liberdade aos cidadãos supostamente autóctones. Por defenderem uma espécie de nacional autóctone, o racismo costuma se fazer bastante presente nessa tendência. Durante a pandemia de Covid-19, os

²³⁶ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 13.

²³⁷ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 6-7. A esse respeito, podem ser elucidativas as contribuições de Claude Lefort, por mais que Badiou não coadune totalmente com seus posicionamentos. A defesa da democracia de Lefort deriva de sua crítica ao totalitarismo. Contra os regimes totalitários e as narrativas totalizantes, Lefort enfatiza o caráter plural, espontâneo e auto-organizado das revoltas que buscam dar efetividade a uma maior participação política das massas. E um dos pontos em comum dessas revoltas é a busca por um novo modelo político que seja capaz de combinar diferentes tipos de poder para impedir a separação entre sociedade e Estado. Sobre isso, conferir LEFORT, Claude. *A invenção democrática: os limites do totalitarismo*. Tradução de Isabel Marva Loureiro. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, p. 125-131.

nacionalistas culpam os “inimigos internos” pela disseminação do vírus. Desse modo, a desorientação nacionalista é indiferente às lutas antiestatais que propiciaram o aparecer da nação enquanto tipo de comunidade, em contraposição ao imperialismo capitalista²³⁸.

A terceira tendência é a dos liberais clássicos, que prezam pela liberdade econômica (circulação do dinheiro) acima de tudo. Para os liberais clássicos, deve haver liberalismo econômico, na forma da máxima privatização, mas também deve haver autoritarismo político contra aqueles que se opõem à liberdade econômica. Na pandemia de Covid-19, essa espécie de liberalismo autoritário ganhou forma com a combinação das ordens sanitárias estatais e das empresas privadas: os governos concediam à indústria farmacêutica (privada) o monopólio das vacinas e impunham (autoritariamente) a observância de regras que visavam controlar o vírus. Assim, a desorientação liberal é indiferente à lei geral do processo de acumulação de capital, segundo a qual a produção de riqueza depende da eficácia dos mecanismos estatais que reproduzem a miséria²³⁹.

E a quarta tendência é formada pelos neoesquerdistas, isto é, por aquilo que resta do espectro esquerdista, que se caracterizam pela constante crítica, por um agir

²³⁸ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 7-8. Segundo o historiador inglês Benedict Anderson, a nação é uma comunidade política imaginada como tal, em um nível inconsciente, por aqueles que a compõem. Isso porque, mesmo que os membros de uma nação não conheçam a grande maioria de seus integrantes, eles pressupõem a imagem de sua comunhão como algo natural. Essa imagem é produzida, segundo o antropólogo inglês Victor Turner, por meio das identificações geradas nos processos de formação estatal ou, principalmente, através de lutas anticoloniais nos Estados já formados, que agregam contingentes dominados contra a estratificação colonial. Ademais, conforme Anderson, apesar das desigualdades internas, a nação é imaginada como uma fraternidade horizontal que deixa de lado as heterogeneidades internas. Sobre esse tema, conferir ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 32-34; TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Tradução de Fabiano Moraes. 1. ed. Niterói: EdUFF, 2017, p. 132-134.

²³⁹ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 8-9. Em sua crítica à economia política clássica, Marx demonstra como a visão idílica da acumulação de bens ignora o caráter sistêmico da miserabilidade e da formação de um exército industrial de reserva que aumente a oferta de mão de obra e reduza o seu valor de modo perene. Ademais, é interessante a contribuição de Pierre Dardot e Christian Laval sobre o tema, apesar de ambos os autores proporem uma solução aos problemas contemporâneos pela via da subjetividade foucaultiana, que tem um sentido bastante distinto da teoria do sujeito de Badiou. Como apontam Dardot e Laval, a atual “racionalidade” (modo de agir) das práticas estatais, que corresponde, em grande parte, àquela professada nas teorias econômico-sociais de neoliberais austríacos e norte-americanos, compreende a importância da atuação estatal para a manutenção das trocas econômicas. Sobre isso, conferir MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. I. 1. Tradução de Rubens Enderle. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 704-708; DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 275-288; 395-401.

intenso e pela falta de propostas. Pretendendo atacar tanto o liberalismo quanto o autoritarismo sem nenhuma proposição afirmativa, faltando a eles a positivação de um projeto de conjunto, os neoesquerdistas são fadados a se unir a partidários das demais tendências a fim de satisfazerem demandas de curto prazo. É o que aconteceu na pandemia de Covid-19, quando os políticos da esquerda se uniram a democratas e a liberais com o intuito de defender uma ação autoritária do Estado a favor da aplicação de coerções referentes às medidas sanitárias.

A desorientação esquerdista, portanto, é indiferente ao seu próprio fracasso de fazer aparecer a verdade das demais tendências, submetendo-se passivamente às concessões e aceitando a decepção como horizonte de expectativas permanente. Os “donos do poder” se aproveitam dessa resignação indiferente, pois ela corrobora sua orientação subjetiva reacionária, que visa negar ou ocultar todo processo verdadeiro que escape às regras do jogo político²⁴⁰.

É por essa razão que, em *Orientar-se no pensamento, orientar-se na existência*, Badiou toma a esquerda, em sua generalidade (e não apenas o neoesquerdismo atual), como uma categoria filosófica que organiza a decepção que segue toda vitória eleitoral. A desorientação da esquerda consiste, portanto, na aceitação decepcionante de que toda proposta de mudança deve passar pelas regras do jogo eleitoral, devendo, pois, se submeter às coalizões e concessões partidárias, resultando num mínimo de modificação. Em outras palavras, a desorientação de esquerda desloca o ser de uma verdade diretamente para seu aparecer, sobrepondo a lógica mundana à ontologia²⁴¹.

Pelo fato de a esquerda ser concessiva e aceitar a decepção, aqueles que não aceitam a decepção, mas também não se enquadram em nenhuma outra tendência, afastam-se dela, formando a figura do rebelde. Badiou toma o rebelde, portanto, como uma categoria filosófica que organiza a desesperança em relação a todo aparecer mundano. Assim, a desorientação rebelde consiste na não aceitação, ou num repúdio niilista à aceitação, de toda ordem e todo trabalho disciplinado. O rebelde é aquele que sacraliza a desordem e segue uma disciplina do desregramento,

²⁴⁰ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 9-10.

²⁴¹ BADIOU, Alain. *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*. Séminaire public d'Alain Badiou. Paris, 2004-2005. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/04-05.htm>. Acesso em 19 jan. 2025.

perseverando em seu ser sem contribuir de qualquer modo com o aparecer mundano daquilo que acredita. No entanto, ao fazê-lo, ele nada mais faz que tomar como verdadeiro o puro vazio indeterminado que faz parte de todo e qualquer ser-múltiplo, simplesmente estabelecendo uma relação objetiva (negativa) para com a totalidade inespecífica dos objetos mundanos. Em outros termos, a desorientação do rebelde desloca o aparecer de uma verdade para o puro ser subtrativo, sobrepondo a ontologia à lógica mundana²⁴².

A partir das categorias da esquerda e do rebelde²⁴³, Badiou afirma que, no fundo, a questão da desorientação é uma questão lógica, na medida em que, não discernindo entre o ser e o aparecer de uma verdade, “a desorientação consiste na sobreposição de uma certa lógica a outra”²⁴⁴. Sobrepondo-se uma lógica à outra, a verdade é dissimulada ou como aquilo que há de plenamente irrealizável, ou como aquilo que se realiza nas regras do jogo, tomando-se como impossível a aparição de um inexistente verdadeiro. Assim, a desorientação reduz a diferença entre orientar-se e não orientar-se por uma verdade a um mero debate interpretativo de opiniões que deixa de lado aquilo que há de existencialmente verdadeiro nessa diferenciação²⁴⁵.

A partir desse prévio enquadramento conceitual fornecido por Badiou, o qual permite compreender a desorientação como um efeito da derrota provisória ou do obscurecimento de um procedimento de verdade, o filósofo francês aprofunda esse diagnóstico ao examinar a lógica interna dos movimentos “coléricos”

²⁴² BADIOU, Alain. *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*. Séminaire public d'Alain Badiou. Paris, 2004-2005. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/04-05.htm>. Acesso em 19 jan. 2025.

²⁴³ O motivo da escolha dessas duas figuras por parte de Badiou é duplo. Em primeiro lugar, essa escolha se dá em decorrência da crítica que Badiou dirige à falta de orientação subjetiva da esquerda. Não sendo capaz de fazer aparecer uma verdade, a esquerda afasta os rebeldes de sua própria causa, permitindo que eles sejam atraídos por tendências políticas institucionais aparentemente mais radicais. Em segundo lugar, essa escolha se dá em razão de ambas as figuras manterem alguma proximidade com a ideia de novidade, de modo que ambas funcionam como tipos ideais que conseguem revelar toda a extensão da ideia de desorientação.

²⁴⁴ BADIOU, Alain. *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*. Séminaire public d'Alain Badiou. Paris, 2004-2005. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/04-05.htm>. Acesso em 19 jan. 2025. Tradução nossa.

²⁴⁵ Esse debate ganha corpo, por exemplo, no voto eleitoral, que consiste na ilusão desorientante de que o voto democrático consistiria em uma verdadeira escolha. Na verdade, porém, o voto nada mais faz que incorporar o medo da indeterminação social como substrato para a livre ação administrativa e policial do Estado, atribuindo legitimidade a toda ação exercida ou ordenada pelo corpo político eleito. Sobre issos conferir BADIOU, Alain. *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*. Séminaire public d'Alain Badiou. Paris, 2006-2007. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/06-07.2.htm>. Acesso em 19 jan. 2025.

contemporâneos²⁴⁶. Badiou mostra que esses movimentos, mesmo quando massivos ou veementes, estão submetidos ao que ele denomina como *negação fraca*: uma oposição localizada, interior ao regime que combatem e dependente dele para qualquer decisão. Visto do prisma da fenômeno-lógica, esse tipo de negação é característico da singularidade fraca, que afeta apenas aquilo que já aparece absolutamente em um dado mundo²⁴⁷. Uma das formas de manifestação dessa negação, portanto, são as reivindicações contidas nos movimentos coléricos. No entanto, conforme Badiou, reivindicar reformas pontuais pressupõe aceitar que o Estado detém o monopólio das decisões e que pode concedê-las ou não, de modo que tais movimentos permanecem presos à interioridade e à dependência da ordem capitalista²⁴⁸.

Essas reivindicações perfazem exatamente o oposto da afirmação universal de um comum da política, o que seria caracterizado por uma verdadeira orientação comunista. Segundo Badiou, uma ideia é a subjetivação de uma relação possível entre um inexistente verdadeiro e uma dada representação histórica, expondo a verdade numa estrutura de ficção²⁴⁹. Uma ideia, portanto, possibilita fixar aquilo que há de inapreensível na história, ampliando a experiência localizada em direção ao universal de uma verdade²⁵⁰. Nesse ínterim, a ideia de comunismo tem como função “sustentar a incorporação individual na disciplina de um processo de verdade, [isto é,] autorizar o indivíduo, a seus próprios olhos, a exceder as imposições estatais da sobrevida, tornando-se uma parte do corpo de verdade ou corpo subjetivável”²⁵¹. É por essa razão que Badiou afirma que, sem a ideia de comunismo, “a desorientação das massas populares é inelutável”²⁵².

Nesse sentido, a crise prolongada do processo comunista teria aberto espaço

²⁴⁶ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 24-25.

²⁴⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 415.

²⁴⁸ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 22.

²⁴⁹ BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 134.

²⁵⁰ BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 141.

²⁵¹ BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 143.

²⁵² BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 145.

para a proliferação global desses movimentos ineficazes, cujas ações, embora ruidosas, fracassam sistematicamente em transformar a situação e podem até reforçar forças reacionárias, como ocorreu com a ascensão de Al-Sissi no Egito, o endurecimento estatal em Hong Kong ou, na França, a emergência de Zemmour, no cenário político francês²⁵³. Assim, Badiou conclui que a desorientação contemporânea no âmbito da política decorre de uma estrutura política marcada pela ausência de afirmação universal, pela redução da ação à negatividade imediata e pela celebração irracional da “cólera” como suposta subjetivação política²⁵⁴. E retomando Marx, Lênin e Mao, Badiou reitera que nenhuma política comunista pode derivar da simples negação do capitalismo: quando a negação se submete às regras da ordem existente, o resultado é apenas uma variante renovada (neostalinista) do próprio capitalismo²⁵⁵.

Badiou, portanto, evidencia que uma das causas da desorientação são os movimentos políticos que confundem negatividade imediata com ação emancipatória, sobrepondo a lógica do mundo à lógica da verdade. Ao permanecerem interiores ao Estado e dependentes dele, tais movimentos tornam-se incapazes de produzir o aparecer de um inexistente verdadeiro e acabam por reforçar o espaço político reacionário. A desorientação, portanto, consiste precisamente nessa incapacidade de distinguir entre o ser e o aparecer de uma verdade: ao tomar a negação fraca como ação política, sobrepõe-se a lógica imanente da ordem capitalista à lógica própria do procedimento comunista, bloqueando qualquer orientação verdadeira e reduzindo a política a um ciclo interminável de reivindicações, frustrações e reabsorções pela própria ordem que se pretendia contestar.

A partir do diagnóstico geral da desorientação, pode-se entender o exame que Badiou realiza do feminismo contemporâneo como a análise de uma configuração subjetiva marcada pela interioridade e pela dependência em relação ao Estado e ao capital. Em *Notas sobre a desorientação do mundo*, ele observa que o feminismo atual, ao contrário de suas figuras históricas, tornou-se inteiramente compatível com a ordem vigente, a ponto de existir confortavelmente no interior de governos, como no

²⁵³ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 23-24.

²⁵⁴ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 24.

²⁵⁵ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 24-25.

de Macron²⁵⁶. Essa domesticabilidade decorre do fato de que um dos principais eixos de suas intervenções é a incitação à denúncia incessante das mais banais condutas masculinas, a qual permanece inscrita numa lógica negativa e judicializante, incapaz de romper com o quadro geral das relações capitalistas²⁵⁷. O resultado é a instauração de uma suspeita generalizada, produtora de “um tribunal anti-masculino improvisado”²⁵⁸, cujos verdadeiros operadores são a opinião pública excitada e o Estado repressivo.

É nesse ponto que, segundo Badiou, intervém um dos efeitos centrais da desorientação: a redução da relação entre homens e mulheres a uma disputa identitária administrada pela democracia capital-parlamentar. A delação desenfreada, intensificada pelas redes sociais, confere às opiniões o estatuto de verdade imediata, tornando-as mais eficazes que qualquer demonstração racional²⁵⁹. Esse mecanismo transforma o feminismo num fator eleitoral entre outros, desprovido de alcance político real e perfeitamente integrado ao jogo democrático, que é “indiferente ao gênero de seus principais atores”²⁶⁰.

Por fim, Badiou identifica no apagamento da questão do amor o ponto decisivo dessa desorientação. O feminismo contemporâneo, ao manter uma indiferença suspeita em relação ao amor²⁶¹, erige uma barreira entre homens e mulheres que impede a construção de um mundo comum. Contra isso, ele afirma que somente o amor, entendido como “o devir diferenciado do comum”²⁶², é capaz de retirar a relação sexuada da lógica identitária e restituir-lhe seu sentido próprio: a invenção compartilhada de um mundo. Assim, a desorientação que atravessa o feminismo não consiste apenas na derrota provisória do amor enquanto verdade, mas sobretudo em sua substituição por uma multiplicidade de opiniões, delações e pequenas negativas

²⁵⁶ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 28.

²⁵⁷ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 29-30.

²⁵⁸ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 31, tradução nossa.

²⁵⁹ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 32.

²⁶⁰ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 33, tradução nossa.

²⁶¹ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 34.

²⁶² BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 34, tradução nossa.

que permanecem inteiramente interiores à ordem que pretendem contestar.

Deslocando seu olhar do feminismo para o chamado “ecologismo”, Badiou vê a ecologia dominante como um exemplo particularmente nítido de como a ausência de uma orientação verdadeira converte um conjunto de problemas reais em lamentação moral, superstição e culto. Embora reconheça a gravidade das destruições produzidas pelo capitalismo globalizado, Badiou afirma que a ecologia hegemônica falha justamente por recusar-se a identificar a causa real dos fenômenos destrutivos, preferindo manter-se num terreno consensual em que se dirige a todos e evita nomear o capitalismo como fonte do mal²⁶³. Essa recusa, observa ele, produz um deslocamento “religioso”: congressos ecológicos tornam-se peregrinações e a Terra, transformada em “Gaia”, adquire os traços de uma divindade ofendida. Nesse quadro, o ecologista aparece como sacerdote ou eremita, pregando boas ações individuais (comer menos carne, cultivar hortas orgânicas, usar bicicleta) que não têm qualquer eficácia estrutural enquanto a propriedade privada e o comando capitalista da produção permanecem intocados²⁶⁴.

A desorientação torna-se ainda mais evidente quando Badiou analisa a incapacidade interna da ecologia de sustentar uma posição coerente acerca da produção energética. Movimentos inteiros, antes centrados na rejeição intransigente da energia nuclear, veem-se obrigados, décadas depois, a admitir sua necessidade diante do fracasso de alternativas “naturais”, como marés, vento, água, petróleo e carvão, todos insuficientes ou perigosos²⁶⁵. O percurso que vai da denúncia da energia nuclear como ameaça mortal à sua afirmação como “única solução disponível”²⁶⁶ exemplifica o movimento circular e improdutivo característico da desorientação: uma oscilação entre negativas e recuos que jamais alcança um ponto orientado capaz de organizar a ação coletiva²⁶⁷. Assim, a ecologia dominante, ao permanecer interior ao Estado e ao capital, condena-se à impotência: sem uma

²⁶³ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 35-36.

²⁶⁴ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 36-37.

²⁶⁵ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 37-38.

²⁶⁶ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 38, tradução nossa.

²⁶⁷ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 38.

orientação comunista, ela não pode senão repetir lamentos, adaptar-se às circunstâncias e terminar por reforçar a própria ordem que pretende criticar.

No que diz respeito ao âmbito da educação, Badiou descreve uma profunda desorientação do ensino contemporâneo, cujo núcleo reside na incapacidade das instituições escolares estatais de ensinar “o que é pensar, saber e argumentar”²⁶⁸. Diante da onipresença tecnológica e de seu incentivo à passividade, o ensino abandonaria sua antiga tarefa platônica: não a de acumular respostas exteriores, mas a de “saber como passamos, pessoalmente e com recursos próprios, da ignorância ao conhecimento”²⁶⁹. O verdadeiro ensino deveria rejeitar o falso saber propagado pelo uso contínuo dos dispositivos eletrônicos como meio de aprendizado e restaurar os saberes problematizantes, nos quais cada estudante aprende a traçar por si mesmo o caminho do conhecimento. É por isso que, para Badiou, o professor é sempre um guia do pensamento, mostrando como selecionar, na torrente de informações informes²⁷⁰, apenas aquilo que ilumina um percurso em direção a uma verdade.

Essa desorientação do ensino se relaciona, também, com o que Badiou denomina como um desvio ideológico da laicidade. A laicidade, inicialmente compreendida como neutralidade escolar em relação às religiões, transformou-se num instrumento de combate dirigido contra famílias proletárias de origem muçulmana. A partir das migrações dos anos 1960, medidas estatais passaram a proibir modos de se vestir ou a participação de mães com véu em atividades escolares, convertendo a laicidade numa arma que tomava o islamismo como inimigo público. Assim, diz Badiou, a neutralidade foi substituída por uma “visão totalmente desorientada sobre o que a laicidade pode e deve ser”²⁷¹, integrada ao discurso das supostas origens cristãs da civilização democrática. O resultado é que a palavra “laicidade” foi capturada pela ideologia dominante e tornou-se mecanismo para “apertar as rédeas no pescoço dos proletários de origem africana ou do Oriente Médio”²⁷².

²⁶⁸ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 39, tradução nossa.

²⁶⁹ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 39, tradução nossa.

²⁷⁰ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 41.

²⁷¹ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 45, tradução nossa.

²⁷² BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 46, tradução nossa.

Desse ponto de vista, ensino e laicidade sofrem de um mesmo processo: ambos perdem sua função universal e orientadora quando se tornam interiormente submissos ao regime das opiniões, da circulação tecnológica de informações e dos interesses do Estado capitalista. A missão cultural do ensino de transmissão da “cultura do universal”²⁷³ degrada-se numa creche que abandona os jovens à confusão, enquanto a laicidade converte-se em instrumento repressor²⁷⁴. Em ambos os casos, verifica-se a desorientação, na forma do obscurecimento da diferença entre verdadeiro e falso, universal e particular, ensino e opinião, neutralidade e cruzada identitária.

Essa desorientação contemporânea, segundo Badiou, decorre do retorno do que ele denomina como “ideologia burguesa”²⁷⁵. Para Badiou, a ideologia é entendida como um processo conflituoso que se estrutura a partir de três elementos: uma forma dominante revisionista (“ideologia burguesa”), um conteúdo popular imediato (“ideologia proletária”) e a determinação das massas pela implementação desse conteúdo popular²⁷⁶. Assim, a ideologia burguesa funciona como esse elemento formalizador necessariamente conservador e revisionista que afeta o modo de ser dos animais humanos, impondo uma moral individualista generalizada²⁷⁷.

Essa ideologia produz uma dupla operação: de um lado, ela propaga o culto ao eu, que toma as liberdades individuais como fundamento absoluto da política; de outro, ela busca identificar indivíduos ou grupos culpados por tudo aquilo que frustra esse eu. Articulando a autorreferência individual e a responsabilização de terceiros, essa dialética desloca a crítica do sistema capitalista para figuras particulares. Assim, para sustentar essa predileção do eu em detrimento do outro, a ideologia burguesa dominante exige categorias coletivas negativizadas, como os judeus para o nazismo

²⁷³ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 41, tradução nossa.

²⁷⁴ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 45.

²⁷⁵ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 46.

²⁷⁶ BADIOU, Alain; BALMÈS, François. 2. Revolt and Communist Invariants: B. The Old, The New, The Invariant. In: BADIOU, Alain; BALMÈS, François. *On Ideology*. Tradução para o inglês de J. E. Morain. Disponível em: <https://www.negationmag.com/articles/on-ideology-badiou-balmes>. Acesso em 3 dez. 2025.

²⁷⁷ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 46.

e os migrantes para a extrema direita contemporânea²⁷⁸. Isso porque o individualismo depende da existência de “categorias coletivas portadoras do Mal”²⁷⁹.

O paradoxo se completa com o identitarismo, culminando na reativação de uma identidade fictícia, como a do suposto “verdadeiro francês”, que, historicamente, serviu tanto para mobilizar massacres imperialistas quanto para legitimar alianças reacionárias²⁸⁰. Assim, a desorientação manifesta-se como um efeito estruturado: ao transformar conflitos objetivos em enfrentamentos personalizados e identitários, reforça-se a ordem capitalista que se pretende mitigar. Da recusa da vacina ao voto em Zemmour, o individualismo burguês organiza uma dialética entre o eu soberano e o outro ameaçador, produzindo um nacionalismo agressivo que protege “os verdadeiros franceses” enquanto legitima o poder cada vez mais concentrado da grande burguesia. É por isso que Badiou afirma que “uma desordem evidente só pode ser devidamente compreendida quando vista como um efeito da ordem da qual ela deriva”²⁸¹.

A partir das considerações feitas pelo filósofo francês em *Notas sobre a desorientação do mundo*, é possível distinguir, portanto, alguns modos de aparição da desorientação no mundo contemporâneo. Em primeiro lugar, a desorientação aparece como uma *mistura incoerente de posições políticas*, em que movimentos distintos convergem de modo contraditório devido à falta de um ponto fixo universal. Em segundo lugar, ela aparece como os *quatro sintomas mórbidos da política* (parlamentarismo inepto, extremismo racista, liberalismo clínico, resignação esquerdista), nos quais cada tendência se torna indiferente à verdade. Em terceiro lugar, a desorientação se manifesta como *ação política reduzida à negatividade imediata*, isto é, movimentos coléricos que permanecem internos ao Estado, dependentes dele e incapazes de gerar o aparecer de um inexistente verdadeiro. Em quarto lugar, ela aparece como *interiorização completa do feminismo no Estado e no capital*, reduzindo a relação entre homens e mulheres a disputa identitária, delação e

²⁷⁸ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 48-49.

²⁷⁹ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 48, tradução nossa.

²⁸⁰ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 50.

²⁸¹ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, p. 50, tradução nossa.

judicialização. Em quinto lugar, a desorientação aparece como *conversão dos problemas ecológicos em moralismo*, superstição e culto, a qual evita nomear o capitalismo como causa. E em sexto lugar, a desorientação se manifesta como *colapso da função universal do ensino*, substituído por passividade tecnológica e opinião. E em sétimo lugar, ela aparece como *distorção ideológica*, transformada em instrumento repressivo dos “verdadeiros franceses” contra migrantes.

Com base nesses diferentes modos de manifestação da desorientação no mundo contemporâneo, podemos chegar a três conclusões a respeito dessa categoria filosófica:

1. A desorientação é um *estado difuso de desordem afetiva e prática* que se instala quando um procedimento de verdade é derrotado, obscurecido ou interrompido.
2. A desorientação preza por um *agir negativo*, interior ao Estado, dependente de seus elementos e tendente ao identitarismo.
3. A desorientação, enquanto efeito direto do retorno da ideologia burguesa, promove o *culto ao eu*, *identifica o Mal em certos grupos* específicos e reativa *identidades fictícias* em torno da oposição a esse Mal.

À luz desse diagnóstico, percebe-se que a desorientação, longe de ser um fenômeno acidental ou disperso, emerge como efeito articulado de múltiplas sobreposições lógicas que obscurecem a diferença entre o ser e o aparecer de uma verdade. Ao longo das análises de Badiou, viu-se que esse obscurecimento atravessa a política, as lutas sociais, as relações entre os sexos, o ecologismo, a educação e a ideologia, configurando uma totalidade aparentemente incoerente de sintomas que testemunham a derrota provisória de procedimentos de verdade capazes de organizar o comum. A questão, porém, permanece aberta: de que modo, e sob quais condições, pode-se conectar a desorientação à categoria da orientação? Na próxima seção, tentaremos dar uma resposta a esta pergunta.

4.6 SOBRE A RELAÇÃO ENTRE DESORIENTAÇÃO E ORIENTAÇÃO

A partir das conclusões alcançadas na seção anterior, pode-se definir provisoriamente a desorientação como um estado de desordem, caracterizado por um

agir negativo e guiado por uma noção de Mal que se opõe às verdades. Essa definição, por sua vez, encontra lastro na Teoria do Mal, que Badiou constrói a partir de sua ética das verdades. Nessa construção, o filósofo francês pretende mostrar de que modo o problema do Mal deriva do mesmo plano do Bem, que é o plano da orientação subjetiva a partir de uma verdade. Em razão disso, os parágrafos abaixo buscarão trazer o panorama geral da articulação badiouana contida em sua *Ética*.

A reflexão de Badiou sobre o Mal parte de uma inquirição a respeito da inserção do animal humano na ordem dos valores. Segundo o filósofo francês, o ser humano, enquanto vivente, não está, em si mesmo, sujeito a qualquer juízo de valor: encontra-se *aquém* do Bem e do Mal. Essa sua argumentação decorre de uma releitura da super-humanidade nietzscheana, que estaria além do Bem e o Mal²⁸²: segundo Badiou, Nietzsche incorreria numa quimera, já que nenhuma potência vital pode situar-se além do Bem e do Mal, e toda vida, inclusive a humana, permanece sempre abaixo da decisão ética propriamente dita. Isso porque Badiou entende que o terreno da ética (e, portanto, do Bem e do Mal) não se funda na vida, mas na irrupção de algo que rompe sua imanência²⁸³.

É precisamente essa irrupção que Badiou identifica no trajeto subjetivo que investiga a conexão entre o ser-múltiplo e um processo de verdade. Somente os raros forçamentos desses trajetos fazem surgir o Bem e, correlativamente, o Mal²⁸⁴. A ruptura imanente que caracteriza a localização de uma verdade desorganiza o princípio de sobrevivência e de interesse do vivente, instaurando uma “norma interna de desorientação prolongada da vida”²⁸⁵. Participar de um sujeito de verdade equivale, assim, a expor-se a uma desmedida que suspende a ordem natural da vida. O Bem, portanto, deve ser entendido como essa capacidade de alguém de integrar-se à composição subjetiva de uma verdade, capacidade esta que, em seu exercício, desestrutura e reconfigura a própria vitalidade²⁸⁶.

A consequência mais estranha, mas inevitável, dessa definição é que o Mal deve ser concebido como uma possibilidade interna às verdades. Ele não se explica

²⁸² NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 9-28, 174-179.

²⁸³ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 53.

²⁸⁴ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 53-54.

²⁸⁵ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 54, tradução nossa.

²⁸⁶ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 54.

pela simples ausência do Bem, como pretendia Platão ao entendê-lo como ignorância ou privação²⁸⁷. Se o Mal pode ser identificado como forma do ser-múltiplo, é porque ele emerge como efeito possível do próprio Bem. Em outras palavras, só há Mal porque há verdades e porque existem sujeitos empenhados em sua fidelidade, de modo que o Mal aparece como um efeito desregulado da potência do verdadeiro²⁸⁸. A ética, portanto, não consiste na gestão abstrata de valores, mas na exposição a um risco inerente a todo processo de verdade.

É nesse ponto que Badiou, partindo de sua crítica a Lévinas, reforça sua discrepância em relação às éticas consensualistas e transcendentais. Para Badiou, o problema da filosofia de Lévinas é o de buscar sustentar a categoria do Todo-Outro (*Tout-Autre*) no interior de uma fenomenologia do olhar. Esse recurso ao Todo-Outro não impede, segundo a concepção badiouana, uma construção imagética meramente reflexiva da alteridade, segundo a qual se valoriza “esse eu-mesmo-à-distância que, justamente por ser ‘objetividade’ para a minha consciência, me constrói como dado estável, como interioridade *em sua exterioridade*”²⁸⁹.

Conforme Badiou, não há nada no nível do fenômeno que garanta uma experiência verdadeira da distância da alteridade, sendo preciso explicitar os axiomas que decidem acerca da orientação²⁹⁰. Essa concepção possibilita uma hipostasiação da alteridade no campo do fenômeno, reforçando-se uma apreensão do Todo-Outro como instância absoluta teológica que prevalece sobre os fenômenos. E assim como Lévinas, de acordo com Badiou, hipostasia a abertura ao outro ao pressupor um Todo-Outro absoluto, os defensores da ética dominante – isto é, aqueles que propagam a legislação dos direitos humanos desconsiderando outras culturas e as desigualdades produzidas no bojo do processo de acumulação capitalista – invocam um Mal radical que funcionaria como critério supremo de julgamento²⁹¹. Ao invés de pensarem o Mal a partir de sua relação constitutiva com o Bem e com a estrutura dos processos de verdade, acabam por pressupor uma transcendência negativa que legisla sobre as situações.

²⁸⁷ PLATÃO. *A República*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Edição Bilingue. 1. ed. Belém: Ed.ufpa, 2016, p. 573-589.

²⁸⁸ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 54-55.

²⁸⁹ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 21-22, tradução nossa.

²⁹⁰ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p.22.

²⁹¹ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 55.

Levando em conta os possíveis exemplos de Mal propiciados pela história contemporânea, o extermínio nazista poderia funcionar como a figura exemplar dessa transcendência negativa: ele se torna aquilo cuja não repetição deve orientar qualquer julgamento ético e político²⁹². O extermínio fornece, assim, uma exemplaridade negativa, operando como medida única, inigualável e indizível do Mal em nosso tempo. Traçando um paralelo com o Todo-Outro da filosofia de Lévinas, que serve como medida incomensurável da alteridade, Badiou vê o extermínio como o Todo-Mal que orienta, por transcendência, a avaliação das situações históricas²⁹³.

Esse estatuto exemplar gera um paradoxo estrutural: o extermínio é simultaneamente declarado como impensável e indizível, sem precedentes nem possibilidade de repetição, e, ao mesmo tempo, é incessantemente invocado para esquematizar toda circunstância na qual se busque produzir uma consciência pública do Mal²⁹⁴. Isso implica que a abertura ao Mal em geral depende historicamente da referência contínua ao Mal radical. Essa tensão interna configura, em última instância, o paradoxo de toda transcendência: aquilo que deve servir como medida precisa ser afirmado como imensurável.

Esse paradoxo é, na verdade, o do próprio Mal radical (e, aliás, de qualquer "transcendência" de uma realidade ou conceito). Aquilo que fornece medida deve ser imensurável, e, ainda assim, constantemente mensurado. O extermínio é, de fato, o que dá medida a todo o Mal de que nossa era é capaz, sendo, portanto, imensurável em si mesmo e aquilo ao qual, mensurando-o incessantemente, devemos comparar tudo o que exigimos que seja julgado segundo a evidência do Mal. Este crime, como o supremo exemplo negativo, é inimitável, da mesma maneira que todo crime é uma imitação sua.²⁹⁵

Ao deslocar o foco para a política nazista, Badiou pretende mostrar como essa transcendência se articula ao projeto de uma suposta "subjetivação" coletiva. Nesse projeto político, a categoria de "judeu" foi empregada negativamente para delimitar o espaço alemão. Funcionando como um elemento externo ao espaço alemão, mas rastreável a partir de seu interior, o judeu nomeava aquilo que era alheio ao espaço alemão para a política nazista. Assim como a comunidade dos "verdadeiros franceses" depende da exclusão dos imigrantes ilegais, o nazismo definiu com precisão a

²⁹² BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 56.

²⁹³ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 56.

²⁹⁴ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 56.

²⁹⁵ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 56-57, tradução nossa.

comunidade histórica cuja subjetividade conquistadora pretendia instaurar²⁹⁶.

Não se trata de uma subjetividade verdadeira, posto que, para Badiou, a empeitada exterminista nazista não consistiu em um processo de verdade. Porém, foi somente na medida em que a política nazista pôde ser representada, para um conjunto de animais humanos, como um processo de verdade, que ela conseguiu obter eficácia. Desse modo, Badiou argumenta que a singularidade política que dá forma ao Mal depende, ao menos, da possibilidade de que seja representada como um processo de verdade, razão pela qual o Bem e o Mal ocupam o mesmo plano²⁹⁷.

Isso implica que o Mal não é uma categoria do animal humano, mas do sujeito e da verdade. Em outras palavras, ele só se distingue da predação banal quando visto do ponto de vista do Bem, isto é, a partir da captura subjetiva de alguém por parte de um processo de verdade²⁹⁸. Assim, a ética das verdades, enquanto consistência da fidelidade, é precisamente o que se opõe ao Mal que cada verdade singular torna possível. Esse Mal, por sua vez, possui diferentes formas, podendo se manifestar, segundo Badiou, como simulacro, como traição ou como desastre.

O Mal como *simulacro* (ou *terror*) se caracteriza por um excesso de nomeação por parte do suposto trajeto subjetivo em torno de um acontecimento. Esse “acontecimento” é marcado pelo vocabulário da substância, à medida que ele “faz vir ao ser, supostamente, não o vazio da situação anterior, mas sua plenitude”²⁹⁹. Diferentemente do que ocorre no caso de um acontecimento verdadeiro, o Mal como simulacro consiste na conexão daquilo que é tomado como verdade não ao inexistente de uma situação ou de um mundo, mas a uma certa particularidade (existente) dessa situação ou desse mundo. Em outras palavras, não é um ponto de inexistência que é tomado como universal, mas uma particularidade já existente que, alegadamente, rompe com o que já existe³⁰⁰.

A ideia de “simulacro” reside nesse falseamento de se tomar algo plenamente existente como manifestação (disruptiva) de uma verdade. Portanto, essa suposta substância, quando tomada como uma particularidade “plena”, funciona como um

²⁹⁶ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 58.

²⁹⁷ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 59, tradução nossa.

²⁹⁸ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 60.

²⁹⁹ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 65, tradução nossa.

³⁰⁰ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 64-65.

simulacro de verdade³⁰¹. Mas como todo processo de verdade depende do sujeito e da fidelidade, ele é acompanhado da obrigação de uma fidelidade a essa “verdade” e da promoção de um simulacro de sujeito³⁰². Por meio desse conjunto de simulações, o Mal como simulacro destaca uma certa particularidade como verdadeira e autoriza o emprego do terror contra todo outro existente.

O principal exemplo do Mal como simulacro é a política empregada pela Alemanha nazista que, tomando a suposta “comunidade ariana” como substância, se opôs a tudo que lhe era estranho. A figura do judeu, portanto, representa a redução ao nada de tudo o que não faz parte da “verdadeira” Alemanha³⁰³. Desse modo, os “alguéns” que se ligavam a esse simulacro de trajeto subjetivo buscavam não o aparecer de um inexistente, mas o desaparecimento de um existente, isto é, a morte ou a escravização de tudo o que escapava a essa particularidade “plena”³⁰⁴.

É exatamente nesse ponto que o Mal como simulacro se conecta ao Bem de uma ética das verdades. A fidelidade ao simulacro, em sua insistência em nadificar o outro, não supõe nada além de sua própria existência particular de animal humano³⁰⁵. Na medida em que o terror postula que não haja nada além da suposta substância de uma certa particularidade existente, promovendo o terror alheio, ele rejeita o retorno do vazio e o aparecer dos inexistentes verdadeiros. Por meio de um simulacro de verdade, o terror impede a prática de uma fidelidade subjetiva verdadeira, ofuscando o trajeto aleatório de uma verdade universal³⁰⁶.

O Mal como *traição* deriva de uma crise atinente à vinculação entre o interesse próprio e os interesses-desinteressados que animam o trajeto subjetivo, guiado por um processo de verdade, do animal humano. Como mencionado anteriormente, do ponto de vista da ética badiouana, a fidelidade a um processo de verdade se assenta em uma ficção de indistinção entre os interesses próprios do animal humano e os interesses-desinteressados relativos ao plano do sujeito³⁰⁷. Contudo, em momentos de crise, essa ficção de indistinção pode ser colocada em xeque e, consequentemente, se romper. E isso faz com que o animal humano traia a verdade

³⁰¹ BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 65.

³⁰² BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 66.

³⁰³ BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 67.

³⁰⁴ BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 66.

³⁰⁵ BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 68.

³⁰⁶ BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 67.

³⁰⁷ BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 49-50.

que sustentava sua integração subjetiva³⁰⁸.

A traição se caracteriza pelo estabelecimento de uma confusão que, de uma certa forma, remete ao simulacro. Isso porque, nesse tipo de Mal, o animal humano questiona se a verdade à qual se conecta fielmente não seria apenas um simulacro que se exerce por meio do terror. E desse questionamento resulta o rompimento para com essa fidelidade verdadeira e a decisão por perseverar no âmbito do ser-múltiplo, isto é, da mortalidade do animal humano³⁰⁹.

A traição, porém, não consiste em mera renúncia, cessação ou abandono de um processo de verdade, mas no autoconvencimento, por parte do animal humano, de que *nunca houve* um processo de verdade. Trata-se, pois, de um Mal que atinge o cerne da fidelidade, produzindo uma infidelidade que nega o trajeto subjetivo fiel. Ao trair o processo de verdade, o animal humano se torna inimigo dessa verdade da qual compunha, em conjunto com outros, o sujeito³¹⁰.

O Mal como *desastre* deriva da potência das verdades, isto é, de seu potencial de transformar as opiniões, ou de renomear o ser-múltiplo do ponto de vista de um acontecimento. Em seu trajeto aleatório o sujeito de uma verdade verifica quais elementos do âmbito do ser-múltiplo são e quais não são conexos ao acontecimento³¹¹. Nessa nomeação, o sujeito, parte finita de uma verdade, força certos elementos do ser-múltiplo levando em conta o inexistente, o que possibilita um rearranjo do plano do ser³¹². Mas esse forçamento depende da aleatoriedade do trajeto subjetivo e de suas respectivas verificações, não compreendendo a totalidade dos elementos de uma dada situação ou de um dado mundo³¹³. Isso porque, conforme Badiou, em todo processo de verdade existe algo que resiste à potência dessa verdade, permanecendo inominável³¹⁴. Isso quer dizer que não existe verdade absoluta, posto que a potência de nomeação de uma verdade é relativa aos seus próprios pressupostos:

O inominável é o que se subtrai ao nome próprio, é a única coisa a subtrair-se dele. [...] Tão singular na sua singularidade, é o único a não

³⁰⁸ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p.69.

³⁰⁹ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 70.

³¹⁰ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 70.

³¹¹ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 72.

³¹² BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 73.

³¹³ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 73-74; BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 432-434.

³¹⁴ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 76-77.

ter nome próprio. O inominável é o ponto em que a situação é pensada em seu ser mais íntimo; na presença pura, que nenhum outro saber pode circunscrever. O inominável é alguma coisa como o *real* indizível de tudo o que uma verdade autoriza a dizer.³¹⁵

Em termos ontológicos, o inominável é o vazio que a linguagem da situação busca incessantemente nomear, de modo a controlar seu excesso³¹⁶. Por mais que haja nomeações do vazio na linguagem da situação, a sua errância é incontornável: o vazio é o que resta de inapreensível para a ontologia³¹⁷. Essa errância, por sua vez, também se estende à nomeação exercida pela língua-sujeito, de modo que a potência de uma verdade não é capaz de excluir o vazio. Isso quer dizer que o vazio só é nomeável (ou que o inexistente só vem à existência) dentro dos limites de uma verdade, isto é, levando em conta aquilo que ela supõe³¹⁸. Por essa razão, resta algo de inominável em toda nomeação operada pela língua-sujeito.

O desastre, por sua vez, ocorre “quando se desencadeia, em ficção, o desejo de forçar a nomeação do inominável”³¹⁹. Ele se dá, portanto, quando a potência de nomeação de uma verdade é ficticiamente substituída por uma potência total, isto é, por uma falsa capacidade de nomear todos os elementos objetivos. Em outras palavras, o desastre consiste no Mal provocado pela “pura e simples substituição da linguagem da situação pela língua-sujeito”³²⁰. Quando uma verdade é tomada como absoluta e quando um trajeto subjetivo “olha” para o ser-múltiplo com a pretensão de totalizar seus elementos a partir da verdade, o Mal se manifesta como desastre.

Se se supõe que a autoridade “absoluta” de uma verdade é capaz de dispor a respeito da totalidade de uma situação ou de um mundo, também “supõe-se que é possível *nadificar a opinião*”³²¹. Mas a singularidade só pode ter existência na singularidade localizada na tessitura das opiniões³²². Assim, nesse cenário de verdade total, tudo o que existe presume-se verdadeiro, não restando nada (nenhum inexistente) fora dessa suposição. Essa presunção total, por sua vez, acarreta dois

³¹⁵ BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito*: conferências brasileiras. Tradução de Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodré. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 49.

³¹⁶ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 79-83.

³¹⁷ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 100-104, 340-342.

³¹⁸ BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1988, p. 413-418.

³¹⁹ BADIOU, Alain. *Conditions*. 1. ed. Éditions du Seuil : Paris, 1992, p. 193-194, tradução nossa.

³²⁰ BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 74, tradução nossa.

³²¹ BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 74, tradução nossa.

³²² BADIOU, Alain. *L'éthique*: essai sur la conscience du Mal. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 75.

efeitos distintos: a destruição da situação e a interrupção do processo de verdade.

Toda absolutização da potência de uma verdade organiza um Mal. Esse Mal é não apenas *destruição na situação* (porque o desejo de nadificar a opinião é, fundamentalmente, idêntico ao desejo de nadificar a animalidade do animal humano e, portanto, seu ser), mas é também *interrupção do processo de verdade* em nome do qual ela se efetua, por não preservar, na composição de seu sujeito, a duplicidade de interesses (interesse-desinteressado e interesse propriamente dito).³²³

É possível defender, no entanto, que há uma certa similaridade entre cada um desses efeitos e os outros dois tipos de Mal descritos por Badiou, quais sejam, o simulacro e a traição. Do mesmo modo que o *simulacro*, a nomeação total do desastre provoca uma destruição (o terror) daquilo que escapa ao plano da verdade (simulacro, no primeiro caso, verdade total, no segundo). E assim como a *traição*, o desastre, ao substituir a linguagem do ser pela língua-sujeito, rompe a fidelidade. Isso porque, ao anular o interesse individual em benefício do interesse-desinteressado, faz com que este seja reproduzido, mecanicamente, como um mero interesse que visa sustentar a situação (ou o mundo) totalmente “nomeada” pela verdade. Ademais, tal como o simulacro e a traição, o desastre, ao excluir o inominável, rejeita o vazio e o devir existente dos inexistentes.

A partir dessa exposição do problema do Mal, é possível retomar algumas considerações contidas na penúltima seção deste trabalho, de modo a estabelecer um paralelo entre *O ser e o acontecimento*, *Lógicas dos mundos* e *A ética*. Em primeiro lugar, como já mencionado, existe, em cada um desses livros, um conjunto de categorias que são mobilizadas por Badiou para nomear aquilo que ele entende como um “orientar-se na existência”: (1) a orientação transversal e genérica, em sua ontologia; (2) a incorporação pelo sujeito fiel, em sua fenômeno-lógica; (3) a ética das verdades, em sua ética. Ademais, mencionamos também que seria possível estabelecer um paralelo entre a orientação de pensamento construtível e o sujeito reativo, de um lado, e a orientação de pensamento dos grandes cardinais e o sujeito obscuro, de outro. Para que esse paralelo tenha eficácia, porém, é preciso que essas categorias sejam vistas do ponto de vista das verdades, como modos de ser não verdadeiros. Por fim, pretende-se agora acrescentar as categorias do Mal a esse

³²³ BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 76, tradução nossa, grifo nosso.

quadro, de modo a completar as comparações possíveis entre a ontologia, a fenômeno-lógica e a ética.

Essa forma de manifestação do Mal denominada traição tem como principal efeito rejeitar a fidelidade, negando o processo de verdade e reproduzindo o universo atinente ao âmbito do ser-múltiplo. Consequentemente, pode-se sustentar que há um paralelo entre a traição, o construtível na ontologia (controle incessante do excesso pela linguagem da situação) e o sujeito reativo (negação do acontecimento e produção de um presente mensurado que impede o aparecer de um inexistente). No que tange ao simulacro, essa forma de manifestação do Mal tem como efeito impor uma falsa verdade ao ser-múltiplo, mortificando seus elementos. Por consequência, é possível sustentar um paralelo entre o simulacro, a orientação dos grandes cardinais (controle do excesso por um elemento transcendente) e, o sujeito obscuro (imposição de uma ficção de corpo transcendente pleno que se supõe verdadeiro e que mortifica aquilo que existe, simulando o aparecer de um inexistente).

O desastre, por sua vez, não encontra um paralelo com nenhuma figura específica da ontologia ou da fenômeno-lógica. Porém, na medida em que ele produz os mesmos efeitos que a traição e o simulacro juntos, conforme demonstrado pela citação anterior, o paralelo se mantém. Isso porque os efeitos do desastre consistem nas orientações construtível e dos grandes cardinais (na ontologia) e nos sujeitos reativo e obscuro (na fenômeno-lógica). É importante destacar, porém, que, por mais que os efeitos do desastre sejam os mesmos da traição e do simulacro, não há nada que comprove que todo Mal como traição ou como simulacro deriva do desastre (da nomeação total por um processo de verdade). Em razão disso, e também do fato de Badiou ter mantido o desastre como um terceiro gênero, defendemos que se trata de uma forma autônoma de manifestação do Mal, por mais que seus efeitos sejam os mesmos das demais formas.

A ética das verdades seria, pois, um nome para a manifestação da orientação da existência que ocorre no plano do sujeito, conectando uma verdade ao ser-múltiplo. E ela acarretaria como efeitos o genérico (no plano do sujeito visto pela ontologia) e o sujeito fiel (no plano do sujeito visto pela fenômeno-lógica). Em contraposição a essas categorias, o desastre, a traição e o simulacro nomeiam a manifestação do não orientar-se na existência que ocorre no plano do sujeito. Defendemos que essa não orientação, à medida que consiste em um estado de desordem, caracterizado por um

agir negativo e guiado por uma noção de Mal oposta às verdades, equivale àquilo que Badiou denomina como “desorientação”. E ela produz como efeitos o construtível e os grandes cardinais (no plano do sujeito visto pela ontologia) e os sujeitos reativo e obscuro (no plano do sujeito visto pela fenômeno-lógica). A partir disso, podemos construir o seguinte quadro comparativo, relacionando todas essas categorias:

Tabela 1 – Orientação e desorientação

	Ética		Ontologia	Fenômeno-lógica
Orientação	Ética das verdades		Genérico	Sujeito fiel
Desorientação	Desastre	Traição	Construtível	Sujeito reativo
		Simulacro	Grandes cardinais	Sujeito obscuro

Essas considerações nos permitem dar um fechamento ao problema da desorientação de mundo. Por mais que a desorientação produza seus efeitos no plano do ser-múltiplo (ou “no mundo”, a partir da fenômeno-lógica), a causa desses efeitos deve ser buscada no plano do sujeito, que é o plano que permite a conexão (e, também, a não conexão) entre uma verdade e o ser-múltiplo. Assim, a desorientação, esse estado de desordem lastreado em um agir negativo, coincide com o desastre, a traição e o simulacro, esses tipos de Mal do qual decorrem o construtível/reativo e os grandes cardinais/obscuro no plano do sujeito. Em síntese, a desorientação nada mais é que uma neutralização subjetiva do inexistente, a qual acarreta diferentes formas de controle do excesso/vazio, tipificadas pela reação ou pelo obscurecimento.

4.7 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS: DESORIENTAÇÃO E ATONIA

Um mundo átono, segundo Badiou, é definido formalmente como um mundo sem pontos. Em termos algébricos, isso significa que seu transcendental homomórfico não contém isolados, isto é, não possui nenhum grau de intensidade acima do mínimo,

não havendo elemento originário de diferenciação do mínimo (posto que $\mu = M$)³²⁴. Sem isolados não há pontos; e sem pontos, não há qualquer possibilidade de decisão diferencial no interior do aparecer do mundo. A atonia é, portanto, a tradução fenomenológica de uma completa impossibilidade de tensão, pois um mundo no qual todas as intensidades aparecem de forma uníssona não admite a mínima variação capaz de sustentar decisões, escolhas ou localizações que abram passagem ao novo³²⁵. Esse emparelhamento indiferenciado faz com que a experiência aparente se torne plana, homogênea e sem distinções relevantes.

A teoria dos pontos permite compreender por que a ausência de isolados implica a impossibilidade de qualquer transformação verdadeira. Um ponto, enquanto operador topológico e homomórfico, projeta o transcendental de um mundo em um transcendental binário, reduzindo as intensidades do aparecer a uma decisão de sim ou não: pode este ente fazer aparecer um inexistente verdadeiro? Pode este grau participar da positivação de uma verdade?³²⁶ Para que essa projeção seja possível, a função homomórfica deve admitir que ao menos um grau mundano possa ser elevado ao máximo e que um outro se mantenha mínimo, isto é, requer uma heterogeneidade mínima de intensidades³²⁷. O ponto concentra as diferenças, força o transcendental a se pronunciar, e localiza a emergência do inexistente verdadeiro no interior das partes do mundo. Nos mundos átonos, porém, toda intensidade é tomada como equivalente, nenhuma diferença se destaca, e, por isso, o mecanismo mesmo da decisão, ou seja, a redução binária necessária para localizar uma verdade, não pode operar.

Fenomeno logicamente, isso significa que um mundo átono é um mundo no qual nenhum ente pode ser decisivamente testado, nenhum corpo pode ser interrogado quanto à sua capacidade de suportar o aparecer de uma verdade. Tudo se equivale, tudo se neutraliza. Como não há diferenciação mínima entre graus de aparecer, o transcendental do mundo é incapaz de estabelecer interiores, fronteiras ou zonas de passagem, impossibilitando a localização do que não existe³²⁸. A

³²⁴ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 466.

³²⁵ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 468-470.

³²⁶ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 459-460.

³²⁷ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 461-462.

³²⁸ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006,

consequência disso é que o inexistente, que poderia vir a ser incorporado por meio de um procedimento de verdade, permanece absolutamente inlocalizável, e, portanto, não passa a existir nesse mundo. A atonia, assim, não é um simples empobrecimento sensível, mas uma neutralização estrutural da capacidade do mundo de acolher transformações verdadeiras³²⁹.

É exatamente nesse ponto que a noção de desorientação se conecta à atonia. Conforme o diagnóstico apresentado por Badiou, a desorientação é sempre o efeito da derrota provisória, do obscurecimento ou da interrupção de um procedimento de verdade³³⁰. Ela emerge quando um mundo perde o ponto fixo capaz de organizar ações e pensamentos, dissolvendo-se num estado difuso de confusão, negatividade imediata e indiferença estrutural. Do ponto de vista da fenômeno-lógica, a desorientação consiste na incapacidade de discernir entre o ser e o aparecer de uma verdade, incapacidade que equivale à ausência, no transcendental, de qualquer grau que permita decidir, positivar ou localizar um inexistente verdadeiro. A desorientação, portanto, apresenta a mesma característica fundamental dos mundos átonos, qual seja, a impossibilidade de decisão.

Com base nisso, pode-se afirmar que, na fenômeno-lógica, a consequência mundana da desorientação é justamente a produção de mundos átonos. Quando o sujeito desorienta-se em relação a uma verdade (seja pelo desastre, pela traição ou pelo simulacro) o que se instala não é apenas um desarranjo político, afetivo ou ideológico, mas uma homogeneização das intensidades do aparecer. Cada um dos sintomas descritos por Badiou nas *Notas* (a mistura incoerente de posições, o identitarismo, o culto ao eu, a negatividade improdutiva, a submissão ao Estado etc.) tem como efeito lógico a neutralização do inexistente, que impede que qualquer verdade organize de dentro uma redistribuição das intensidades mundanas. O mundo, assim, torna-se incapaz de estruturar pontos, e passa a funcionar como uma pura superfície saturada de opiniões, demandas, imagens e afetos, mas sem qualquer princípio diferencial.

Vista por esse prisma, a atonia contemporânea não é mera ausência de

p. 431-433.

³²⁹ BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 437-442, 462-465.

³³⁰ BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris: Éditions Gallimard, 2022, passim; BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993, p. 60-77..

conflitos, mas indiferença estrutural em relação às diferenças essenciais, as quais permitem distinguir o que pode e o que não pode se conectar a uma verdade. O mundo pode parecer ruidoso, convulsivo e excessivamente “vivo”, mas esse ruído não cria pontos: ele se dispersa como uma oscilação contínua de posições que não abrem espaço para decisões universalizantes. A negatividade dos movimentos coléricos, o identitarismo competitivo, o moralismo ecológico ou o tribunal das opiniões não tensionam o mundo. Pelo contrário, eles o tornam mais homogêneo, porque deslocam toda decisão para o plano da opinião e da gestão, isto é, para um regime onde todas as intensidades são equivalentes. A desorientação, articulada a essa lógica, produz mundos fenomenologicamente átonos, incapazes de diferenciar o aparecer de uma verdade da circulação de meras opiniões.

Assim, pela articulação entre mundo átono e desorientação, podemos concluir que a desorientação não é apenas um estado afetivo ou político, mas um fenômeno que corrói a estrutura do aparecer, apagando justamente aquilo que permitiria a um mundo mudar, isto é, seus pontos. Um mundo desorientado torna-se um mundo átono porque perde a capacidade de produzir a mínima tensão que possibilitaria a irrupção e a localização de um inexistente verdadeiro. Em resumo, a desorientação, enquanto neutralização subjetiva do inexistente, produz a atonia, e a atonia, enquanto ausência de pontos, perpetua a desorientação. É esse círculo vicioso que caracteriza, para Badiou, a configuração mundana do nosso presente.

5 CONCLUSÃO

O percurso desenvolvido ao longo desta tese buscou situar o conceito de desorientação na filosofia de Alain Badiou, em especial no horizonte aberto pelo *Lógicas dos mundos*. Desde o início, o objetivo foi examinar a pertinência e o alcance desse conceito quando pensado não como uma abstração indeterminada, mas como categoria filosófica. A desorientação, assim compreendida, tangencia pontos da ética, da ontologia e da fenômeno-lógica de Badiou, sendo correlata ao problema da possibilidade de existência do inexistente. A partir dessa perspectiva, este trabalho procurou articular duas tarefas: em primeiro lugar, expor o arcabouço categorial badiouano, do plano ontológico à fenomenologia do aparecer; em seguida, reinscrever nele a noção de desorientação, explicitando seu lugar e suas consequências dentro da filosofia de Alain Badiou.

No primeiro capítulo, buscou-se mostrar não apenas como Badiou constrói sua ontologia tendo como pressuposto as verdades e sua compossibilidade, mas também de que modo o ser pode ser apreendido a partir de sua lógica do aparecer. Como a compossibilidade das verdades condiciona a filosofia, as construções filosóficas de Badiou devem ser pensadas a partir do ponto de vista das verdades, isto é, das irrupções no saber. Entre essas construções, estão a ontologia, atinente ao ser-múltiplo, e a fenômeno-lógica, atinente ao aparecer do ser-múltiplo.

A partir da matemática conjuntista, Badiou apresenta o ser como múltiplo de múltiplos, por meio de categorias como vazio, situação e estado da situação. O aparecer, por sua vez, é regulado por um transcendental mundano, derivado da lógica predicativa, que intermedia as identidades entre os entes. Ademais, no que diz respeito ao ser e a como ele aparece, a ontologia das situações múltiplas e a lógica transcendental dos mundos podem se comunicar dentro da fenômeno-lógica, à medida que a ontologia também pode ser apreendida como mundo.

O segundo capítulo avançou no exame da lógica de mundos, ressaltando sua especificidade em relação à tradição fenomenológica. Enquanto esta frequentemente permanece presa à descrição da experiência, Badiou opera uma transposição lógica: o aparecer é tratado como consistência mensurável, dotada de graus de existência e regulada por um transcendental. Essa abordagem permitiu analisar como os objetos

se inscrevem em situações determinadas e como tais inscrições podem ser normalizadas, singularizadas ou mesmo apagadas.

Em sua fenômeno-lógica, um objeto não é uma substância isolada, mas a unidade do aparecer, resultante de escolhas transcendentais que definem o que se conta como elementar. Uma relação entre dois objetos, por sua vez, só existe enquanto exposta a um terceiro dentro de um dado mundo. Ademais, tal relação só alcança universalidade quando essa mesma exposição é “observável” a partir de um quarto objeto. Explicitando como se mede o aparecer, este capítulo ofereceu o instrumental para a compreensão de que, do ponto de vista de um mundo, não há nada além dele. Em outras palavras, para se pensar o que não existe em um mundo, é preciso deslocar o olhar para um outro plano: o plano do sujeito.

O terceiro capítulo buscou realizar o deslocamento acima mencionado: do plano da lógica estritamente mundana para o plano do sujeito. Nessa passagem, tratou-se, inicialmente, do problema das transformações de mundo, discriminando as meras modificações (fatos e singularidades fracas) das mudanças reais (acontecimentos ou singularidades fortes). Avançando na temática das transformações, passou-se à análise da teoria dos pontos, em suas facetas algébrica e topológica. Após isso, o capítulo adentrou no problema da incorporação, isto é, no ato de “dar corpo” a um inexistente verdadeiro de um dado mundo.

Não é possível pensar essas três instâncias (transformação, ponto e corpo) sem trazer à tona plano do sujeito, que dá abertura a todas elas. O sujeito, trajeto aleatório de um processo de verdade, é aquilo que conecta uma verdade ao ser, possibilitando uma mudança real por meio da incorporação de um inexistente. Isso porque o sujeito orienta a existência a sustentar uma fidelidade em relação a uma certa verdade, isto é, a reconhecer inexistentes verdadeiros.

A desorientação, por sua vez, consiste no não reconhecimento da irrupção de inexistentes verdadeiros, o que neutraliza a potência de mudança real de uma verdade que atravessa um mundo. Contrária ao aparecer de uma verdade, a desorientação provoca efeitos mundanos diversos, que podem ser sintetizados em uma desordem atrelada a um agir negativo e a um Mal. O Mal, por sua vez, pode se manifestar como simulacro, traição ou desastre, tipos que acarretam diferentes consequências, as quais, cada uma ao seu modo, impedem a irrupção de um inexistente verdadeiro.

A partir das articulações expostas, podemos explicitar de modo mais rigoroso

o lugar próprio da desorientação no pensamento de Badiou. Embora os efeitos da desorientação se deem no mundo, seja pela neutralização das tensões do aparecer, seja pela homogeneização das intensidades, a causa de tais efeitos não reside no âmbito do ser-múltiplo, mas no plano do sujeito. Essa interpretação decorre de dois pressupostos fundamentais: (1) como o Mal (apresentado na *Ética*) produz efeitos semelhantes à desorientação (apresentado nas *Notas*), o Mal é o nome dado à desorientação na ética; (2) como exaustivamente demonstrado por Badiou, o Mal deriva do Bem (que nada mais é que uma orientação subjetiva por uma verdade). A desorientação, portanto, não diz respeito diretamente ao ser-múltiplo nem ao transcendental de um mundo, mas à capacidade subjetiva de sustentar um trajeto de verdade, interferindo, conseqüentemente, no âmbito do ser-múltiplo.

Esse ponto é decisivo: a desorientação não é um fenômeno primariamente mundano, mas subjetivo, e só se torna visível no plano mundano enquanto resultado de um fracasso, interrupção ou falseamento da orientação. A leitura simultânea da ética, da ontologia e da fenômeno-lógica confirma essa tripla articulação. No quadro sintetizado pela Tabela 1, vê-se que cada figura de orientação (o genérico, o sujeito fiel, a ética das verdades) encontra seus respectivos correlatos negativos quando há algum tipo de impedimento atinente à verdade. A desorientação, assim, nomeia esse conjunto de figuras negativas, as quais exprimem modos distintos de recusar o inexistente verdadeiro e de conservar o primado do ser-múltiplo sobre a verdade.

Com isso, torna-se mais claro por que a desorientação implica, necessariamente, uma neutralização subjetiva do inexistente. Em um mundo, o processo de uma verdade consiste no trajeto da incorporação de um elemento que, no regime do aparecer, não existe. Negar ou obscurecer essa incorporação equivale a recolocar o sujeito sob a jurisdição exclusiva do que já é/aparece, reinstalando a lógica da situação ou do mundo como limite último. É exatamente isso que ocorre nas três figuras do Mal: o simulacro substitui o inexistente por uma particularidade plena; a traição dissolve a indistinção entre interesse e interesse-desinteressado, rompendo o próprio vínculo que sustentava a verdade; o desastre absolutiza a potência de nomeação e elimina o inominável. Em todas elas, o inexistente deixa de operar como motor de uma verdadeira transformação, e o sujeito fica aprisionado à ordem do já dado. A desorientação, assim, nada mais é que a recusa de se orientar pela irrupção do que não existe.

É justamente por essa via que se compreende a conexão entre desorientação e atonia. Como mostra a última seção, um mundo átono é um mundo sem pontos, e um mundo sem pontos é aquele que não dispõe de diferenças mínimas capazes de sustentar uma decisão. Se o ponto é o lugar onde o transcendental é forçado a se pronunciar, localizando o inexistente e abrindo caminho à transformação, então a ausência de pontos corresponde à impossibilidade mesma de toda decisão verdadeira. Essa ausência, porém, não se explica por si só: ela é o resultado de um apagamento do inexistente no plano subjetivo. Quando o sujeito fracassa em seu trajeto aleatório, não incorporando inexistentes conexos a um acontecimento, seja por terror, por renúncia ou por absolutização, o mundo perde sua tensão interna, já que não há uma diferenciação mínima que permita discernir os indiscerníveis.

Assim, a fenômeno-lógica de Badiou confirma, por outro caminho, o diagnóstico ético e ontológico: a desorientação produz mundos incapazes de decidir, mundos que não diferenciam o aparecer de uma verdade da circulação indiferenciada das opiniões. Os sintomas contemporâneos listados por Badiou, como o identitarismo, o moralismo, o judicialismo, a negatividade colérica etc., devem ser entendidos não como causas, mas como sinais dessa neutralização. Eles indicam que nenhum trajeto de verdade orienta o aparecer, e que, por isso, o mundo se mantém saturado, ruidoso, mas estruturalmente impotente. A atonia, longe de ser ausência de conflito, é ausência de diferença: um nivelamento das intensidades que impede qualquer irrupção qualitativa. A desorientação, nesse sentido, não apenas impede a transformação, como também impede que o próprio impedimento seja percebido.

Diante disso, pode-se enfim responder ao problema de pesquisa desta tese. Delimitar a categoria da desorientação na filosofia de Badiou implica reconhecê-la como uma categoria eminentemente subjetiva, cuja função é nomear as formas pelas quais um sujeito falha em sustentar a orientação de uma verdade, o que acarreta uma reorganização negativa do campo do aparecer. A desorientação não é um conceito ético isolado, nem uma simples patologia do mundo contemporâneo, mas uma categoria filosófica que articula o plano subjetivo na ética, na ontologia e na fenômeno-lógica. Ela é, ao mesmo tempo, o correlato negativo da ética das verdades, o operador ontológico que reconduz o pensamento ao construtível ou aos grandes cardinais, e o princípio fenomenológico que engendra os tipos formais reativo e obscuro de sujeito, neutralizando inexistentes e produzindo mundos sem pontos.

REFERÊNCIAS

- ADKINS, Brent. Deleuze and Badiou on the Nature of Events. *Philosophy Compass*, n. 7/8, p. 507–516, 2012.
- ADKINS, Brent. On the Subject of Badiou: A Deleuzian Critique. *The Journal of Speculative Philosophy*, v. 29, n. 3, [Special issue with the society for phenomenology and existential philosophy], p. 395-402, 2015.
- AGAMBEN, Giorgio. *O tempo que resta: Um comentário à carta aos Romanos*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BACKMAN, Jussi. Politics of the Idea: (Anti-)Platonic Politics in Arendt and Badiou. *Comparative and Continental Philosophy*, dez. 2020.
- BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012.
- BADIOU, Alain. *Conditions*. 1. ed. Éditions du Seuil : Paris, 1992.
- BADIOU, Alain. *L'éthique: essai sur la conscience du Mal*. 1. ed. Paris: Hatier, 1993.
- BADIOU, Alain. *L'être et l'événement*. 1. ed. Paris : Éditions du Seuil, 1988.
- BADIOU, Alain. *Le concept de modèle*. 1. ed. Paris : François Maspero, 1969.
- BADIOU, Alain. *Logiques des mondes : l'être et l'événement*, 2. 1. ed. Paris : Éditions du Seuil, 2006.
- BADIOU, Alain. Louis Althusser: o (re)começo do materialismo histórico. In: BADIOU, Alain. *A aventura da filosofia francesa no século XX*. Tradução de Antonio Teixeira e Gilson Iannini. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 97-120.
- BADIOU, Alain. *Manifeste pour la philosophie*. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1989.
- BADIOU, Alain. *Mathematics of the transcendental*. Editado e traduzido por A. J. Bartlett e Alex Ling. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Publishing, 2014.
- BADIOU, Alain. *O século*. Tradução de Carlos Felício da Silveira. 1. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.
- BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. Tradução de Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodré. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BADIOU, Alain. *Remarques sur la désorientation du monde*. 1. ed. Paris : Éditions Gallimard, 2022.
- BADIOU, Alain. *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*. Séminaire public d'Alain Badiou. Paris, 2004-2005. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretemps.asso.fr/Badiou/04-05.htm>. Acesso em 19 jan. 2025.
- BADIOU, Alain. *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*. Séminaire public d'Alain Badiou. Paris, 2005-2006. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretemps.asso.fr/Badiou/05-06.2.htm>. Acesso em 19 jan. 2025.

- BADIOU, Alain. *S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence*. Séminaire public d'Alain Badiou. Paris, 2006-2007. Transcrição de François Duvert. Disponível em: <http://www.entretiens.asso.fr/Badiou/06-07.2.htm>. Acesso em 19 jan. 2025.
- BADIOU, Alain. *São Paulo: a fundação do universalismo*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- BADIOU, Alain. *Théorie du sujet*. 1. ed. Paris : Éditions du Seuil, 1982.
- BADIOU, Alain; BALMÈS, François. 2. Revolt and Communist Invariants: B. The Old, The New, The Invariant. In: BADIOU, Alain; BALMÈS, François. *On Ideology*. Tradução para o inglês de J. E. Morain. Disponível em: <https://www.negationmag.com/articles/on-ideology-badiou-balmes>.
- BAKER, Gideon. The Revolution Is Dissent: Reconciling Agamben and Badiou on Paul. *Political Theory*, v. 41, n. 2, p. 312-335, 2013.
- BARBOUR, Charles A. Militants of Truth, Communities of Equality: Badiou and the ignorant schoolmaster. *Educational Philosophy and Theory*, v. 42, n. 2, p. 251-263, 2010.
- BASSETT, Keith. Event, politics, and space: Rancière or Badiou?. *Space and Polity*, School of Geographical Science, University of Bristol, Bristol, 2016.
- BASSETT, Keith. Thinking the event: Badiou's philosophy of the event and the example of the Paris Commune. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 26, p. 895-910, 2008.
- BELL JR., Daniel M. Badiou's Faith and Paul's Gospel. *Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities*, v. 12, n. 1, p. 97-111, 2007.
- BISTOEN, Gregory; VANHEULE, Stijn; CRAPS, Stef. Badiou's theory of the event and the politics of trauma recovery. *Theory & Psychology*, v. 24, n. 6, p. 830-851, 2014.
- BOER, Roland. Theology and the event: ambivalence of Alain Badiou. *The Heythrop Journal*, v. 52, p. 234-249, 2011.
- BRANDER, Sandy. Being, Appearing, and the Platonic Idea in Badiou and Plato. *Open Philosophy*, n. 2, p. 599-613, 2019.
- BRASSIER, Ray. Badiou's Materialist Epistemology of Mathematics. *Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities*, v. 10, n. 2, p. 135-150, 2005.
- BUTTELLI, Felipe Gustavo K.; LE BRUYNS, Clint. Theology in Public Space and Social Movements: Notes from Alain Badiou's Concept of Event. *Open Theology*, n.4, p. 295-406, 2018.
- CALGAGNO, Antonio. Alain Badiou: the event of becoming a political subject. *Philosophy Social Criticism*, n. 34, p. 1051-1070, 2008.
- CONSTANTINOU, Marios. Badiou's topology of action as an ethical epistemology of the event. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 27, p. 771-782, 2009.
- DANIEL, James. The Event That We Are: Ontology, Rhetorical Agency, and Alain Badiou. *Philosophy & rhetoric*, v. 49, n. 3, p. 254-276, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAWSON, Joshua A. Power Failure: Appearance and Change in Badiou's Logics of Worlds. *The Journal of Speculative Philosophy*, v. 38, n. 3, p. 248-259, 2024.

DESCARTES, René. *Discurso do método & ensaios*. 1. ed. Organizado por Pablo Rubén Mariconda. Traduzido por César Augusto Battisti, Érico Andrade, Guilherme Rodrigues Neto, Marisa Carneiro de Oliveira Franco Donatelli, Pablo Rubén Mariconda, Paulo Tadeu da Silva. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DOSSE, François. *História do estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966*. v. 1. Tradução de Álvaro Cabral. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DOSSE, François. *História do estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. v. 2. Tradução de Álvaro Cabral. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DREWSBURY, J. D. Unthinking subjects: Alain Badiou and the event of thought in thinking politics. *Transactions of the Institute of British Geographers*, New Series, v. 32, n. 4, p. 443-459, 2007.

HALL, Sterling. Non-correlational phenomenology: Badiou, the Logic of Appearance, and Ideology. *Chiasma*, v. 6, n. 1, p. 101-137, 2020.

HALLWARD, Peter. Generic Sovereignty: The philosophy of Alain Badiou. *Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities*, v. 3, n. 3, p. 87-111, 1998.

HAMILTON, Alexander; JAY, John; MADISON, James. *The Federalist Papers*. Editado com introdução e notas de Lawrence Goldman. 1. ed. Nova York: Oxford University Press, 2008.

HARRISON, Oliver. Revolutionary Subjectivity in Post-Marxist Thought: The Case of Laclau and Badiou. *Global Discourse: An Interdisciplinary Journal of Current Affairs and Applied Contemporary Thought*, v. 2, n. 2, 2011.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

HEIDEN, Gert-Jan van der. Subjective Fidelity in an Objective Phenomenology. In: HEIDEN, Gert-Jan van der et al. (eds.). *Investigating Subjectivity: Classical and New Perspectives*. 1. ed. Boston/Leiden: Brill, 2012. p. 115-131.

HEWLETT, Nick. Engagement and transcendence: the militant philosophy of Alain Badiou. *Modern & Contemporary France*, v. 12, n. 3, p. 335-352, 2004.

HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. 41 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HOBSBAWM, Eric J. *A era do capital: 1848-1875*. Tradução de Luciano Costa Neto. 28. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 24. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

JOHNSTON, Adrian. Phantom of consistency: Alain Badiou and Kantian transcendental idealism. *Continental Philosophy Review*, n. 41, p. 345-366, 2008.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução de Paulo Quintela. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2007.

KANT, Immanuel. *Que significa orientar-se no pensamento?*. Tradução de Artur Morão. [s. l]: Lusosofia Press, [s. a].

KOSYKHIN, Vitaly. Suspension of the One: Badiou's Objective Phenomenology and Politics of the Subject. In: MAGUN, Artemy. *Politics of the One: Concepts of the One and the Many in Contemporary Thought*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Publishing, 2012. p. 71-85.

LEFORT, Claude. *A invenção democrática: os limites do totalitarismo*. Tradução de Isabel Marva Loureiro. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A noção de estrutura em etnologia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2017. p. 281-324.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Tradução de Paulo Neves. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

LIVINGSTON, Paulo M. *Badiou, Mathematics, and Model Theory*, University of New Mexico, 2011. Disponível em: <https://philpapers.org/go.pl?id=LIVBMA&proxyId=&u=http%3A%2F%2Fwww.unm.edu%2F~pmliving%2FBadiou%2C%2520Mathematics%2C%2520and%2520Model%2520Theory.pdf>. Acesso em 09 fev. 2025.

MADARASZ, Norman. Beyond recognition: Badiou's mathematics of bodily incorporation. *Filozofski vestnik*, v. 41, n. 2, p. 285-308, 2020.

MADARASZ, Norman. *O múltiplo sem um: uma apresentação do sistema de Alain Badiou*. 1. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2011.

MADARASZ, Norman. The regularity of non-Being: space and form in Alain Badiou's system. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 27, p. 796-822, 2009.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. I. 1. Tradução de Rubens Enderle. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIRENBERG, Ricardo L.; NIRENBERG, David. Badiou's Number: A Critique of Mathematics as Ontology. *Critical Inquiry*, n. 37, p. 583-614, 2011.

O'KEEFFE. Being in the World According to Badiou. *The Comparatist*, v. 44, p. 25-45, out. 2020.

O'CONNOR, Patrick; ASPBURY, Frederick. The Courage for Infinity: Mortal and Immortal Ethics in Alain Badiou. *Journal of the British Society for Phenomenology*, v. 44, n. 2, p. 129-144, out. 2014.

PEQUEÑO, Mikel V. Los fundamentos onto-lógicos de la metafísica de Alain Badiou: la relación entre ser y ser-ahí. *Logos: Anales del Seminario de Metafísica*, n. 52, p. 139-159, 2019.

PHELPS, Hollis. Badiou, Keyser, and the Theo-mathematics of the Infinite. *Theology and Science*, v. 12, n. 1, p. 49-63, 2014.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Edição Bilingue. 1. ed. Belém: Ed.ufpa, 2016.

PLATÃO. *Parmênides*. Tradução de Maura Iglesias e Fernando Rodrigues. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2003.

PLOTNITSKY, Arkady. Experimenting with ontologies: sets, spaces, and topoi with Badiou and Grothendieck. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 30, p. 351-368, 2012.

PROZOROV, Sergei. Badiou's biopolitics: the human animal and the body of truth. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 32, p. 951-967, 2014.

ROQUE, Tatiana. *História da matemática: uma visão crítica, desfazendo mitos e lendas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SHAW, Ian G. R. Sites, truths and the logics of worlds: Alain Badiou and human geography. *Transactions of the Institute of British Geographers*, n. 35, p. 431-442, 2010.

SOTIRIS, Panagiotis. Beyond Simple Fidelity to the Event: The Limits of Alain Badiou's Ontology. *Historical Materialism*, v. 19, n. 2, p. 35-59, 2011.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Tradução de Fabiano Moraes. 1. ed. Niterói: Eduff, 2017.

VARTABEDIAN, Becky. Negation, Structure, Transformation: Alain Badiou And The New Metaphysics. *Open Philosophy*, n. 1, p. 213-222, 2018.

WATKIN, William. *Badiou and communicable worlds: a critical introduction to Logics of worlds*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2021.

WATKIN, William. *Badiou and indifferent being: a critical introduction to Being and event*. 1. ed. Nova York: Bloomsbury Academic, 2017.

WILD, David. Alain Badiou's Politics and the Problem of Social History. *Critical Horizons*, v. 10, n. 3, 391-411, 2009.

WRIGHT, Colin. Resurrection and Reaction in Alain Badiou: Towards an Acontecimental Historiography. *Culture, Theory and Critique*, v. 49, n. 1, p. 73-92, 2008.

ZABATIERO, Júlio Paulo T. M. A fenomenologia materialista de Alain Badiou: um programa de pesquisa para as Ciências da Religião. *Reflexão*, Campinas, n. 45, 2020.